

FALLA
AMOREM DO
LE



UMA CENA ÍNTIMA da família real britânica, por ocasião das férias recentemente passadas no castelo de Balmoral. No jardim aparecem o duque de Edimburgh e os principinhos Charles e Anne, divertindo-se com um balanço. A rainha a tudo assiste, tendo ao lado o cão favorito do duque, «Dandy».

NA INTIMIDADE

**A SIMPLICIDADE GERA O RESPEITO E A TRADIÇÃO — ONDE O FEIO É SEGUIR
COSTUMES FORÇADOS — A FASE MAIS FELIZ DA FAMÍLIA REAL INGLÊSA É O
PERÍODO DE FÉRIAS NA ESCÓCIA — SINGULARIDADES DE UM CASAL FELIZ.**

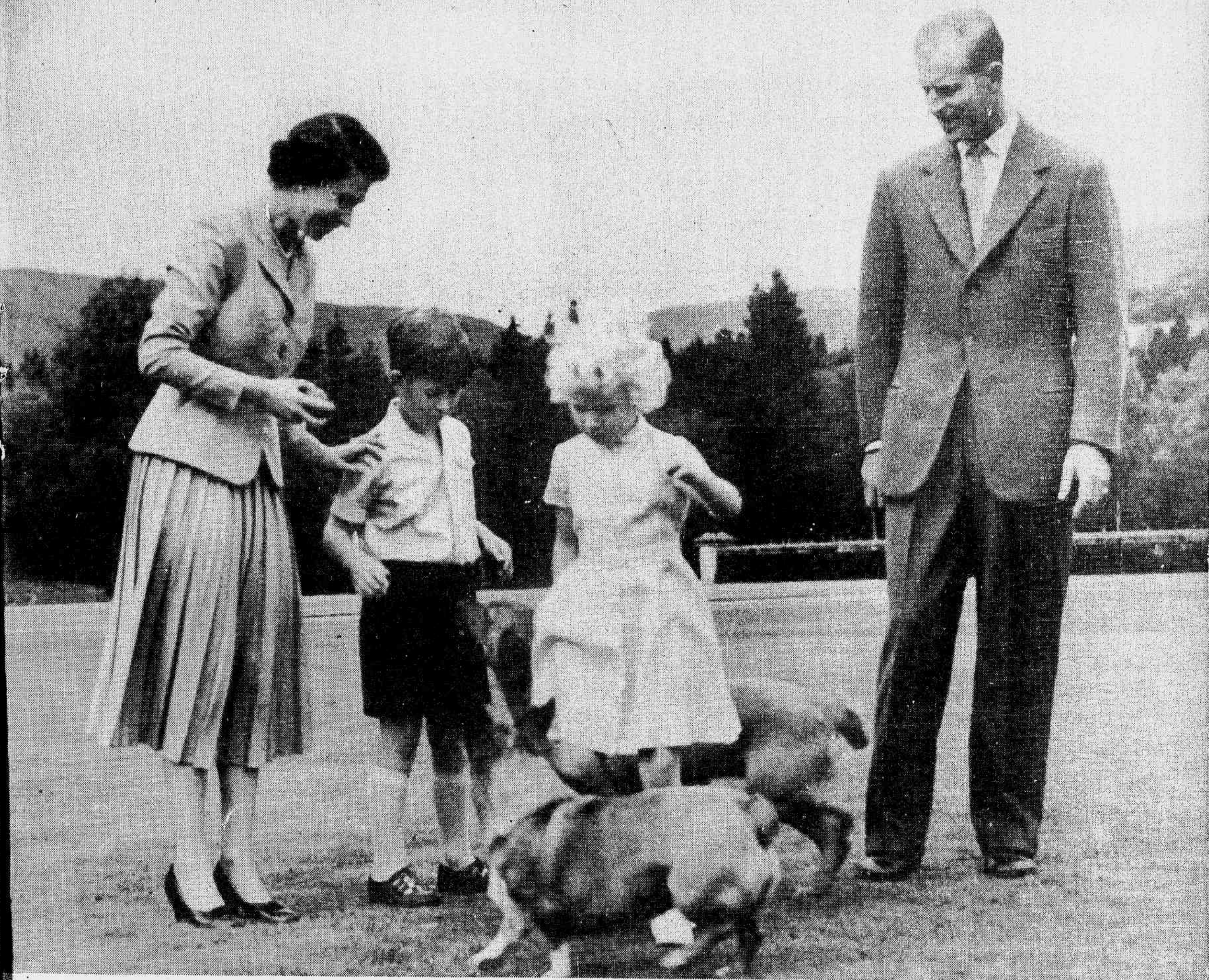
Texto de LUIZ MENEZES

A popularidade da família real britânica, tem atingido o seu clímax nesses últimos meses, desde que Margaret passou a viver a última etapa de seu romance com o coronel Townsend. A negativa da princesinha e a conseqüente revolta de alguns círculos populares contra sua heróica atitude com vistas a não quebrar a solenidade e a reverência da família real, animou-

nos a divulgar neste número um relato completo da intimidade da família imperial, que servirá de subsídio a todos quanto pensava que ser rei ou rainha é viver dentro de um tradicionalismo exagerado e enfadonho. Podemos, em contraposição, adiantar que há mais liberalidade no recesso dos palácios reais do que propriamente no seio das classes conservadoras, que assu-

mem a responsabilidade de envolver nessa espécie de mito, a vida e as atitudes de personagens de «sangue azul».

Foi nas últimas férias da família real inglesa em Balmoral, Escócia, que colhemos o material que hoje apresentamos. Desde as mínimas refeições do jovem casal real até os folguedos inocentes da princesinha Anne e do príncipe Char-



ACIMA, NO CASTELO de Balmoral, a família imperial observa dois dos inúmeros cães de sua propriedade; na foto de baixo, o príncipe Charles, que um dia ocupará, ao que tudo indica — o trono da Inglaterra, dá uma volta pelo prado conduzindo pelas rédeas seu pônei, de nome «William».

DE UM REINADO

les, a narrativa que agora fazemos, servirá para, pela primeira vez, acreditamos, contar em detalhes o que a imprensa nunca pôde ver. Um valete da Côrte pôde fornecer-nos os elementos da narrativa.

Dizem que a rainha Elizabeth tem verdadeira atração pelo Castelo de Balmoral, onde anualmente passa as férias em companhia do espôso, do príncipe Charles e da princesinha Anne. A soberana do Império Britânico faz seus programas desde dois meses antes das férias, e embora saiba que não se afastará dos seus compromissos para com a Côrte, a rainha risca de seu programa diário uma série de atos que julga dispensáveis durante suas merecidas férias.

Uma vez na Escócia, a coisa muda de figura. A jovialidade existente no casal parece dominar tôdas as atitudes. Bem cedo, pela manhã, o duque de Edimburgh já está de pé e faz questão de ir ao campo ordenhar e trazer no balde



NA INTIMIDADE DE UM REINADO

o leite que usarão para a primeira refeição. Embora tenha uma centena de pagens e quase um batalhão de eméritos «mestre-cucas», o esposo da rainha não se furta ao prazer de recordar seus velhos tempos de menino na Grécia, onde saltitava nos campos de Patras, olvidando sua condição de «sangue azul». Também a rainha gosta de passear no campo, mas é inimiga de acordar cedo. Somente às oito e nove horas a soberana começa seu dia de atividades, a não ser que compromissos inadiáveis a obriguem ao contrário. Quem geralmente acompanha a mamãe é o príncipe Charles, caçador famoso de tatus. A princesinha Anne, mais afeiçoada ao pai, é também um pouco retraída. Chora muito quando se lhe contrariam as vontades infantis.

A rainha gosta de nadar. Aprecia o esporte que joga o marido: tênis. Tem predileção por fritada de ovos de avestruz e come macarrão como um italiano. De seus passeios a cavalo escolhe sempre o potro mais chucro, para, segundo diz, lembrar os períodos de exército, onde percorria a cavalo grandes extensões de setores militares para visitar as tropas inglesas que estavam em guerra. Diz-se que várias vezes dominou cavalos violentos e nunca perdeu a montaria. O duque de Edimburgh aprecia mais os passeios de charrete e sempre que está longe dos olhos curiosos dos pagens, brinca de «pegar» com os dois filhos. A liberdade das crianças é absoluta. No «play-ground» do Castelo de Balmoral elas «pintam o sete». A reportagem fotográfica que ilustra este texto, nos dá



DURANTE UMA RECEPÇÃO, a rainha Elizabeth II, da Inglaterra, e seu marido, o príncipe consorte, Phillip de Mountbaten, duque de Edimburgh, são recebidos com as honras de estilo pelos anfitriões. O prestígio da rainha é sempre maior.

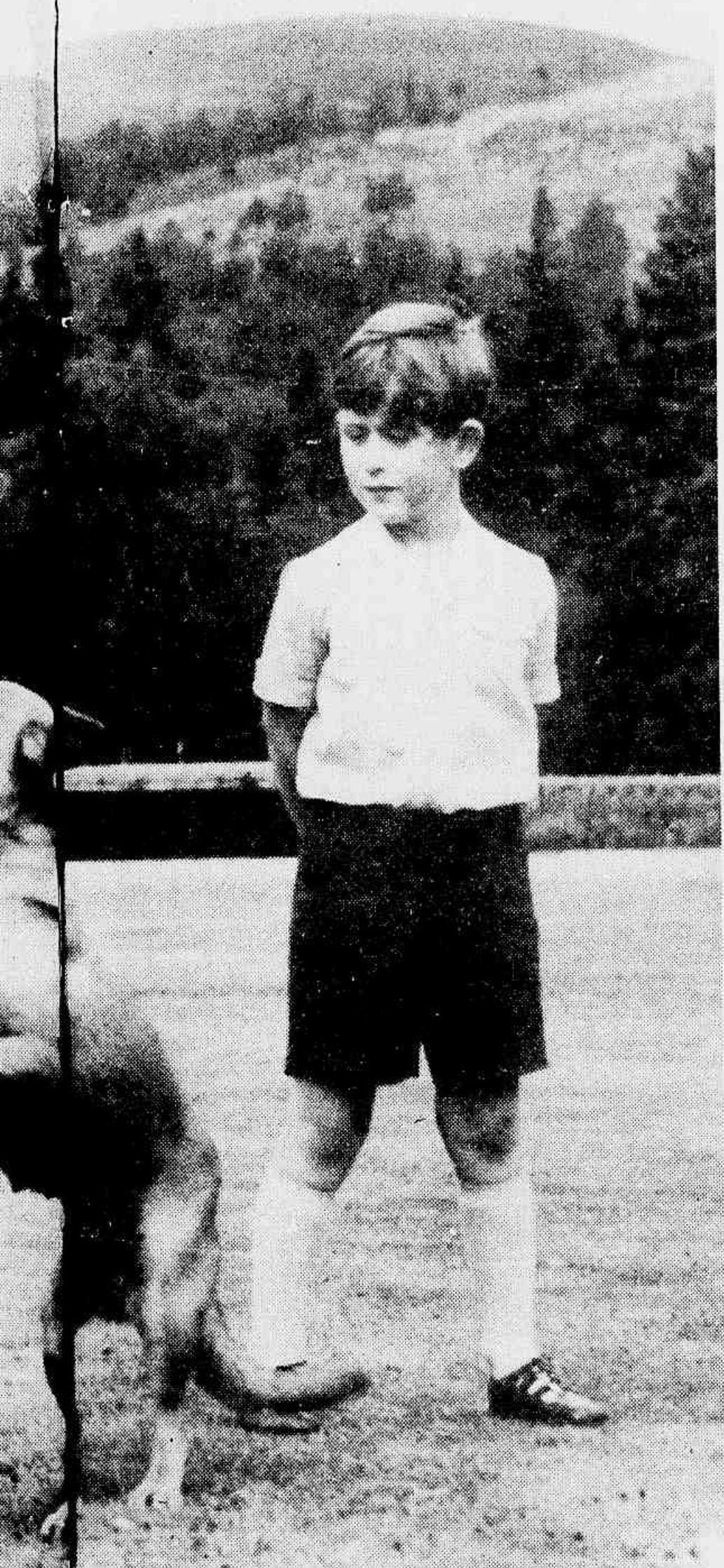


O PRINCIPESINHO CARLOS observa sisudo como seu pai, o duque de Edimburgh, brinca com seu cão «Dandy», nos jardins do cas-

mostra dos folguedos dos futuros dirigentes do império, sempre acompanhados pelos pais.

O duque de Edimburgh é um fidalgo, nunca esquecendo os tradicionais exemplos de seus antepassados e os maneirismos «salamaleques» de um nobre. Apesar disso, joga tênis e muito bem; quando perde discute o lance e chega a inflamar-se. Conta-se que uma certa vez, ainda solteiro, o príncipe Felipe empenhou-se numa contenda por causa de um resultado do jogo da raquete, complicando a situação de tal modo que outras pessoas se viram forçadas a enfrentá-lo.

Apesar de aparentar muita calma o duque é bastante agitado. Nunca elevou, porém, sua voz diante dos familiares. É todo reverência e carinho, quando está ao lado dos filhos. A princesinha Anne puxou ao pai. E como dissemos,



telo de Balmoral, no qual, todos os anos, a família imperial inglesa passa suas férias de verão, repousando dos afazeres de Estado.

algo chorona, mas alegre quando brinca. Gosta de ver revistas americanas, lê livros infantis e adora brincar com bonecas, fazer recortes em papel, e é de uma extravagância única quando come guloseimas. O príncipe Charles será um bom rei, dizem todos. É autoritário, gosta de mandar, e possui uma personalidade inabalável. Todas as suas opiniões prevalecem quando é possível. Volta e meia recebe uns puxões de orelhas do papai ou da mamãe, quando está muito arreado. Joga tênis com uma raquete infantil, anda num "pony" malhado, e tem predileção especial pelo time do Arsenal. Quer ver corridas de cavalos todas as semanas e fica agitado quando se lhe mostra na televisão uma partida do seu clube preferido.

Durante sua permanência na Escócia, a família real consegue recuperar alguns bons quilos



A PRINCESINHA ANNE ajuda a sua mãe, a rainha Elizabeth II, da Inglaterra, a colocar a brida em seu pônei «Greensleeves». Ao contrário de seu irmãozinho, a princesa Anne é de temperamento quieto e sossegada. Seus cabelos são louros como trigo, e seus olhos, azuis.

de peso. Aclimatou-se perfeitamente ao zoneamento frio de Balmoral. Consomem grande quantidade de café, e ao que se sabe, acham uma extravagância deliciosa saborear um pouco de feijão preto, (já o receberam muitas vezes do Brasil). Lagostas ao molho de fumaça é o alimento predileto do jovem casal real inglês. Sir Anthony Eden é o convidado especial para os jantares particulares da Corte, quando se serve esse prato. Apesar da grande atividade do casal, os membros da família real não dormem tarde. Lá pelas 10 horas da noite, costumeiramente ceiam e se recolhem aos aposentos. Desde às 20 horas, porém, os dois filhos do casal já estão dormindo. Nunca se ouviu uma discussão entre o duque e a rainha. Evidentemente devem ter seus atritos naturais, mas mesmo na intimidade do Palácio os dois sempre se apresentam

risonhos e felizes. Os observadores sociais da Corte entre os quais figuram personalidades representativas do império, admitem que o casal até hoje sempre se houve bem. Recentemente, quando do desfecho do romance Margaret, a rainha pareceu estar bastante preocupada, tendo conferenciado com o espôso por diversas vezes sobre o assunto. Estas conferências, todavia, nunca foram divulgadas. Sabe-se que Elizabeth tem grande veneração pela memória do pai, e faz tudo por não desmerecer sua obra. A personalidade e evidência da família real é, para ela, assunto da mais transcendente envergadura. Sua personalidade e disposição pessoal já fizeram com que interviesse inúmeras vezes, insurgindo-se contra tudo e contra todos, em defesa do que prescreve o Código de Honra dos Castelos Reais Ingleses.

A GRANDE SINFONIA



PRAÇA da República, frente ao Palácio da Guerra, meio-dia de sexta-feira, 11 de novembro de 1955. Chove bastante, uma chuvinha miúda que não acaba mais: o céu cinzento, a aviação comercial sem teto, outros ambientes carregados — mas o povo, supremo herói, continua a proteger-se sob o seu guarda-chuva doméstico, sem lugar muito (aparentemente) às ocorrências. Veja-se o flagrante: trânsito de viaturas contornado para as imediações, deixando livre o asfalto molhado, face ao majestoso edifício. Lá dentro, também tudo em paz. De apito na boca e

as mãos em pose de maestro que vai reger a grande sinfonia, o P.M. cumpre com o seu dever: afasta os autos para as outras ruas.

E o povo, de pés úmidos e cabeça quente, a coberto da água pelo guarda-chuva doméstico, passa tranqüilamente, sem qualquer proibição, pelo monumental edifício tão em evidência naquela data. Enquanto o secular Campo de Santana que a tantos acontecimentos marcantes já assistiu, inclusive ao da Proclamação da República, vive mais algumas horas que a posteridade guardou.

A chuva continua. A vida também.

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira
ASSISTENTE... José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petarca Maranhão, Menezes Júnior, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Na intimidade de um reinado.....	2/5
De Copacabana à Quinta da Boa Vista	8/10
Fotografados pela primeira vez.....	16/17
Inezita Barroso: uma vitória vertiginosa	28/29
Monumento a Machado	34/35
Gente de teatro	36/37
Fala Amorim do Valle	38/43
Depois da Semana (de quatro dias) em Quitandinha	44/45
A Santa Igreja acolhe a todos.....	48/49

SEÇÕES

Champanhota	11
Puxe pelo cérebro	12
Semana em Revista	14/15
Artes	18
Por esse mundo de Deus	20/21
TV na Revista	24
Palavras Cruzadas	25
Femininas	30/31
Astrologica	32
Literária	33
Revista há 50 anos	46
Último Flash	50
Figura em Foco (Nereu Ramos)	51
Fortuna	54/55

LITERATURA

Festejos (Adalgisa Nery)	7
O «Sanctus» (E.T.A. Hoffmann)	26/27
Os cachos de Mariazinha (José C.V. Pontes)	52/53

CAPA

Inezita Barroso (Foto Soliar)

Este número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

FESTEJOS

ESTAMOS adquirindo o hábito de festejar tudo sem primeiro estarmos com a alma preparada para festejos. Fazemos a semana da criança mas, não gostamos da criança. Fazemos a semana da economia mas, desprezamos essa disciplina. Promovemos a semana da professora mas, ninguém gosta da professora. E assim por diante. Os últimos festejos foram dedicados à árvore. Muita gente plantou um arbusto e dessa plantação esporádica os jornais mostraram vários homens de governo curvados sobre uma pá atagando com a terra, a raiz de qualquer jacobiteira. Mas o interessante foi que, ao sétimo dia da semana da árvore, as florestas e mesmo os jardins públicos sofreram uma dolorosa devastação. As matas foram cortadas e a madeira transformada em carvão. Lugares de grandes e gostosas sombras, refúgio de pássaros e do viajante fatigado pelo sol e pelo caminhar, foram drasticamente mudados em terrenos nus e desolados.

Os campos de eucaliptos desapareceram. As velhas mangueiras de troncos austeros e li-mosos foram abatidas sem piedade. Podíamos dizer que depois da semana da árvore festejamos a semana da derrubada das matas.

No Brasil, unicamente há o espírito festeiro, e esse não precisa ter razões de contentamento de alma para tomar conta dos movimentos dos brasileiros.

Homenagear alguma coisa é antes de tudo estar prêso ao sentido de um bem. E' o fator de simpatia por pessoa, coisa, ou circunstância. Festejar pelo simples fato de ser o dia

marcado para festejar, para render homenagem aquilo que não está ligado ao nosso espírito é movimentar-se no escuro e gastar energia sem finalidade alguma. A semana da criança foi a mesma coisa. Logo após o último dia marcado, os jornais publicaram diversos instantâneos de crianças abandonadas e famintas largadas nas ruas da cidade. E note-se que o comentário jornalístico não se fazia no sentido de prolongar a semana da criança no espírito de cada adulto, por tempo indeterminado. Eram notícias inteiramente desligadas dos festejos ainda frescos do dia anterior.

E' que nós brasileiros não estamos educados nem para festejar. Não sabemos porque festejamos alguma coisa. Festejamos sem espontaneidade, sem alma, sem consciência da nossa própria razão de alegria e daí vem a facilidade espantosa do brasileiro para converter uma aflição, um sofrimento ou um problema sério, em anedota. E' necessário ensinar primeiro porque amamos a árvore, porque devemos amar uma criança, porque devemos amar as professoras, nossos pais, os nossos amigos e os nossos semelhantes.

Depois de sabermos bem porque empregamos amor às coisas, às pessoas e às circunstâncias, então nos é dado o direito de festejar a vida, as criaturas e a natureza.

ADALGISA NERY

OS ACONTECIMENTOS DE 23 DE NOVEMBRO



Depois da participação que teve o forte de Copacabana, tantas vezes histórico, nas ocorrências de 11 de novembro, a curiosidade permaneceu por muitos dias nêle concentrada. Mas o forte ficou silencioso, e silencioso está, num indício de que reina completa tranqüilidade no país.

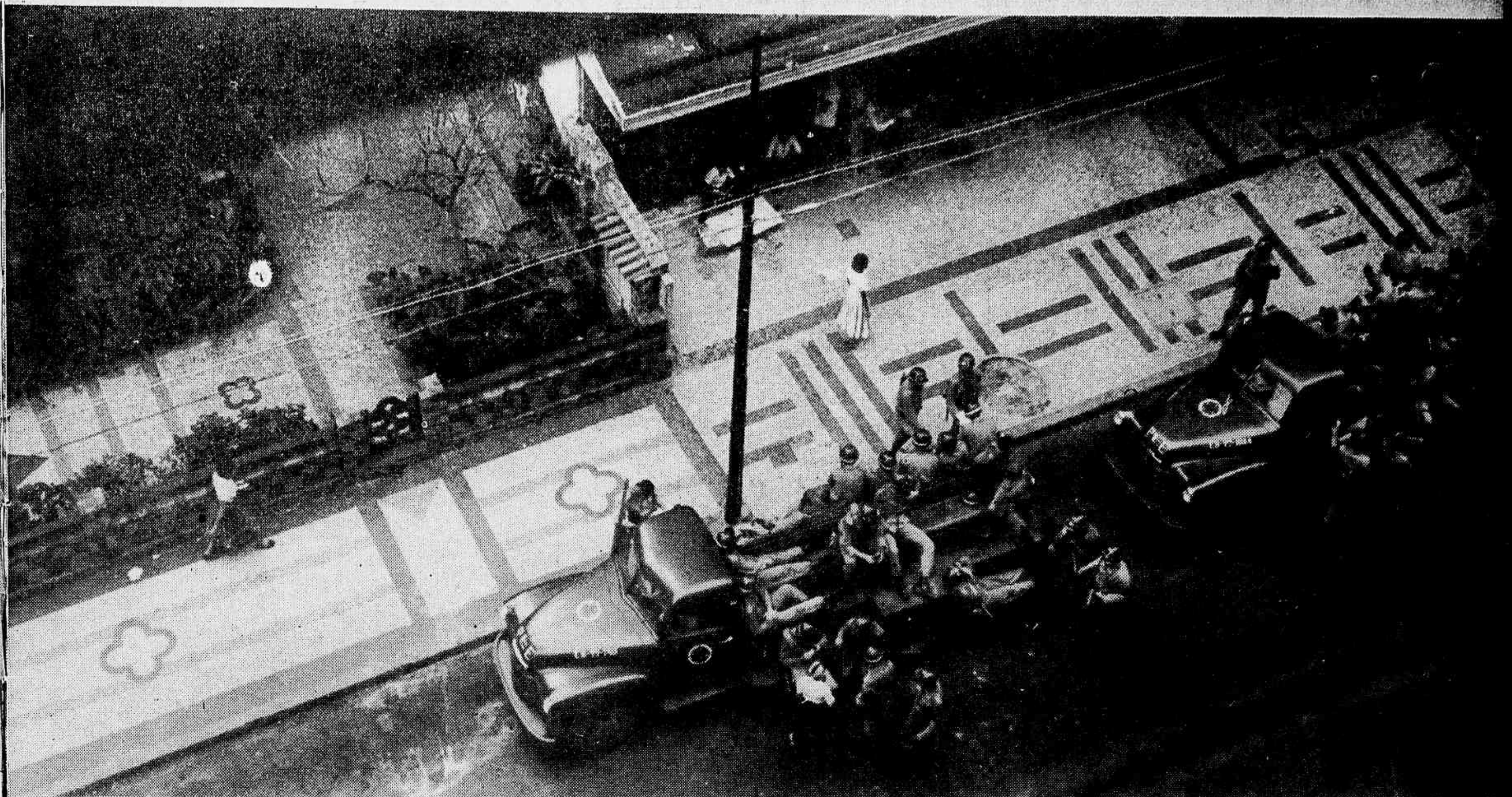
DE COPACABANA À



A nota original das ocorrências da cidade, que culminaram com a decretação do Estado de Sítio, consistiu no ar pacífico da própria metrópole e da sua gente. Desciam e subiam tropas em viaturas transbordantes de homens e material bélico, sem que os homens, as senhoras e as crianças dessem a menor atenção a êsse espetáculo. Tudo parecia ser mera deslocação de material e de seus componentes, em função de rotina. Apenas o «tank» que permaneceu à porta do edifício de apartamento em que reside o sr. Café Filho, por encontrar-se em plena Av. N.S. de Copacabana, no coração do bairro aristocrático, atraiu maiores curiosidades. Mas ninguém chegou a ir vê-lo, desde outro bairro.

— O Brasil é um país originalíssimo — ouvimos de um cidadão norte-americano que por acaso assistiu aos últimos acontecimentos. Em qualquer outra parte do mundo, essa alteração de governo seria bastante para convulsionar o país inteiro... Em Copacabana, na Quinta da Boa Vista, à entrada dos edifícios da Câmara dos Deputados, do Senado Federal, e em outros pontos estratégicos, a presença de sentinelas, «tanks», metralhadoras portáteis e outros elementos de defesa, serviam apenas para garantir e proteger o cidadão. Processaram-se os serviços da capital da República sem a mais leve alteração, funcionou sempre o comércio dentro do horário regulamentar, e, enfim, o povo tomou conhecimento dos fatos, através do noticiário radiofônico e da imprensa.

O apartamento da família João Café Filho é o da esquina, no primeiro pavimento, que aí se vê de janelas (guilhotinas) arriadas. Já então o «tank» fôra retirado, permanecendo uma viatura da P.E. e um pelotão de vigilância. Entrava-se e saía-se do prédio à vontade. À direita: Na Quinta da Boa Vista, foi onde o aparato militar mais se registrou, mas, porque a Quinta está afastada do centro, a curiosidade era relativa. E todo êsse equipamento, mantido para respeitar a ordem, foi sendo retirado à medida que a normalidade da situação era confirmada.



O aparato bélico à porta do edifício de apartamentos em que reside o sr. Café Filho, à rua N. S. de Copacabana, despertou interesse. E a vizinhança divertiu-se com o movimento dos fotógrafos, repórteres e cinegrafistas. Nunca um prédio foi tão fotografado... e visitado também!

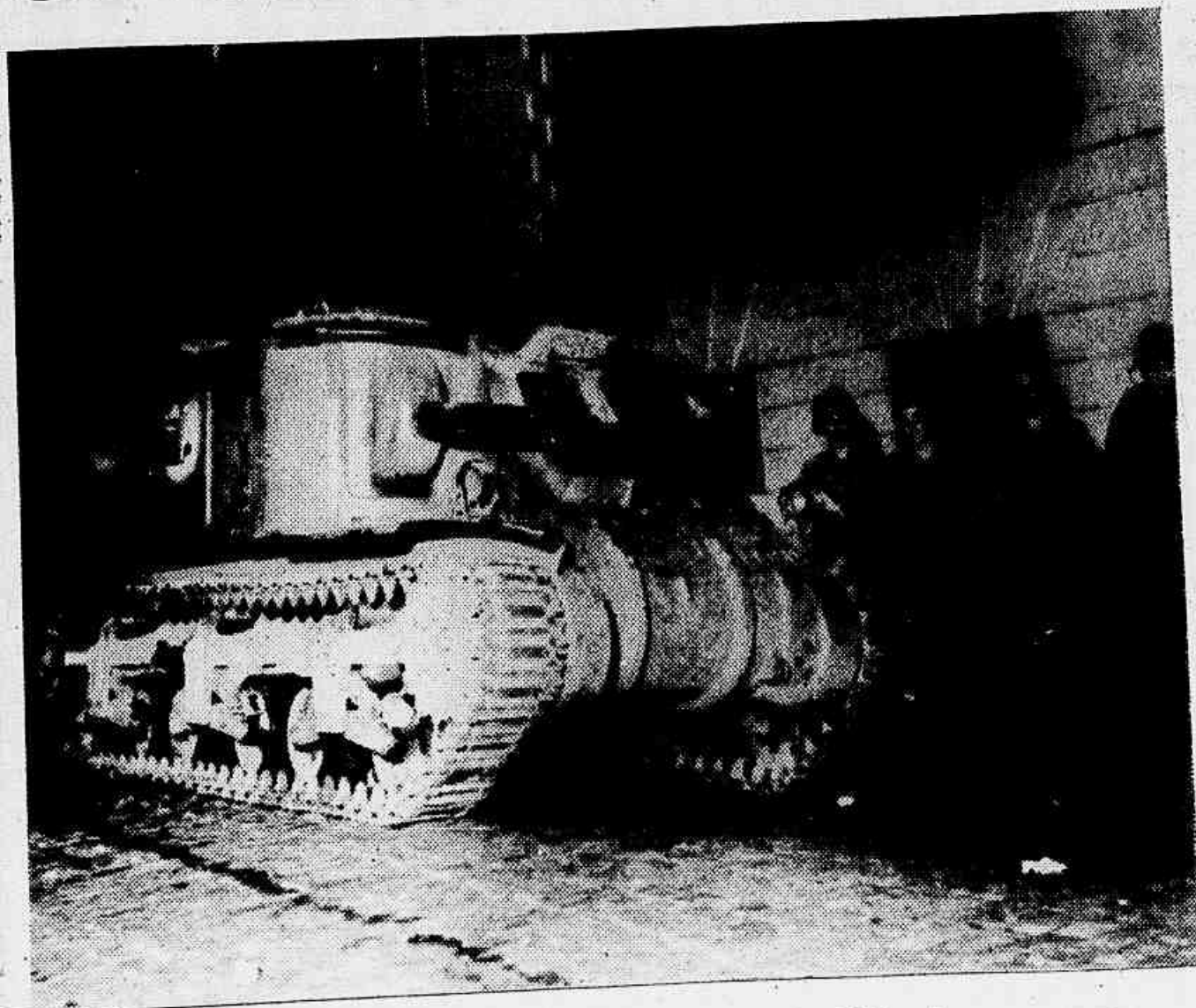
QUINTA DA BOA VISTA





DENTRO DO CAMPO DE SANTANA, TAMBÉM O APARATO MILITAR FEZ ATO DE PRESENÇA. MAS OS JARDINS CONTINUARAM TRANQUÍLOS.

OS ACONTECIMENTOS DE 23 DE NOVEMBRO



Nas imediações da residência do sr. Café Filho, houve apenas algumas medidas preventivas. Tudo, depois, foi retirado.



Os magníficos jardins da antiga Quinta do Imperador hospedaram as tropas durante alguns dias.



Durante uma elegante noite na Hípica, vemos a sra. Jacira Tomé, srta. Doris Junqueira e os srs. Senador Arthur Bernardes e Aloysio Muniz Freire. À direita: numa reunião paulista, as sras. Bianca Lovateli, Ilona Von Kory e Irene Felman fingem que conversam e posam para a fotografia.

Pelos novos embaixadores, são abertas as portas — O baile da "glamour" provoca expectativa

Pela primeira vez, o Embaixador da Itália e a Marquesa Lanza d'Ajeta abriram as portas da Embaixada para a Sociedade brasileira. A reunião (perto de seletas pessoas) foi das mais simpáticas e teve a presença de figuras do Rio (é claro) e de São Paulo também. Da capital bandeirante, anotamos a presença do sr. e sra. Nelson Caldeira, sra. Nene Morganti e sra. Jean Louis Lacerda. Compareceram ainda os Príncipes Dom João e Dom Pedro de Orleans e Bragança, o sr. e sra. Sylvio Schiller, sr. e sra. Pepe Mora, sr. e sra. Alvaro Catão, sr. e sra. Adolpho Cláudio Graça Couto, sr. e sra. Benjo Harbib, Sras. Leda Galliez, Ivonne Monteiro, srta. Marilú Montenegro, e srs. Walter Quadros, Murilo Moreira, João Vitor de Alencastro Guimarães, embaixador Antônio Faria, Alvaro Catão e cranista Gilberto Trompowsky.

A sra. Célia Leite Garcia ofereceu um grande jantar de despedida à sra. Gilda Sarmanho que embarcou para os Estados Unidos. A srta. Carmen Terezinha Solbiatti ficou de segui-la, devendo hospedar-se na residência novaioquina do casal Sarmanho.

As reuniões de sábado no «Meia Noite» voltaram a ter a grande animação. Esticam-se pela madrugada e são alegres. A cantora Marisa tem sido aplaudida, coisa que raramente acontece com cantores de «boite». Digo isto porque, de um modo geral, o cantor ou cantora que trabalha com a orquestra raramente tem seu trabalho aplaudido, o que não acontece com a atração.

Na estréia do «ballet» dirigido por Leonide Massine, o Municipal ficou completamente repleto, apesar da chuva incessante. Houve, como sempre, a mistura (que nos parece de muito mau gosto) de roupas comuns e rigor.

Cabo Frio está de parabéns: o governo ameaça concluir o asfalto da estrada que está entremeado com longos trechos de terra. Uma segunda boa notícia: Joaquim Rolla já tem

um ante-projeto de Oscar Niemeyer para um futuro hotel naquela cidade esquecida das autoridades que não lhe dão nem luz nem água.

No momento que escrevemos esta coluna, ainda não teve lugar o baile da «Glamour Girl», novamente sob o comando da sra. Léa Affonseca Duvivier que adotou o saudável critério de que todas as moças presentes sejam candidatas naturais ao posto. Entre as cinco finalistas será, então, escolhida a «glamour». Farão parte do júri as sras. S.A.I. Dona Fátima de Orleans e Bragança, Dolores Guinle, Gilda Sampaio, Anna Helena Pessoa de Queiroz, Candinha Silveira, Heloisa Amado, Ilka Loureiro Alvarenga, Gina Buarque de Macedo, Leda Galliez, Ivone Monteiro, Nicole Hime, Nelly Jaffet, Sonia Ramos Tereza Muniz Freire, Zélia Campos e srta. Ilde Garavaglia. Diversas senhoritas patrocinarão este acontecimento, que está provocando grande expectativa.

Um resultado extraordinário e digno de aplauso conseguiu o Museu de Arte Moderna, com a apresentação dos «Dez Anos de Filmes sobre Arte». Iniciativa que tem levado muita gente ao auditório da Mesbla.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

No Harmonia, um júri de pessoas de Sociedade escolherá a «Glamour» paulista de 1955. É curioso notar que entre as eleitas até hoje figuram três Beatriz. A escolha deu-se na semana passada. ★ A sra. Lili Penteadó, após receber a medalha Imperatriz Leopoldina, no Instituto Histórico, ofereceu uma grande recepção no solar dos Penteadó. ★ O sr. Paulo Alvaro Assunção apresentou o sr. Roberto Carvalho a São Paulo. Resultado: existe uma Vimarte II na capital paulista. ★ Está em São Paulo o astro de Hollywood, Paul Lukas, que obteve, pelo seu desempenho em «A Canção de Bernadette», o «Oscar» concedido pela Academia. O ator acaba de trabalhar nas «Vinte Mil Milhas Submarinas».

FIGURA DA SEMANA



Barroso, a figura de todas as semanas.

Com trinta e sete anos, casado, risonho, grande comedor de «filet mignon» (adora o «steack» preparado pelo Rocha ou pelo Renato), simpático até dizer chega, eis o personagem desta semana. Sr. Luiz Fernandes Barroso. Conheci o sr. Luiz Barroso na Hípica. É muito difícil falar de um sem falar do outro. Não conhecia a Sociedade e não conhecia o sr. Luiz Barroso. Fiquei conhecendo ambos, o que foi muito bom e muitas terças-feiras dançantes, musicadas e muito amigas. Quando ele deixou a diretoria social do clube, os 40 membros do Conselho, pela primeira vez e por unanimidade, aprovaram um voto de louvor ao seu magnífico trabalho à frente do setor social da Hípica.

Mas, não apenas socialmente, mas esportivamente, o sr. Luiz Barroso destacou-se: nas prateleiras de sua residência enfileiram-se 82 troféus ganhos em competições hípias. Seus dois grandes triunfos foram as taças «Presidente da República» e «General Marshall». Carioca, quando solteiro, foi um dos maiores boêmios que estas estrélas já viram. Dis que a noite carioca, malgrado ainda apresentar excelentes «shows» está muito desanimada. «Poucas pessoas podem frequentar as «boites». O «Sach's» é o seu lugar predileto: «a comida é boa, a bebida não é falsificada e são sempre muito gentis».

Mas, o grande orgulho de Luiz são seus dois filhos, Luiz (12) e Alvaro (10) que herdaram a inclinação esportiva do pai. São dois bons cavaleiros. Com sua esposa, Sra. Nina Barroso, faz um quarteto simpático e alegre.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

...

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Uns viajam a **UBERABA**

outros a

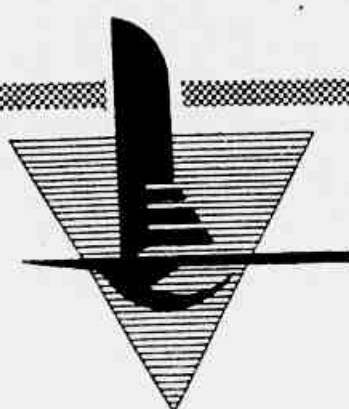
BELO HORIZONTE

mas todos
seguem
o mesmo
caminho:

CIDADES SERVIDAS EM MINAS GERAIS:

Alfenas	Lambari
Aimorés	Lavras
Almenara	Machado
Araçuaí	M. Carmelo
Araguari	M. Claros
Araxá	Nanuque
B. Horizonte	Passos
Bocaiúva	Patos
Cambuquira	Patrocínio
Campanha	Pedra Azul
Caratinga	Pirapóla
Caxambu	Piumhi
Curvelo	P. de Caldas
Diamantina	Salinas
Formiga	São Lourenço
G. Valadares	Teófilo Otoni
Guaxupé	Três Corações
Ituiutaba	Uberaba
Januária	Uberlândia
Jequitinhonha	Varginha

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS



Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119 - Rio

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- O conde de Gobineau foi dos primeiros a divulgar a idéia de:
 - a concepção materialista da história?
 - a superioridade da raça saxônica sobre a latina?
 - a geração espontânea?
- O que é o «Gemara»:
 - uma das partes em que se divide o Talmud?
 - um prato típico israelita?
 - um deus indiano?
- Quem foi a família Fugger, em fins da Idade Média:
 - uma família de banqueiros?
 - o tronco dos Eleitores do Saxe?
 - um grupo de aventureiros?
- Em 1594, Jacques Riffault e Charles des Vaux fundaram a «França Equinocial»:
 - em Santa Catarina?
 - no Maranhão?
 - no Rio de Janeiro?
- Como se chama o Presidente da Bolívia:
 - Gainza Paz?
 - Paz Estensoro?
 - Paz Flores?
- Com quantos anos morreu Ticiano:
 - 78?
 - 99?
 - 56?
- Escreveu o «Tratado do Desespêro»:
 - Heidegger?
 - Kierkegard?
 - Schopenhauer?
- Que Estado atual dos Estados Unidos foi adquirido à França:
 - Califórnia?
 - Texas?
 - Louisiana?
- Escreveu um «Requiem» que lhe foi encomendado em misteriosas condições:
 - Brahms?
 - Mozart?
 - Verdi?
- Que escritor do Brasil chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel:
 - Marques Rebello?
 - Coelho Netto?
 - Machado de Assis?
- Diz-se terem inventado o alfabeto:
 - Fenícios?
 - Gregos?
 - Iberos?
- Que poeta brasileiro, ao se candidatar há alguns anos a uma deputação, não conseguiu mais de dez votos:
 - Augusto Frederico Schmidt?
 - Manuel Bandeira?
 - Jorge de Lima?
- Em que ano o mil réis foi substituído pelo cruzeiro:
 - 1941?
 - 1945?
 - 1942?
- Que outro nome dá-se à maconha:
 - diamba-tamba?
 - haschisch?
 - marijuana?
- O que têm em comum esses nomes: Erasmo, Hans Holbein, Thomas Morus:
 - todos eram escritores?
 - todos holandeses?
 - todos contemporâneos?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — superioridade da raça saxônica; 2 — uma das partes do Talmud; 3 — uma família de banqueiros; 4 — No Maranhão; 5 — Paz Estensoro; 6 — 99; 7 — Kierkegard; 8 — a Louisiana; 9 — Mozart; 10 — Coelho Netto; 11 — Fenícios; 12 — Manuel Bandeira; 13 — 1942; 14 — Todos esses nomes são sinônimos; 15 — todos contemporâneos.



PREMIANDO A JUVENTUDE ESTUDIOSA

COMO parte das comemorações da «Semana da Asa», o Ministério da Aeronáutica, em combinação com o Ministério da Educação, programou novamente este ano o interessante concurso entre alunos do curso secundário, para apresentação de teses sobre a Aviação. Um número incontável de estudantes dos nossos estabelecimentos escolares participou do certame, fato aliás que veio dar ensejo à observação do elevado grau de conhecimentos e do entusiasmo da juventude pelos assuntos aeronáuticos. Entre os prêmios aos alunos classificados, foi recebida com a mais expressiva satisfação a oferta da Nacional Transportes Aéreos, que colocou a disposição dos estudantes contemplados viagens e estadias em Belo Horizonte, pois esta

oferta veio corresponder a um desejo dos escolares em conhecer a moderna capital mineira, os seus estabelecimentos de ensino, seus grêmios esportivos, a sua famosa igreja de Pampulha e outros pontos de atração que o visitante encontra em grande número na bela metrópole montanhosa.

Na fotografia, alunos do Instituto Carlos Werneck, contemplados no referido concurso, no momento em que embarcavam num dos aviões da Nacional Transportes Aéreos, para gozar as magníficas «férias» que a importante empresa de aviação comercial lhes proporcionou.

A SEMANA

EM REVISTA



GENOVEVA

● Ela surgiu não se sabe de onde, e foi de saída angariando camaradagens cá pela Redação. Um trouxe-lhe comida, outro água, um terceiro logo lhe arranhou um canto onde repousar. Estava cansada, e dormiu profundamente. Ao despertar foi que notamos: tem os olhos grandes e bonitos, e é jovem, muito jovem — tanto que ainda não se habituou com o ruído das máquinas e com o das sirenes. Ninguém disse, mas todos sabemos que se chama Genoveva: lia-se nos olhos, adivinhava-se na sua maneira esguia de andar, no gesto de se sentar. Clara como é, porém, não deveria encostar-se pelas paredes ou pelos lugares mais sombrios e úmidos, pois corre o risco de sujar-se. É dócil e meiga, e recebe-nos, todos os dias, com sinais evidentes de satisfação. Já está entre nós há cinco dias, e pelo jeito, não tem família de que ter saudades, pois raramente a surpreendemos melancólica. Come bem, bebe bem, dorme bem, é saudável e robusta. Tem também seus defeitos, mas quem os não tem? De resto, é uma perfeição: dentes brancos e belos, e pés que deslisam, imperceptíveis quase, de tão ligeiros, pelos ladrilhos do chão. Há de inspirar paixões em época oportuna. — Nossa linda cachorrinha Genoveva.

NACIONAIS

★ No Teatro Municipal, quando ensaiava, a bailarina Maria Talchiff sofreu violenta entorse no pé. Por isso, foi obrigada a abandonar a presente Temporada de Ballet, que se realizava no principal teatro carioca, e da qual era a estrêla absoluta. Foi pena, pois Miss Talchiff é realmente uma grande dançarina.

★ Uma cabra mobilizou a atenção geral dos habitantes das cercanias do morro de São Carlos. Não se sabe bem por que, baliá desespe-

radamente, na encosta mais inclinada daquele monte. E parecia que, a qualquer momento, perdendo o equilíbrio, viria estatelar-se cá em baixo, no asfalto. Os bombeiros, chamados para solver o caso, terminaram com o perigoso malabarismo caprino.

★ No futebol, os paulistas — trajando a camisa da C.B.D. — não foram além de um empate com os paraguaios. Enquanto, no Rio, o América abatia por 6 a zero o São Cristóvão, e o Botafogo, espoliado, cedia um empate de 2 tentos ao Fluminense.

★ Jacinto de Thormes estreou na Televisão substituindo Al Neto. Má substituição, por sinal. Em sua primeira entrevista, com a senhorita Carmen Therezinha Solbiatti, trocaram-se dis-

parates de lado a lado, durante quase meia hora. Em dado instante, perguntou o «talentoso» cronista social: «Se lhe fôsse enviada uma orquídea, usa-la-ia?» Ao que respondeu a não menos ilustre senhorita: «Ah! eu ficaria **mal intencionada**, pois não gosto de flôres sobre mim». Depois, a erudita Solbiatti dividiu a humanidade em «gente de que gosto, e os que não existem». Uma gracinha, não acham?

★ Martinha Rocha, cujo romance com o pianista Bené Nunes andou tão em evidência, está noiva com um jovem senhor, chamado Piano. O casamento, ao que dizem, será para breve. Piano, piano, Marta Rocha vá lontano...

★ Passou pelo Rio, sem se deter, o grande poeta Pablo Neruda, a caminho da Europa.



A "VIÚVA ALEGRE" FOI PRESA

Desta vez inverteram-se os papéis e quem acabou detida foi a «Viúva Alegre», não o transporte de presos, mas a autêntica, a opereta de Franz Lehar. Desentenderam-se os empresários da companhia e os arrendatários do Recreio, os segundos deram ordem de debandar aos primeiros porque apareceu outro candidato ao teatro disposto a pagar melhor aluguel — e deu-se o escândalo. Depois do espetáculo, o portão do velho teatro foi fechado a cadeado, deixando do lado de dentro atores, atrizes, coristas, pessoal da «caixa» e alguns convidados... Na tarde seguinte, ainda lá estavam. Foram chamados os fotógrafos e «cameramen» — e a peça ganhou uma propaganda gratuita, que a ser paga importaria em algumas centenas de milhares de cruzeiros. Dias passados, os representantes de Válder Pinto (arrendatário do Recreio) declararam que tudo se resumira a um golpe de publicidade da companhia, pois, se assim o quisessem, teriam os artistas entrado e saído à vontade, quantas vezes quisessem. Havia outra saída pelos fundos... Mas valeu a reclamação. Os artistas desempenharam bem o papel de prisioneiros, comeram sanduíches e beberam refrigerantes fornecidos pelas grades do portão, deram entrevistas, sorriram para as câmeras, e, nessa noite, a bilheteria melhorou. A «Viúva Alegre» estava solta.

DE SETE EM SETE

Ⓛ Pois é, meninos. Até que a semana andou movimentada e cheia de notícias. Nem tôdas boas. Muito má a que nos deu a morte do sr. Antônio Prado Júnior, antigo e eficiente prefeito do Distrito Federal. Ao tempo do sr. Washington Luís. Com quem saiu no 24 de outubro de 30. E naquele tempo, Prado Júnior (que depois ganhou avenida com seu nome), andava pelas ruas da amargura, passando mal. — Em compensação, passaram muitíssimo bem os sócios do Clube do Eça, no jantar de inauguração, com queijadinhos de Cintra e tudo que é bom. — Bom mesmo, é água p'ra beber e tomar banho. Mas lá veio outro acidente na adutora do Guandu, ocorrido na grande bomba de recalque. Céus, até a bomba anda recalçada! E por isso, apesar das chuvas, o abastecimento da cidade sofreu as conseqüências: cortes. — Nota triste foi dada pelo engenheiro Gastão Braga, antigo prefeito de Niterói e de São Lourenço. Com os nervos apalados, por motivos íntimos, desfechou um tiro no peito. — Nota alegre, foi a da reconstrução do Pampulha, em B. Horizonte. Os mais belos jardins mineiros, obra de Niemeyer, vão ser restaurados, depois da clamorosa enchente que os destruiu há dois anos. — Puxa vida! E o dr. Borges de Medeiros completou noventa e duas rissonhas primaveras, de espírito cada vez mais moço, no Rio G. do Sul, que êle governou por vinte e cinco anos seguidos, dentro da Constituição. O velho Borges, a oito anos do centenário, ficou tão eufórico que acabou dando entrevistas, coisa por êle renegada há muitos anos. — Tudo é uma questão de mais barba, menos bigode. Um dia dêsses, o compositor Ari Barroso raspou o bigode só porque o Flamengo perdeu. E agora, o deputado Tenório Luta Cavalcanti promete deixar crescer as barbas em sinal de protesto face aos acontecimentos políticos. — Mas a melhor da semana foi aquela atribuída ao sr. Café Filho: «Estou farto do meu cargo». E daí, enfarto de miocárdio.

Parei...



CATARINA, aquela simpática chimpanzé trazida há tantos anos da África para o zoo carioca, que fêz as delícias de tantas gerações, divertindo igualmente, com suas baforadas atrevidas, com seus beijos, com suas atitudes, crianças e adultos, Catarina teve um ataque cardíaco. Seu velho treinador foi o primeiro a surpreender-lhe, há uns poucos dias, certa dificuldade nos movimentos, dantes tão graciosamente executados. Os cigarros, na boca de Catarina, já não possuíam gosto algum. Os dias pareciam-lhe longos e insípidos. A respiração cada vez era mais ofegante, e ela — cujos trinta anos lhe garantem um lugar de destaque em qualquer História da Longevidade dos Chimpanzés que vier a ser escrita no futuro — deixava-se ficar longas horas em repouso, esquecida (ela, que sempre fôra funcionária ciosa) de seus deveres para com o público e a própria Casa. Há pouco mais de dez dias, o infarto declarou-se. Agora, afastada das atividades, Catarina, entre a vida e a morte, rememora os triunfos passados. Preparando-se, se possível, para o que der e vier.

A PIADA DA SEMANA



Aldebert, Paris-Match

INTERNACIONAIS

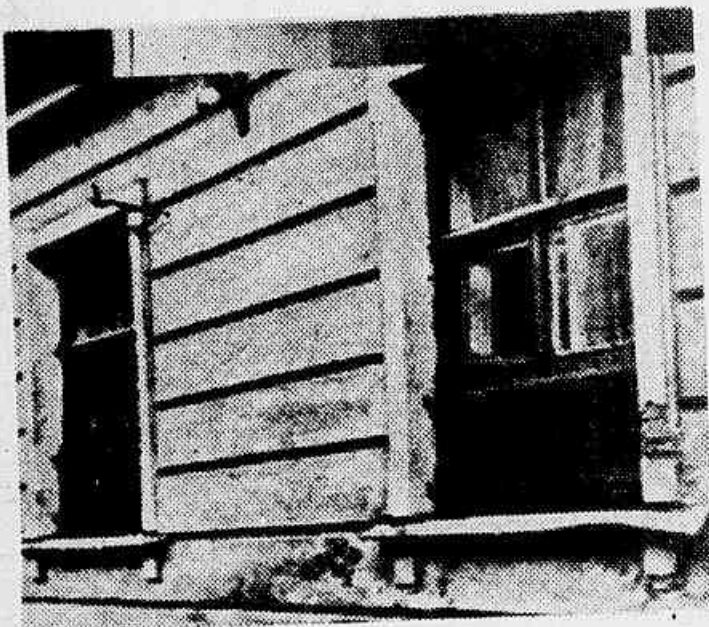
- ★ O quinzenário "Oggi", de Milão, anunciou que Jesus Cristo apareceu a Pio XII, durante a enfermidade que quase vitimava o Papa, há um ano atrás, exatamente. O Sumo Pontífice rezava, convicto de que sua morte estava próxima, quando Cristo lhe apareceu. Desde então, a saúde do Papa melhorou. O Vaticano confirmou a notícia.
- ★ Ocorreram inúmeros desastres em todo o decorrer da semana: nos Estados Unidos e no Japão, de aviação; na Inglaterra, de trem. Em todos êles houve inúmeras vítimas a lamentar. Enquanto, no Marrocos, nada menos de dois califas eram trucidados pela multidão enfurecida.
- ★ Referindo-se aos acontecimentos no Brasil, após tecer inúmeras considerações, assim termina o jornal francês "Franc-Tireur", numa de suas últimas edições: "De qualquer modo, Buenos Aires se encontra em perfeita calma"...
- ★ Marie Dionne, uma das quatro sobreviventes das cinco gêmeas Dionne, e que se encontrava num convento em Quebec, teve de recolher-se a um hospital. Marie, que tem 21 anos, sofre de anemia perniciosa, e seu estado inspira preocupações.
- ★ Explicação interessante foi a do domador austriaco Leopold Slovcek, ao ser interrogado pela policia fronteira italiana pelo seu passaporte. Apontando para o elefante que conduzia, exclamou: "Está aí dentro, êle comeu".
- ★ Prosseguem as escaramuças entre árabes e judeus, Louis Armstrong solicitou visto em seu passaporte para visitar a Rússia, e, em Chipre, continuavam os protestos contra a ocupação britânica.



DIA E NOITE DESFILAM MULTIDÕES INUMERAVEIS.
ANTE O TÚMULO DE LENINE E DE STALIN.

Fotografados pela primeira vez em seus túmulos

LENINE E STALIN



Eis a janela da sala em que ficou o jovem inglês detido por cerca de duas horas, enquanto as autoridades discutiam o que deveria ser feito com o filme. Duas horas de terrível ansiedade. Mas tudo felizmente, acabou bem.

cidos profundamente. As fotos, como é natural, são rigorosamente vedadas, no interior do mausoléu. Contudo, um jovem turista britânico, após penetrar, sem ser visto, com sua câmara no túmulo-monumento, conseguiu tirar essas duas fotos impressionantes que hoje estampamos. Nada lhe aconteceu, pois os quatro policiais que tomam conta do local estavam distraídos na ocasião. Contudo, dois ou três dias após, quando terminara de fotografar um pitoresco arrabalde de Moscou, foi detido por dois policiais, que o conduziram à delegacia mais próxima. Por duas horas, aguardou o veredicto do comissário, com os mais negros pressentimentos na alma. Quando esse veio, suspirou, aliviado; o episódio do túmulo não fôra descoberto, mas o arrabalde que fotografara tão minuciosamente, continha nada mais nada menos que inúmeras fábricas de canhões e de munições, sendo considerado zona militar... Com a destruição do filme que gravara as imagens do perigoso subúrbio, e com as desculpas de parte a parte, terminou o incidente. Estava salvo porém o filme tirado no interior da tumba. Resta saber, porém, o que não terá sido feito com os guardas...

● NO CORAÇÃO DE MOSCOU, no interior de imenso mausoléu, em plena Praça Vermelha, jazem, expostos à visitação pública, os corpos embalsamados de Lenine e de Stalin. Longas filas de homens e de mulheres de toda a parte da Rússia e da Europa percorrem sem cessar o estreito corredor que atravessa de lado a lado o monumento, dentro do qual é proibido parar ou conversar. Em duas criptas de vidro, imersos em fundas trevas, menos no que se refere ao rosto e as mãos, banhados em um jato de luz vermelha, estão os despojos dos dois estadistas, como que adormecidos profundamente.

OS ROSTOS PÁLIDOS E IMÓVEIS DE JOSEPH STALIN E DE WLADIMIR ULITCH ULIANOV —





LENINE —, FOTOGRAFADOS PELA PRIMEIRA VEZ POR UM JOVEM FOTÓGRAFO AMADOR — UM TURISTA INGLÊS QUE SE MANTÉM INCÓGNITO, TEMENDO TALVEZ POSSÍVEIS REPRESÁLIAS.



★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

HUMORISMO

★

CARTAZES

★

TEATRO

★

RÁDIO

★

CARTAZES

★

CONCURSOS

★

NOTICIÁRIO

★

CONCURSOS

★

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a

RÁDIO RECORD
de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

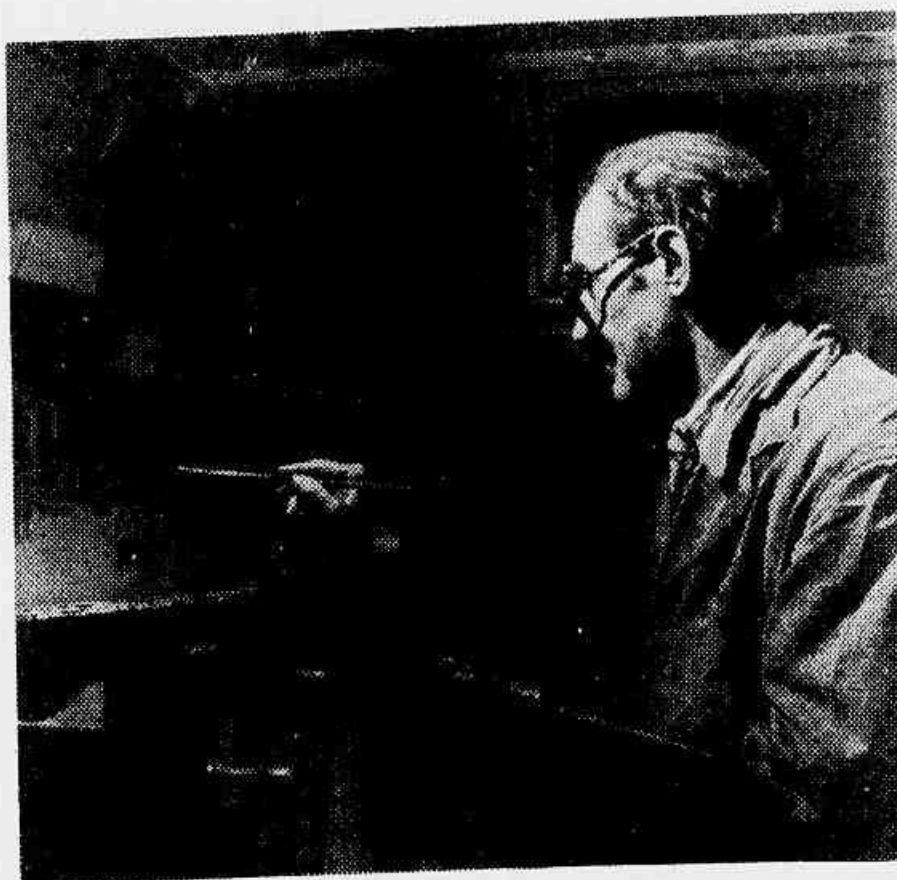
ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO

ARTES

JOSÉ ROBERTO



UTRILLO

Enquanto se entregou a uma vida de dissipações, encharcando em álcool os desgostos de que foi repleta a sua vida, desde o princípio, Maurice Utrillo — cujo falecimento os jornais noticiaram há algumas semanas — pintou algumas das mais interessantes e características obras do século vinte, em um estilo pessoal, inconfundível. Mas desde o momento em que, tendo estabilizado em bases mais sólidas o edifício de sua existência, tudo fazia crer que teria enfim os meios indispensáveis para elaborar, em calma, uma obra mais duradoura, depurada de todas as possíveis imperfeições que maculavam ainda os quadros até então realizados, percebeu o artista, sem que nada pudesse fazer por evitá-lo, que sua mensagem ao mundo estava terminada, e que muito poucas palavras poderia mais transmitir, essas mesmas confusas e inarticuladas. A chama criadora, em Utrillo, durara o quanto havia durado, em seu organismo, o efeito do álcool; extinto esse, aquela se apagara automaticamente.

O caso de Maurice é típico, e doloroso. Desde a mais tenra, a mais frágil idade entregue a si mesmo, foi sempre indisciplinado e selvagem, sua liberdade não tendo conhecido jamais limites. Burlando, com facilidade, a vigilância da avó, sob cuja responsabilidade Suzanne Valadon a confiara desde a primeira infância quase, o jovem Utrillo — na idade em que outros brincam ainda com soldados de chumbo e espadas de pau — vai aos poucos se iniciando nos segredos do sexo e do álcool. Aos quatorze anos, o aprendiz está terminado, tanto que, já algum tempo depois, o ex-neófito começa a pagar por ele. É a época da primeira internação, no asilo de Saint-Anne, dos primeiros delírios, causados pela embriaguez, das longas crises nervosas — época em que, pela primeira vez, se não de manifestar todos aqueles sintomas que até bem alto, em sua vida, não de ser uma constante. Desregrado e selvagem, tal qual Arthur Rimbaud, com quem aliás possuiu, a meu ver, inúmeras afinidades, também como o grande poeta do «Bateau Ivre» foi Utrillo precoce em sua arte, passando de uma «oisive jeunesse», quase sem escalas, para o pleno domínio de uma técnica que ele mesmo foi obrigado a dominar, sem auxílios de qualquer professor, e praticamente a contragosto, forçado que foi, pela mãe, a dedicar-se a pintura — última tentativa de arrancá-lo aos abismos em que deliberadamente se lançara. Aos dezenove anos, por um desses maravilhosos e inexplicáveis caprichos da arte, já Utrillo havia pintado algumas de suas mais bem realizadas obras, diferentes de tudo o mais que o cercava. Tem agora duas paixões: o álcool e a beleza. E bebado de ambas, vai vendendo por qualquer preço seus trabalhos, empregando o dinheiro mesquinho pago por eles no primeiro bistrô que se lhe apresente. De

dia, entrega-se apaixonadamente à pintura, fixando, com mão firme e cérebro lúcido, as formas familiares do bairro onde nasceu, Montmartre, seus jardins e velhas casas. A noite, frequenta os locais mais escusos de Paris, ou deixa-se quedar, semi-envolvido em inconsciência, num dos bares que ornava a Place du Tertre, Sannois, Aulnay-sous-bois, Picpus, Villejuif, Saint-Anne novamente, afinal, Ivry, todo um roteiro de miséria terá de suportar. E de cada queda, como que sai mais dignificado. No próprio hospital de Villejuif, em 1916, quando mais acesos vão os delírios alcohólicos, vê Utrillo chegar ao máximo da perfeição a sua arte. As cores de sua paleta se apuram ao extremo, a composição torna-se mais e mais vigorosa, seu senso inato da perspectiva atinge o máximo da infalibilidade. E, então, acontece uma coisa terrível, embora nada surpreendente: Utrillo conhece a glória. Suas telas, que antes já despertavam a admiração de quantos dela se aproximavam, começam a ser caçadas pelos negociantes de quadros, que por elas estão dispostos a pagar milhares de francos; artigos e até livros (como o de Francis Carco) fixam, em suas linhas, os traços marcantes da vida e da obra do pintor; seu nome é conhecido e aclamado, discípulos começam a reunir-se em volta de suas obras. O próprio governo, que é sempre o último a reconhecer os méritos do que quer que seja, concede-lhe, em 1928, a Legião de Honra. É o auge de sua fama, mas é também o fim de sua carreira. Porque, à medida em que crescem as honrarias, diminuem gradativamente as doses alcohólicas, e com elas, a inspiração. Em 1935, Utrillo casa-se com Lucie Valore, pintora de algum mérito. É um velho traste inútil, aos cinquenta e poucos anos de idade.

Pinta mecanicamente, somente para atender as inúmeras encomendas que lhe chegam, agora, de todos os recantos. Cenários para ballet, décors, e grandes óleos alcançam grandes preços, que lhe garantem, em definitivo, uma velhice tranqüila, burguesamente tranqüila. Já não possui o íntimo fervor, a poesia ingênua e terrível de seus primitivos trabalhos, quando sua mão envergava o pincel, trêmula ainda da orgia da véspera, mas movida por uma religiosidade, por uma união quase diáfanos mística. É um pobre velho, trêmulo e glorioso. E quando a morte, vinte anos após, vem afinal buscá-lo, depara-se com um enrugado fantasma da pintura, com um sobrevivente de si mesmo — com o simples arcabouço material, trágicamente consumido, de uma alma que conheceu a miséria e todos os abismos humanos, sem degradar-se.

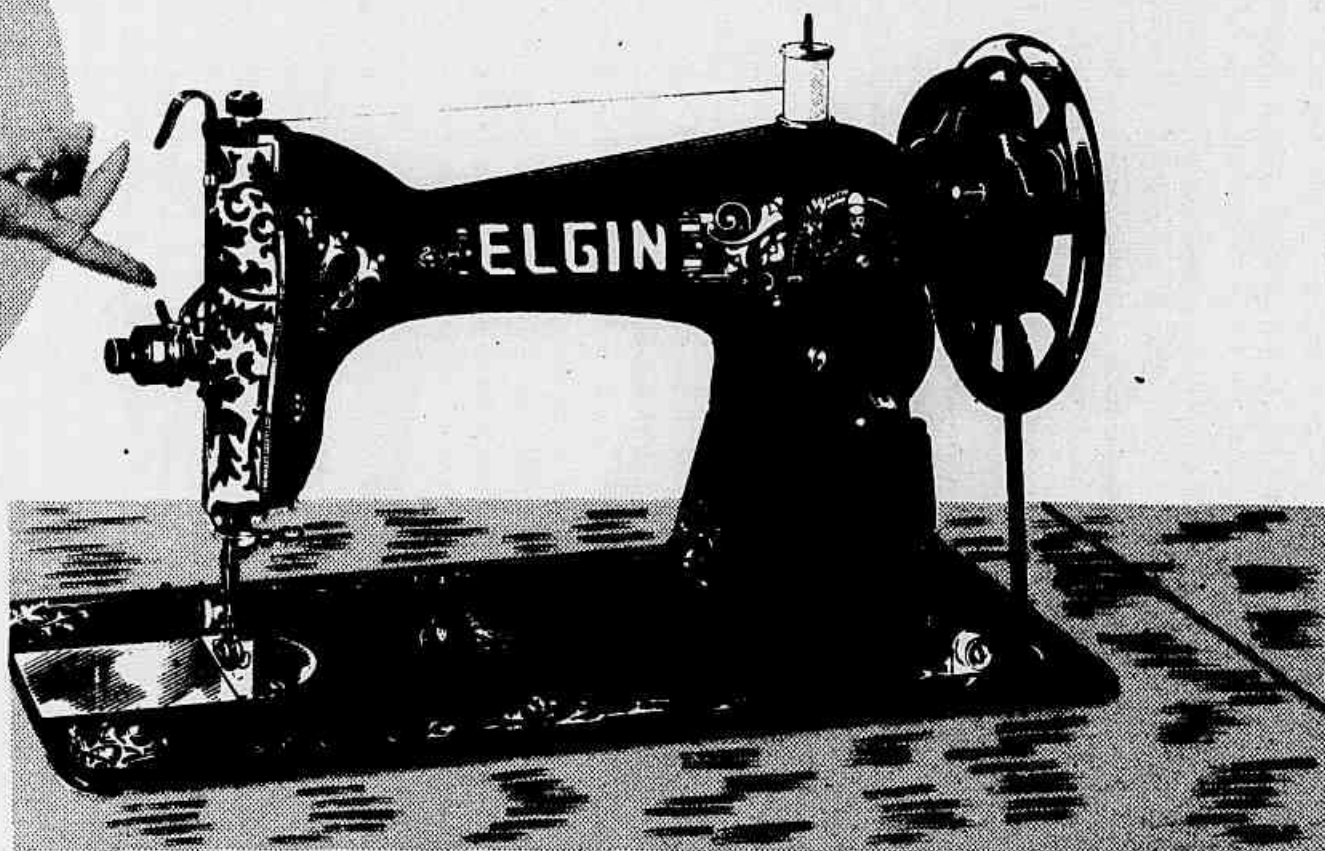
Eu sou minha própria modista
e minha máquina é a

ELGIN

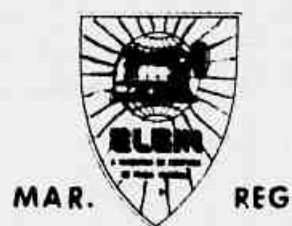
a máquina de costura de fama mundial!



Porque, de tôdas as máquinas que
conheço, nenhuma me permite costurar
com mais facilidade, mais perfeição,
mais a meu gosto! Com ELGIN a costura
voa... é uma máquina notável!



diz Cinderela -
uma das mais famosas e elegantes
artistas de rádio e televisão
do Brasil.



Notável é como chamam a ELGIN -
a mais completa e perfeita
máquina de costura à venda no Brasil.

*20 anos
de garantia*

ELGIN FÁBRICA DE MÁQUINAS DE COSTURA S. A. Escritório Central: Cx. Postal: 4575 - São Paulo

Peça uma demonstração grátis ao nosso revendedor autorizado mais próximo.

E A SUA ELGIN PAGA-SE POR SI MESMA E EM POUCO TEMPO!

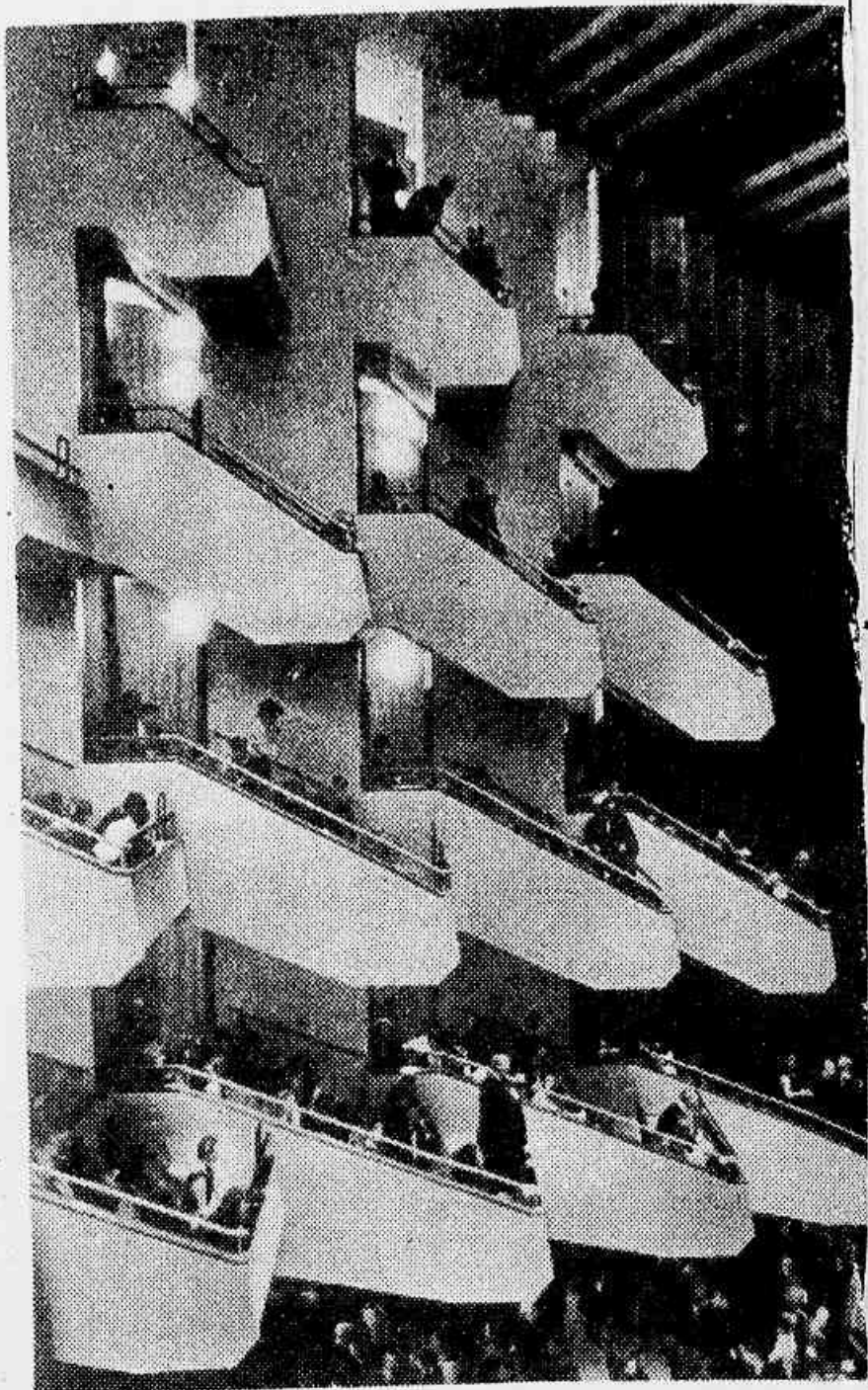
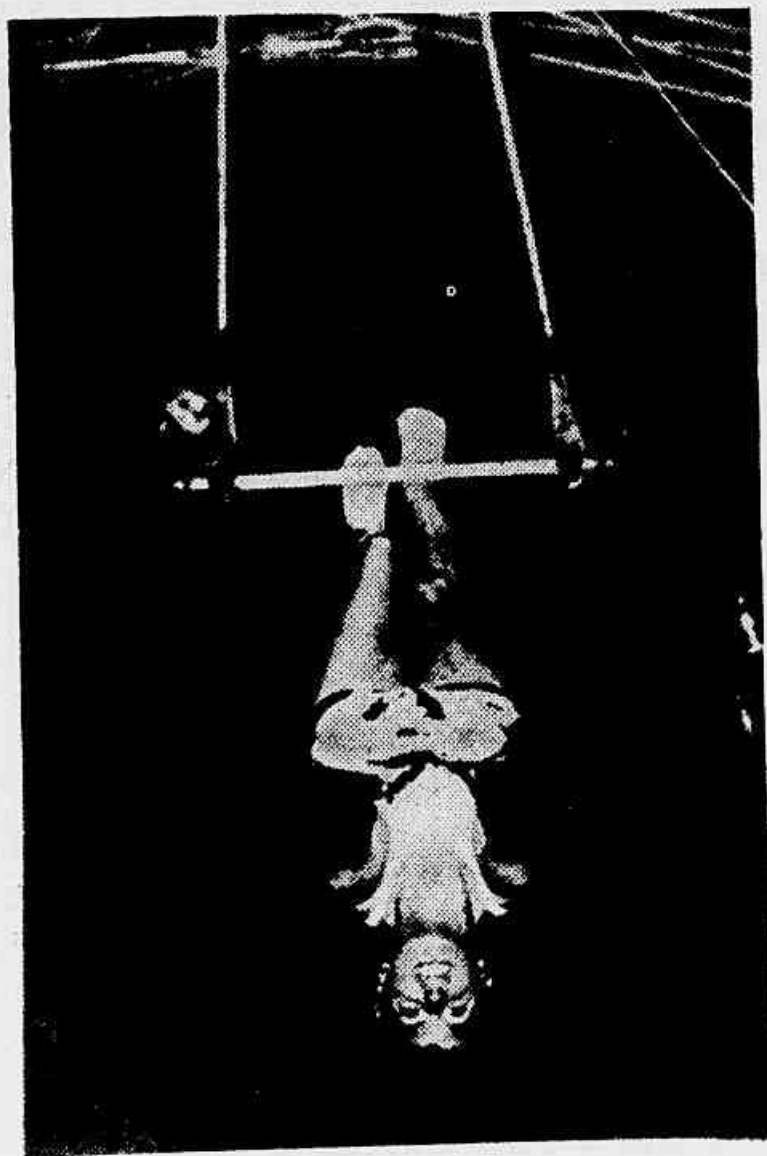
Veja como costurando seus próprios vestidos,
V. faz mais economia... e fica mais
contente com os modelos! Em pouco
tempo, muito menos que V. possa esperar,
a sua ELGIN pagou-se por si mesma...
e depois a elegância é quase "de graça".

**costura, borda, cirze, etc.
sempre com perfeição!**



TRAGÉDIA NO CIRCO

QUANDO A ATRIZ Anna Magnani sentou-se tranqüilamente em sua cadeira, num dos melhores lugares de um circo, em Roma, não imaginava, nem de longe, que seria testemunha de uma verdadeira tragédia circense. A trapezista Jacqueline Rainet oscilava, suavemente, pendurada a uma altura de quinze metros. Seu marido, William Hustay, colaborava no mesmo número, ora segurando-a em seus braços musculosos, ora impelindo o trapézio, com um suave movimento, para longe, num ritmo lento de pêndulo. Ilhares de olhos acompanhavam as belas evoluções, milhares de mãos aplaudiam os lances mais arriscados. Súbito, um grito uníssono ecoa de milhares de bocas: Jacqueline resvalara do trapézio e se estatelara no picadeiro, ante o olhar aterrorizado do marido, que nada pudera fazer. Mais tarde, soube-se toda a extensão da tragédia: Jacqueline, que partira os dois braços e uma das pernas, além de ter recebido inúmeras escoriações de mais ou menos gravidades, nunca mais poderia apresentar-se ao público em um trapézio.



A NOVA ÓPERA DE HAMBURGO, que vem substituir o velho casarão, destruído pela guerra, é um dos prédios mais modernos da Europa: eis a atual disposição dos inúmeros camarotes, a qual possibilita uma acústica apuradíssima

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

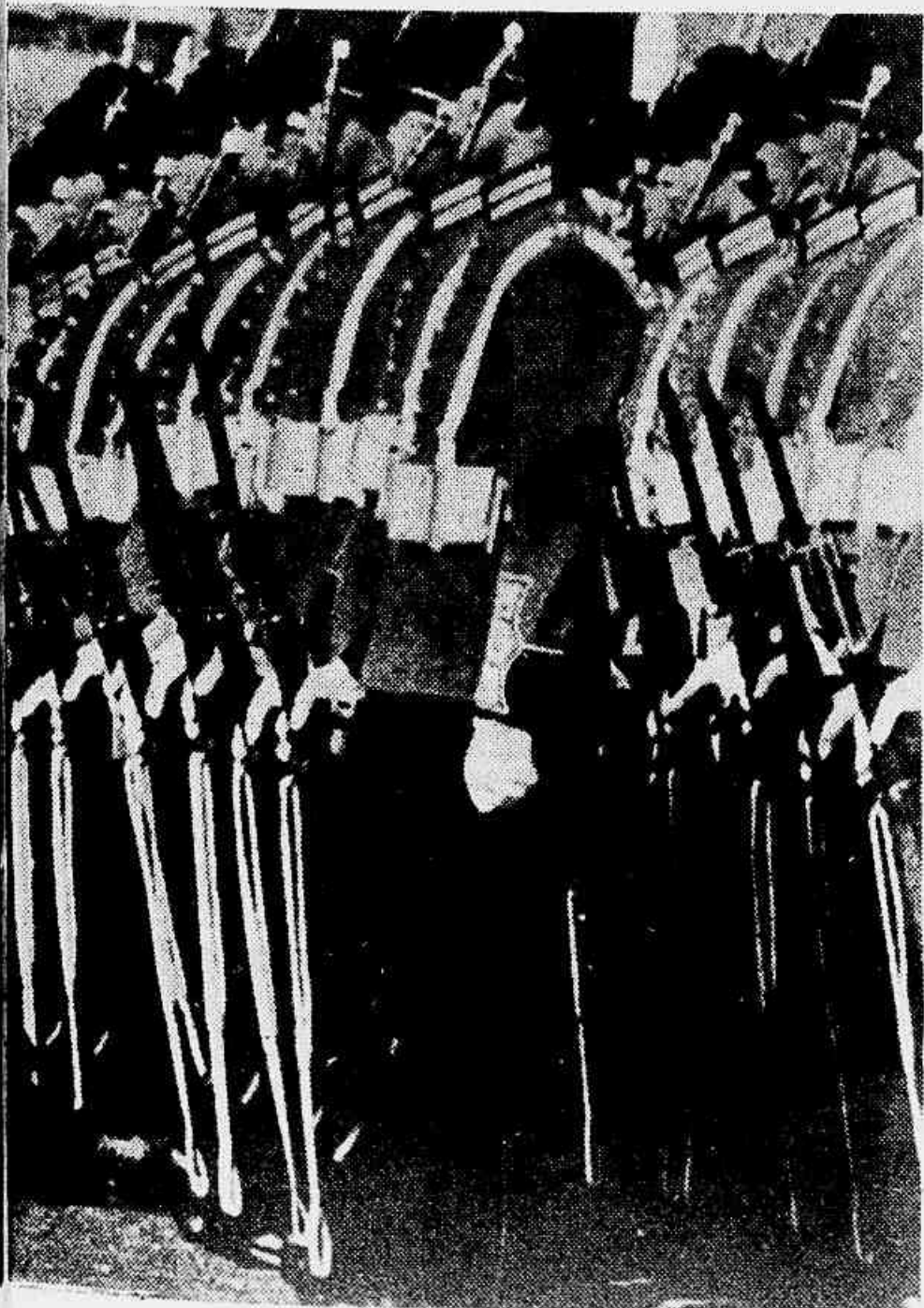




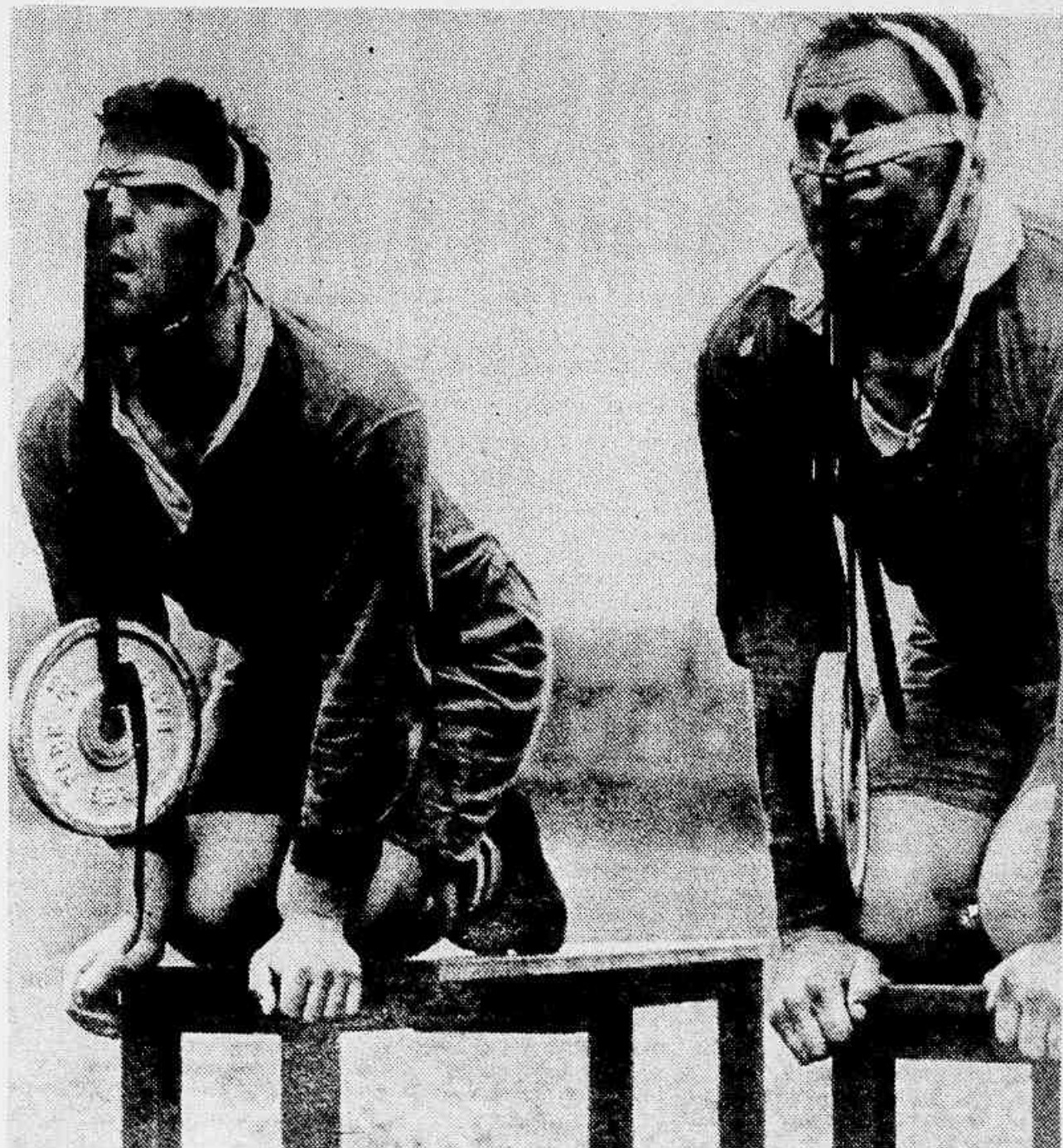
ESSA BELA JOVEM CONCORREU ao último certame de Miss Universo, representando Texas. Seus co-estaduanos presentearam-na com um vestido de ouro de 24 quilates, com o qual passeia, protegida de perto por um policial.

NA GRÉCIA E' ASSIM: Esse sacerdote (Pope) helênico dança animadamente com a noiva, ao som dos antiquíssimos instrumentos gregos, logo após a celebração de um casamento, entre alegres camponeses, próximo a Atenas.

NO DECURSO DE UMA PARADA, em Haia, comemorativa da abertura do parlamento holandês, esse soldado tombou sem sentidos, ante o olhar impassível de seus colegas de farda. Uma insolação o vitimara, diante mesmo da rainha.



NÃO SE TRATA DE UM NOVO método de tortura, mas tão somente de um infalível exercício com anilhas de vinte quilos, para robustecer o pescoço dos vaidosos e nem sempre bem compreendidos «adonis» do século XX.



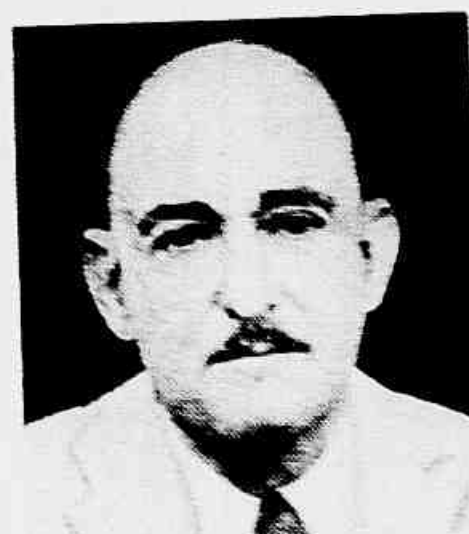
O APARECIMENTO DA TRICOMICINA VEIU SOLUCIONAR O PROBLEMA DA CALVÍCIE:

Desde o seu aparecimento até hoje, a Tricomicina tem beneficiado milhares de pessoas, recuperando os cabelos de umas, evitando em outras a queda dos mesmos ou ainda eliminando a caspa e a seborréia. E isso porque a Tricomicina é o único restaurador capilar que reúne numa só fórmula princípios ativos de vegetais, substâncias químicas e agentes vitamínicos. Esses elementos fortalecem o bulbo e as raízes capilares e dissolvem a camada sebácea que obstruindo o couro cabeludo, impede o crescimento normal dos cabelos.

**Fatos e não palavras
atestam que este
produto combate
realmente a calvície,
detém a queda
dos cabelos e
elimina a caspa.**



O Sr. Pascoal Brasil, dentista residente à Rua Visconde de S. Lourenço, 2, Salvador, estava com a parte centro-superior do crânio quase inteiramente calva. Passou a usar a Tricomicina e, após 5 meses de uso, declarou o seguinte: "Com o uso da notável loção Tricomicina, os cabelos deixaram de cair e, com a maior alegria, começaram a voltar nas áreas afetadas. Estas fotografias dirão muito mais do que as minhas palavras."





A recuperação capilar do Sr. Jens Petersen Bach foi de tal ordem que, por pouco, não era reconhecido pela própria esposa. Vejamos o que ele diz: "Apesar de minha pouca idade era portador de calvície há muitos anos. Na Europa, tratei-me com vários médicos, sem resultado. Vim para o Brasil e na Bahia comecei a usar Tricomicina. Seis meses após tinha os meus cabelos inteiramente recuperados e, quando fui receber minha esposa que chegava da Europa, quase não fui reconhecido por ela. Os resultados por mim obtidos foram surpreendentes." O Sr. Bach não trouxe da Europa fotografias anteriores ao uso da Tricomicina, razão por que deixamos de apresentá-las. Entretanto, para os que desejem uma confirmação do fato, aqui vai o seu endereço: Avenida 7 de Setembro, 156, Salvador, Bahia.



Há também o caso do Sr. Edmundo Pêres, residente à Rua Olavo Bilac, 75, em Pôrto Alegre: "...era acentuadamente calvo e com o uso de 15 vidros de Tricomicina tive os meus cabelos recuperados, conforme se poderá constatar das fotografias anexas."

Casos como esses contam-se às centenas, mas não dispomos de espaço para enumerá-los de uma só vez. Pouco a pouco publicá-los-emos para conhecimento geral.

Este é o Sr. Manoel Fernandes dos Santos, residente em Guarujá, São Paulo. Em sua declaração disse o seguinte: "Minha calvície datava de muitos anos e a ela já estava habituado. A instâncias do gerente do Grande Hotel Guarujá, concordei em usar a Tricomicina e qual não foi a minha surpresa quando, após o uso de uns 6 a 7 vidros, verifiquei que os cabelos estavam mesmo nascendo!"

Além dos atestados e declarações dos beneficiados, a Tricomicina possui também depoimentos de médicos que acompanharam o produto em sua fase experimental e que testemunharam diversos casos de recuperação capilar.

O Dr. Waldemar Cavalcanti, clínico baiano de nomeada, escreveu o seguinte sobre as suas experiências com a Tricomicina:

"Não foi sem relutância e descrença que acedi em acompanhar as aplicações de Tricomicina, que o químico José Barretto Moura fazia em pessoas portadoras de calvície. Embora desconheça a fórmula do produto, cumpre-me confessar haver visto casos de restauração dos cabelos, pela Tricomicina, em pessoas que os tinham perdido há muitos anos. Evidentemente, a Tricomicina não se propõe a agir em todos os casos de calvície, pois alguns deles são absolutamente incuráveis. Contudo, a Tricomicina tem feito cessar a queda dos cabelos, tem debelado completamente a caspa e a seborreia e, na maioria dos casos, tem restaurado os cabelos perdidos."



NOTA IMPORTANTE: todas as citações aqui reproduzidas foram tiradas das declarações originais, as quais se encontram à disposição dos interessados, no escritório do Laboratório Tricomicina Ltda., à Avenida Franklin Roosevelt, 126, no Rio de Janeiro.

Loção Tricomicina

combate a calvície • detém a queda dos cabelos • elimina a caspa.

A APLICAÇÃO DE TRICOMICINA PARA RENDER O MÁXIMO, DEVE SER FEITA ASSIM:



1.- Uma vigorosa massagem, com as pontas dos dedos, em todo o couro cabeludo, para ativar a circulação local.



2.- Friccionar enérgicamente toda a cabeça, inclusive a corva da nuca, com um algodão embebido em Tricomicina.



3.- Nova e rápida massagem, para apressar a assimilação do produto, pentear os cabelos e deixá-los livres de quaisquer coberturas.

A aplicação de Tricomicina deve ser feita, de preferência, após o banho matinal.





Marlene Adamo e algumas das bailarinas que fazem parte do «Petit Ballet». À direita: Flagrante tomado de uma das apresentações de «E' proibido falar», quando foram convidados de honra Anselmo Duarte e Eliana.

A Televisão é um dos melhores meios para a discussão de problemas atuais, políticos, econômicos ou de qualquer outro setor. Quando são anunciados aos telespectadores debates ou entrevistas com personalidades de destaque, sobre qualquer tema de interesse no momento, a atenção de todos é despertada.

Infelizmente porém os nossos produtores ainda não se convenceram de que tempo em Televisão representa dinheiro. Os programas geralmente duram no máximo quinze minutos e portanto é necessário saber aproveitar o melhor possível esse tempo e procurar corresponder à expectativa dos tevendo.

Programas interessantes como "Senhora Opinião" e "Ajude-nos a Servi-lo", ambos dirigidos e apresentados por Arnaldo Nogueira, procuram tratar dos mais diversos problemas e homens de destaque em todos os setores são convidados a participar dos debates.

O tema é escolhido previamente e os participantes da conversa, quando comparecem ante às câmaras, já sabem do assunto que irão tratar. Deveriam portanto estabelecer um plano dentro do qual exporiam as suas idéias, procurando ao máximo não se afastar do assunto a ser debatido. Os organi-

ENTREVISTAS E DEBATES

zadores dos programas tentam orientar os debates mas, deve-se reconhecer que esta é uma tarefa bastante difícil pois, muitas vezes, têm que intervir para impedir que discussões acaloradas terminem por criar um ambiente de constrangimento para os debatedores.

Arnaldo Nogueira, em um dos seus últimos programas "Ajude-nos a Servi-lo", escolheu para tema a ser debatido as possíveis soluções para a crise econômico-financeira por que atualmente passa o país. Convidou para a mesa redonda, um técnico em economia, um professor especializado em abastecimento e o Sr. Oswaldo Orico, grande conhecedor de assuntos de política internacional.

Discutido problema tão atual e do maior interesse, por homens ilustres, profundos conhecedores do assunto, como não podia deixar de acontecer, os debates tornaram-se bastante acesos. O mau abastecimento de gêneros no país, sem dúvida um dos fatores que mais concorrem para agravar a crise financeira e aumentar o custo da vida, foi lançado em discussão e logo as opiniões opostas apareceram, sendo o seu principal

defensor o Sr. Oswaldo Orico que tomou conta da palavra, explicando as suas razões e não admitindo apartes de nenhuma espécie, embora por várias vezes fosse advertido de que estava fugindo do tema que deveria ser debatido no momento, para tratar de questões e problemas semelhantes ou não aos nossos, mas que ocorrem em outros países. Sendo finalmente aparteado e tendo o seu opositor combatido as suas idéias, clara e taxativamente, passou então o Sr. Orico a adverti-lo de que o assunto a tratar deveria ser o dos problemas que atingem a economia brasileira.

Com essa troca de palavras, sem que Arnaldo Nogueira pudesse tomar nenhuma atitude, decorreu todo o programa que, finalmente, foi encerrado precipitadamente, sem que se tirasse nenhuma conclusão proveitosa da discussão.

E' necessário que os participantes dos debates tenham sempre em mente o curto tempo de duração dos programas e exponham as suas opiniões sobre o que estão discutindo apresentando logo as sugestões que acham convenientes, a fim de que todos tenham oportunidade de se manifestar e para que realmente, em poucos minutos, se possa fazer um resumo do que foi apresentado, com as devidas conclusões.

GRAU DEZ

... Para Gladys que, agora na TV-Rio, continua contando histórias infantis e ilustrando-as com desenhos executados ante às câmaras e que constituem o encantamento das crianças e de muita gente grande também...

★

... Para «Arquivos Implacáveis», apresentado por João Condé. E' com o maior interesse que os telespectadores acompanham as entrevistas feitas com elementos dos nossos meios literários e é sempre um prazer conhecer um pouco da vida de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Moreyra e muitos outros.

★

... Para «Escolinha Dó-Ré-Mi», apresentada aos domingos pela manhã na TV-Tupi. E' um encanto ouvir as bandinhas infantis executando peças musicais apenas com instrumentos de percussão e constatar os dotes musicais das crianças que ali se exibem e o maravilhoso espírito de disciplina que existe entre elas.

★

... Para «Senhora Opinião», onde são debatidos assuntos de maior interesse no momento. Em um dos últimos programas o tema do filme «Sementes de Violência» foi apreciado por diversos educadores. A maneira por que agiu o professor ante os alunos rebeldes foi acatada por uns e combatida por outros, de maneira palpitante.

VAMOS MELHORAR?

Al Neto em «Tele-Semana» entrevista elementos da sociedade e agrada, apesar de nem sempre as perguntas dirigidas aos convidados serem de maior interesse. Em um dos últimos programas no entanto, pareceu-nos que Al Neto à última hora não conseguiu levar aos estúdios o seu convidado da noite e entrevistou então um casal de artistas da TV que pareciam ter sido apanhados de surpresa. Al fez-lhes as mais disparatadas perguntas que foram respondidas vagamente e a entrevista não conseguiu agradar aos telespectadores.

★

Névio Macedo tem um novo programa na TV-Rio. Trata-se de algumas perguntas dirigidas a candidatos previamente inscritos para participarem do concurso e que têm a possibilidade de ganhar vultosos prêmios. Névio, sempre simpático e distinto, precisa apenas corrigir-se do defeito de, falando de improviso, abusar do emprego do termo naturalmente. Esse é um pequeno senão do qual, com um pouco de atenção, poderá libertar-se com facilidade.

★

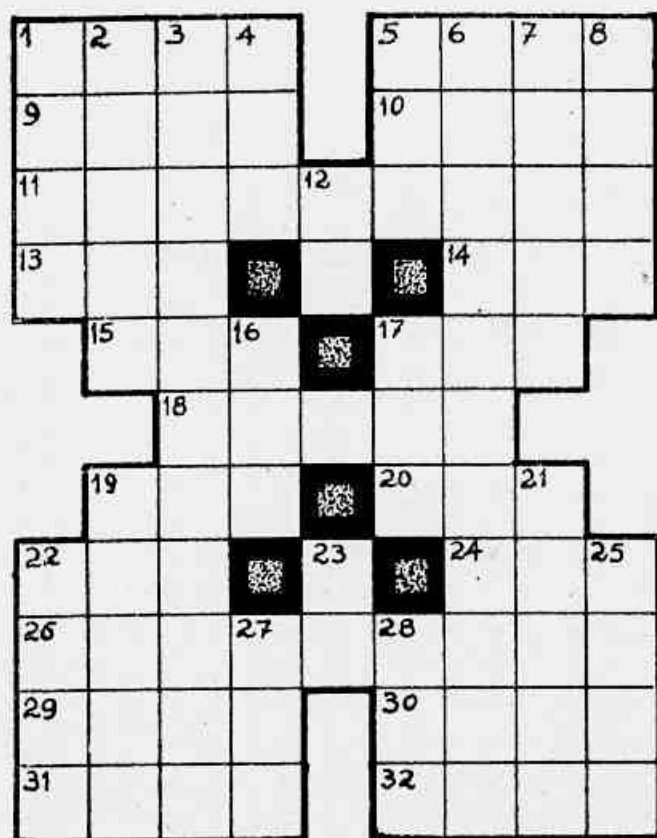
Sérgio e Sônia são os animadores do programa infantil «Gente Importante» da TV-Rio.

Nessa, como em outras apresentações do gênero, onde meninas e meninos comparecem para cantar ou executar algum instrumento fazendo-o com gestos e atitudes em completo desacordo com a sua idade, ainda concorre para aumentar essa falta de naturalidade das crianças o pedantismo com que os animadores apresentam os pequenos artistas que irão se exhibir.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 96

PARA VETERANOS

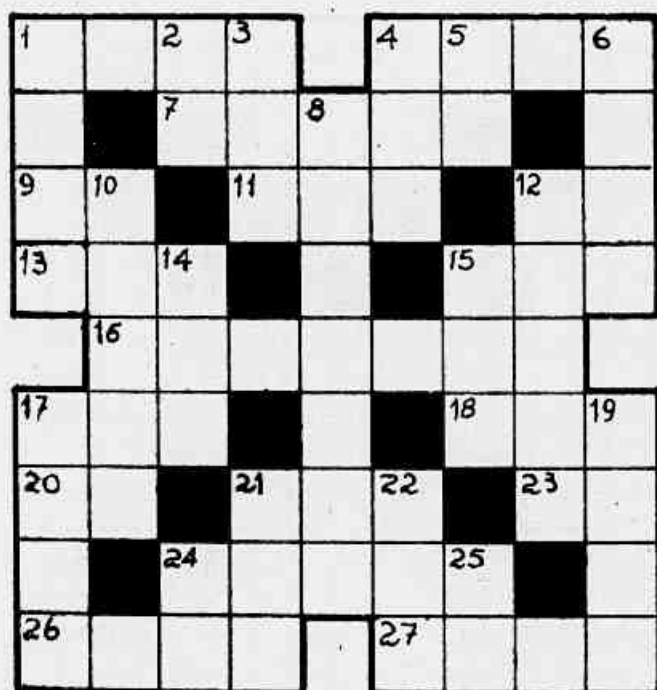


Opener - Rio

HORIZONTAIS: — 1. O que no teatro dirige comparsas ou coristas — 5. Argila aluvial colorida por óxido de ferro (térmo indígena) — 9. Riscar — 10. Perspicácia — 11. Benzer — 13. Cidade da França — 14. Em defesa — 15. Afluente do Reno — 17. Interjeição que exprime dúvida, menosprezo — 18. Rabeça de bilhar — 19. Nome de homem — 20. O primeiro homem (mitologia escandinava) — 22. Tempo gasto pelo Terra numa translação completa em volta do Sol — 24. Moeda de Sião — 26. Diz-se do termo do segundo grau com duas letras — 29. Espécie de perfume — 30. Paixão que a injúria desperta (pl.) — 31. Sessão de feitiçaria — 32. Bairro pobre de indígenas, na Índia Portuguesa.

VERTICAIS: — 1. Posição que o algarismo ocupa em um número — 2. Árvore cubana — 3. Quebras — 4. Antiga moeda divisionária da Dinamarca — 5. Lago da Noruega — 6. Certa operação cirúrgica — 7. Fonte de água — 8. Radical grego que significa ar — 12. Sacerdotisa de Juno — 16. O que guia — 17. Interjeição de admiração — 19. Arganêu — 21. Fazer valas, para escoar os campos — 22. Nome do quinto filho de Sem — 23. Cidade da Bélgica — 25. Operação de aparar a felpa da lã — 27. Peixe do Brasil, espécie de baiacu — 28. Embarcação ligeira e pequena, usada na Inglaterra.

PARA NOVATOS



Opener - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Lodo — 4. Rezar — 7. Assalta — 9. Pronome pessoal — 11. Fileira — 12. Preposição — 13. Governanta — 15. Cólera — 16. Provocar irritação — 17. Acrescentei — 18. Cloreto de sódio — 20. Perversa — 21. Sofrimento — 23. Zomba — 24. Costurar — 26. Padiala — 27. Compartimento de uma casa.

VERTICAIS: — 1. Briga, combate — 2. Ruim — 3. Liga — 4. Vazia — 5. Símbolo do rádio — 6. Verso — 8. Que tem altivez (pl.) — 10. Molhada — 12. Enganar-se — 14. Nome de homem — 15. Seguias — 17. Querem bem — 19. Capital do

Peru — 21. Faz doação — 22. Rente — 24. Duzentos em algarismos romanos — 25. Batráquio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 95

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: mate — arar — lca — ora — ranchadas — real — foio — taxes — gor — ips — leite — acoo — Irma — regulamos — agi — ôro — soar — asas.

VERTICAIS: — mirra — acaé — tanatologia — rodospermos — arai — rasos — oh — clareou — afeitia — garás — casos — cego — mora — lá.

PARA NOVATOS

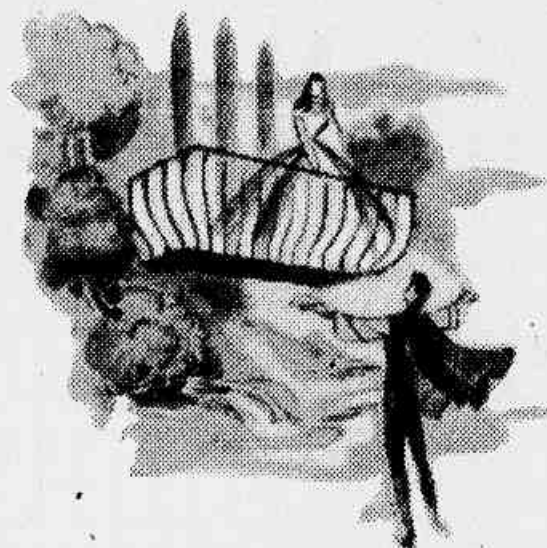
HORIZONTAIS: pá — Om — ia — or — adulterar — lê — má — miríade — si — lô — altanaria — aa — Er — só — és.

VERTICAIS: paulistas — moradores — id — it — rã — ar — leria — emala — ri — cá — bá — lá — nó — ir.

Agora
em dois
tamanhos

Desejo...

Uma esperança... saudade intensa...
uma recordação inolvidável
dum momento sublime de paixão;
algo que será sempre seu...



ÁGUA DE COLÔNIA

Desejo

Fragrância inigualável,
superior às mais refinadas
composições de Paris.



Criação PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO

O SANCTUS

Novela de E.T.A. HOFFMANN

Ilustração de RAMÓN

O DOUTOR menebu a cabeça, com ar aborrecido. Qual! (gritou o mestre de capela erguendo-se da cadeira) qual! O pigarro de Betinna acaso terá algo de inquietador?

O médico bateu duas ou três vezes com seu junco de Espanha no assoalho, abriu a tabaqueira, recolocou-a no bolso sem tirar o tabaco, pousou os olhos no teto como que para contar o número de vigas, e tossiu sem pronunciar palavra. Isso pôs o mestre de capela fora de si, pois ele já sabia que a pantomima do doutor significava claramente: «O caso é aborrecido; não sei o que fazer, e tateio às apalpadelas, como o cego do Gil Blas de Santillane».

— Mas afinal, falemos francamente! Diga-nos, sem esses ares de importância, o que representa o resfriado que Betinna apanhou por não se cobrir com um chale, ao sair da igreja. Naturalmente que não lhe há de custar a vida, não é mesmo?

— De modo algum (disse o médico tomando novamente a caixa de tabaco, e dessa vez se servindo), de modo algum; mas é quase certo que ela não possa mais emitir uma só nota durante toda a vida.

A tais palavras, o mestre de capela meteu os dez dedos nos cabelos, com tal desespero que uma nuvem de pó ergueu-se a seu redor; percorreu a sala numa agitação extrema, exclamando:

— Não cantará de novo! Nunca mais! Betinna não cantará nunca mais! Todas essas encantadoras canções, os boleros maravilhosos, as ligeiríssimas seguidilhas, que escorriam de seus lábios como regatos de mel — tudo isso estará morto? Não mais nos fará escutar os doces agnus, os ternos benedictus? Oh! Oh! Não mais misereres que nos purificavam de todas as coisas terrestres, e que me inspiravam um mundo inteiro de temas cromáticos? Tu mentes, doutor, tu mentes! O organista da catedral que me persegue com sua ira desde que compus um «qui tollis» a oito vozes para o júbilo do universo inteiro, te subornou para que me mentisses! Ele busca levar-me ao desespero, para que eu não termine minha nova missa; mas não conseguirei! Eu os trago aqui, os solos de Betinna (e bateu com a mão no bolso), e amanhã, no momento oportuno, a pequena os cantará com uma voz mais clara do que o sino da igreja.

O mestre de capela, tomando de seu chapéu, fez menção de afastar-se. O doutor o reteve, dizendo-lhe docemente:

— Admiro seu entusiasmo, meu caro amigo, mas asseguro-lhe que não estou exagerando, e de modo algum conheço o organista da catedral, seja ele quem for. Desde aquele dia em que Betinna cantou os solos durante o Glória e o Credo, foi acometida por uma diminuição progressiva de voz, que desafia minha ciência, a tal ponto que chego a temer que ela não cante nunca mais dentro de pouco.

— Muito bem (gritou o mestre de capela, como que resignado em seu desespero), muito bem. Então, dê-lhe ópio — dê-lhe ópio, por tanto tempo quanto seja necessário para que ela tenha uma doce morte; pois, se Betinna não cantar mais, não precisará mais viver: ela não vive senão para cantar, e não existe senão em função do seu canto. Querido doutor, faça-me esse favor: envenene-a o quanto antes. Possui relações no Tribunal do Júri: estudei com o seu presidente, em Håle; possuíamos um coro excelente, e todas as noites cantávamos, com acom-

panhamento obrigatório de cães e de gatos. O doutor não será incomodado por isso, eu asseguro, mas envenene-a, por amor de Deus.

Retrucou o doutor:

— Quando já se atingiu a uma certa idade, quando já se está habituado a presenciar certas coisas, não se age dessa maneira; não se fala de morte e de envenenamentos: senta-se confortavelmente em uma cadeira, e escuta-se com paciência os conselhos do médico.

O mestre de capela soltou um gemido e obedeceu ao que o doutor lhe recomendara:

— Que irá me dizer agora?

— Existe (começou o médico), existe, no caso de Betinna, algo de bizarro, eu diria mesmo de maravilhoso. Ela fala sem embaraço, com toda a potência de seu órgão vocal; não possui qualquer indício de um mal qualquer da garganta, e consegue mesmo emitir um tom musical; mas, assim que pretende elevar a voz até à condição do canto, algo que não consigo compreender esmaga o som em sua garganta, ou o detém de modo a emprestar-lhe um acento cavo e cheio de pigarro, que é apenas uma tênue sombra do original. Betinna, meu caro, compara muito sabiamente seu estado a um sonho, no qual se esforça a pessoa inutilmente para flutuar no espaço. Tal estado negativo de doença ri-se de meus esforços e de todos os meios de que sirvo. O inimigo que combato escapa a meus conhecimentos como um espectro. E você tem toda a razão em afirmar que Betinna apenas vive em função de seu canto, pois ela já morre, quase, de tristeza, só de imaginar que poderá perder sua voz; e essa afecção ainda mais concorrendo para fazê-la sofrer, acredito que toda a sua doença é antes de fundo psíquico que propriamente físico.

— Muito bem, doutor (interrompeu um terceiro personagem, que se quedara até então impassível a um canto, de braços cruzados, e que designaremos pelo nome de Viajante Entusiasta), muito bem! O senhor acaba de descobrir o primeiro passo para a cura! A doença de Betinna é a repercussão física de uma impressão moral — o que ainda vem torná-la mais perigosa. Eu, apenas eu, posso explicar tudo, senhores.

— O que ouço? exclamou o mestre de capela em voz cheia de dor, enquanto o médico aproximava a sua cadeira do Viajante Entusiasta, e fitava-o com um sorriso nos lábios; mas o Viajante, elevando os olhos ao céu, começou a falar, sem sequer dignar-se olhar uma única vez quer o mestre de capela quer o médico:

— Mestre de capela! Vi uma ocasião uma pequenina borboleta de asas coloridas, que estava presa nas cordas de seu duplo clavicórdio. A pequena criatura esvoaçava de um lado para o outro, afritamente, e suas asas brilhantes batiam ora contra as cordas superiores, ora contra as inferiores, que então faziam ecoar sons doces e acordes delicados, de uma doçura e uma delicadeza infinitas, apenas perceptíveis para os ouvidos mais sensíveis. O levíssimo inseto parecia ser levado voluptuosamente pelas ondas de harmonia; acontecia, entretanto, algumas vezes que uma corda, vibrada mais fortemente, batia, como que irritada, contra as asas do lindo animalzinho, cujas cores vivíssimas logo se desmanchavam em pó; mas ele continuava a saltitar alegremente, até que, afinal, ferida cada vez mais pelas cordas, foi cair sem vida sobre a tampa da caixa de harmonia, em meio aos doces acordes que a haviam embriagado.

— E o que pretende o senhor significar com essas palavras? perguntou o músico.

— Preste bem atenção, meu caro. Eu escutei realmente a borboleta em questão tocar no seu clavicórdio — se assim podemos dizer, mas não desejei senão exprimir uma idéia que me tomou o espírito ao escutar o doutor falar do mal de Betinna. Sempre quis-me parecer que a natureza nos colocou sobre um imenso cravo, do qual arranhamos sem cessar as cordas; os sons e acordes que delas tiramos involuntariamente são nossa obra, nem mais nem menos; e muitas vezes tocamos tão rudemente as cordas, de modo tão pouco harmônico, que tombamos mortalmente feridos, por sua vibração.

— É muito estranho tudo isso (disse o mestre de capela).

— Paciência, exclamou o médico, rindo. Ele vai reportar-se de início aos dados de que dispõe, e logo prosseguir, em pleno galope, para o país dos pressentimentos, das simpatias e dos sonhos, e não se deterá senão na estação do magnetismo.

— Um momento, um momento, meu querido doutor (retrucou o Viajante Entusiasta) não caço de coisas cuja potência o senhor mesmo já experimentou. Não dizia o senhor há pouco que a doença de Betinna era de ordem totalmente psíquica?

— Porém, que relação pode haver entre Betinna e o desgraçado inseto preso entre as cordas de um clavicembalo?

Respondeu o Viajante Entusiasta:

— Se se fôssemos tudo examinar detalhadamente, e passar em revista os mínimos grãos de poeira, seria um trabalho fortemente aborrecido. Deixemos as cinzas da borboleta descansar no fundo do instrumento. Quando aqui estive, no ano passado, a inditosa Betinna estava muito em voga: era reclamada em todos os lugares, e ninguém poderia tomar sequer uma taça de chá sem escutar Betinna cantar uma romanza espanhola, uma canção italiana ou mesmo francesa — do tipo de «Souvent l'amour» ou qualquer outra. Cheguei mesmo a temer que o pobre moço viesse a perecer afogado no oceano de chá em que então vivia. Isso, felizmente, não chegou a acontecer; mas uma outra catástrofe apareceu.

— Qual catástrofe? exclamaram ao mesmo tempo o doutor e o mestre de capela.

— Vejam os senhores (prosseguiu o Viajante Entusiasta) a pobre menina foi enfeitiçada — como se diz comumente. E, muito embora custe a mim próprio confessá-lo, devo dizer que sou eu o feiticeiro que levou a cabo o feitiço; e, aprendiz de feiticeiro que ainda sou, não posso ainda a ciência bastante para destruir o que já fiz.

— Tolices, tolices! gritou o médico, levantando-se. E nós a escutá-lo com atenção, enquanto o senhor nos mistifica!

— Mas, pelo diabo! E a catástrofe, a catástrofe? retrucou o mestre de capela.

— Silêncio, por favor! Eu vos contarei tudo se me permitem. De resto, tomem se desejarem minha feitiçaria por brincadeira; nem assim deixarei de sentir-me com remorsos de ter sido, sem o desejar e tudo ignorando, o causador do mal de que sofre Betinna, de ter servido inocentemente de fio condutor ao fluido elétrico que...

(Cont. no próximo número)



QUE DIABO! E A CATÁSTROFE? RETRUCOU O MESTRE CAPELA

Régis

PING-PONG

UMA VITÓRIA VERTIGINOSA

DO ANONIMATO QUASE COMPLETO AO SUCESSO ATUAL, INEZITA BARROSO NÃO LEVOU MAIS DE CINCO ANOS — WALTER PIDGEON QUERIA LEVÁ-LA PARA HOLLYWOOD — UMA CONHECEDORA DE "COGNACS" — SUAS GRAVAÇÕES E PLANOS.

Entrevista de MAX GOLD

Fotos de IADE LUCA



- Ping — Corta o cabelo em casa ou vai ao cabeleireiro?
- Pong — Às vezes corto em casa, mas uma vez por ano vou ao cabeleireiro.
- Ping — Gosta de seu corte de cabelo ou já está conformada?
- Pong — Tenho ódio de meu cabelo... Vamos falar de outro assunto?
- Ping — Sua filha a considera boa cantora?
- Pong — Sim, mas acha que eu grito muito. Diz que não quer ser cantora para não viver com a garganta esfolada e de mau humor...
- Ping — O que faz para distrair-se?
- Pong — Não há tempo para estas coisas...
- Ping — Tem manias?
- Pong — Várias. Quando estou bem nervosa tenho a mania de arrumar a casa, mesmo depois de ela arrumada.
- Ping — Fuma, bebe ou joga?
- Pong — Não fumo, não jogo e só bebo «cognac».
- Ping — E' verdade que você é conhecedora de «cognacs»?
- Pong — Sim, é a única bebida que conheço bem e fico com raiva quando querem me impingir uma espécie ruim de «cognac».
- Ping — Gosta de freqüentar «boites»?
- Pong — Nem um pouco, só vou para trabalhar ou para não desgostar amigos da família.
- Ping — Prefere trabalhar em rádio ou em TV?
- Pong — Em ambos.
- Ping — Você gosta de futebol?
- Pong — E muito.
- Ping — Por qual clube você torce?
- Pong — Não digo, porque não quero comprar brigas...
- Ping — Pratica algum esporte?
- Pong — Natacão quando posso.
- Ping — Onde pratica?
- Pong — Em qualquer lugar onde haja água, principalmente na piscina do Paulistano. Há um mês que toda semana trago meu maiô para o Rio e chove sempre que quero ir à praia.
- Ping — Tem alguma outra aptidão artística além do canto e de tocar violão?
- Pong — Toco piano... Já toquei bem...
- Ping — Gosta de trabalhar em cinema?
- Pong — Gosto muito.
- Ping — Qual é o gênero de filme em que prefere atuar?
- Pong — Aquêles que tenha assunto nacional e seja realmente um filme brasileiro e não filme brasileiro com enredo estrangeiro.



Ping — Que tal achou Punta del Leste?
Pong — Muito interessante e tudo novo para mim.
Ping — E o festival de cinema?
Pong — Fraco, muito fraco.
Ping — A Light tem sido sua amiga?
Pong — Nem um pouco. Me faz subir oito andares a pé, várias vezes por dia e quase não me deixa ouvir rádio.
Ping — E' fã de alguma cantora?
Pong — Sim, de Yma Sumac, Amália Rodrigues e tôdas as cantoras nacionais.
Ping — Que acha da guerra fria entre as fãs de Emilinha e Marlene?
Pong — Não conheço de perto.
Ping — A que horas acorda?
Pong — Quando acabo de dormir e odeio dormir.
Ping — Gosta de viajar de avião?
Pong — Tenho pavor.
Ping — E de trem?
Pong — Também não gosto. E' uma viagem que não acaba mais.
Ping — E de automóvel?
Ping — Adoro, eu guiando.
Ping — Toma muito café?
Pong — Demais. De meia em meia hora. Em casa há sempre uma cafeteira no fogo.
Ping — Seu prato predileto?
Pong — Tudo menos miolo e rim.
Ping — Já comeu rã?
Pong — Já e gosto muito.
Ping — E ostras?
Pong — Adoro.
Ping — Gosta do bigode de seu marido?
Pong — Não. Não gosto de bigode, acho feio.
Ping — Qual é a sua música predileta?
Pong — Tudo, menos jazz americano.
Ping — Gosta de andar de calça comprida?

Pong — Adoro. E' muito raro eu usar vestido fora dos programas de rádio ou TV.
Ping — Por que?
Pong — Porque de vestido tenho que pôr sapato de salto alto e morro de dor no pé.
Ping — Gosta de dançar?
Pong — Gosto, mas a dor no pé atrapalha.
Ping — Em quem votou?
Pong — Não conto, o voto é secreto.
Ping — Gosta de viajar de navio?
Pong — Nunca viajei, mas gostaria muito.

Ping — Que acha dos discos voadores?
Pong — Agora gravo na Copacabana Discos e os discos de lá não voam.
Ping — Gostaria de ir a Hollywood?
Pong — Preferia ir antes ao Ceará, Amazonas, tudo isso...
Ping — Mas, Walter Pidgeon queria levá-la para Hollywood...
Pong — Sim, mas era mais um convite social do que profissional, por isso não valia a pena.

● Ao figurar em «Angela», em 1950 — tomando contato pela primeira vez com o profissionalismo — Inezita Barraco era publicamente uma desconhecida. E' verdade que desde os sete anos cantava em casa, acompanhando-se ao violão que dos anos em diante começaram os estudos de piano, que pouco entusiasmou-lhe despertaram. Mas só depois de casada, com o incentivo do marido, Inezita passou a dedicar-se seriamente à música popular, cantando e executando as melodias folclóricas do Brasil. Logo após o primeiro filme, surgiram os contratos para exibições em teatros e no rádio. Também para a televisão. O Festival de Punta del Leste — ao qual sempre recou como integrante da delegação brasileira, se constituiu num grande triunfo pessoal para Inezita. Foi uma das principais figuras da reunião, e ainda agora, tendo em vista suas apresentações naquelas certames, o governo uruguaio vem de convidá-la para gravar uma série de cantos e peças populares do Brasil. Inezita ainda tem gravado com frequência, e seus discos têm levado um pouco da alma do Brasil aos mais distantes recantos do mundo, pela mão amiga de Jean Louis Bonaldi, Vladimir Gasmann e Marion Anderson, por exemplo. Em 1954, foi-lhe concedido o Prêmio Equilíbrio Pleno, pela Associação dos Cronistas Radicais do Estado de São Paulo, que assim reconhecia os direitos de Inezita ao título de A MELHOR CANTORA POPULAR DO ANO. E no ano presente, todos os minutos são pontos para que se possam cumprir os contratos assumidos nos mais diferentes recantos do país, para emissoras de rádio e televisão, filmes e recitais. O que — convenhamos — para apenas cinco anos de carreira, é qualquer coisa de simplesmente extraordinário — uma vitória clara e inofensável.

SUGESTÃO PARA O LAR



● Uma plataforma no feitiço de ameoba, constitui base para o leito. Suas curvas graciosas estão em perfeita harmonia com a dimensão deste e o formato das mesinhas de cabeceira, originallíssimas. Como também incomum é a cabeceira da cama encurvada e estofada em couro amarelo pálido que contrasta com as almofadas e a colcha em lilás. A sugestão trás a assinatura da decoradora Ellen Mc Cluskey e foi planejada para um luxuoso apartamento em N. York.

SUA BELEZA... E O MATRIMÔNIO

E' muito fácil dedicar o tempo necessário à beleza quando não se tem deveres inúmeros a cumprir num tempo escasso... como dona de casa. No entanto é preciso continuar a ser bela e elegante mesmo depois de passado o período feliz da lua de mel, para que perdue a felicidade. Há coisas mais importantes a se fazer nesse sentido, é verdade. A beleza não é tudo, nem é o mais fundamental, porém é importantíssima. Aqui damos alguns conselhos para as jovens esposas e também, às não tão jovens.

Procure ser agradável, alegre, atraente, em todos os momentos, ainda que esteja limpando a casa ou cozinhando...

Para isso, embeleze-se. Gaste com parcimônia no que fôr preciso para chegar a êsse resulta-

do, porém... não ponha seu marido a par de tôdas as minúcias de sua maquilagem e de sua "toilette".

Use sempre uma roupa limpa, elegante, perfumada, quer

de dia, quanto de noite. Isso se refere não somente a vestidos, porém à roupa de baixo também.

Penteie-se e pinte-se logo de manhã, apenas levante da ca-

ma. Faça com que a impressão que leva de você seu marido para o trabalho seja a melhor possível e não a visão de uma mulher sonolenta e descabelada.

Trate de ter sempre as mãos claras e macias sem encardidos de cozinha nem asperezas. Se tem a pele muito sensível trabalhe com luvas. Mantenha as unhas sempre com o esmalte perfeito.

Cuide dos pés e das pernas. Depile estas últimas com a necessária freqüência. Pinte as unhas dos pés ou, ao menos, limpe-as e trate-as quando necessário.

Finalmente, perfume-se. Procure descobrir qual o perfume que mais agrada a seu marido e use-o sempre, porém sem exagero.



JUNE ALLYSON (foto Paramount)

ENXOVAL PARA O FUTURO LAR

★ O enxoval de uma noiva depende, é lógico, de sua situação econômica, do nível de vida que vai levar, da posição do futuro marido, de uma porção de circunstâncias. Por isso, é quase impossível organizar uma lista que sirva para todas indistintamente. No entanto, podemos fazer uma lista considerada mínima, para um enxoval sem luxo, porém suficiente para muitos anos.

4 lençóis bordados, com respectivas fronhas.

6 lençóis simples, com as fronhas.

4 lençóis para hóspedes, com 3 fronhas.

4 lençóis para empregada, com 3 fronhas.

6 toalhas de mesa finas, bordadas ou adamascadas, com guardanapos.

6 toalhas de mesa para uso diário, com guardanapos.

6 toalhas de banho.

12 toalhas de mão.

24 panos de enxugar panelas e louça.

12 panos de pó.

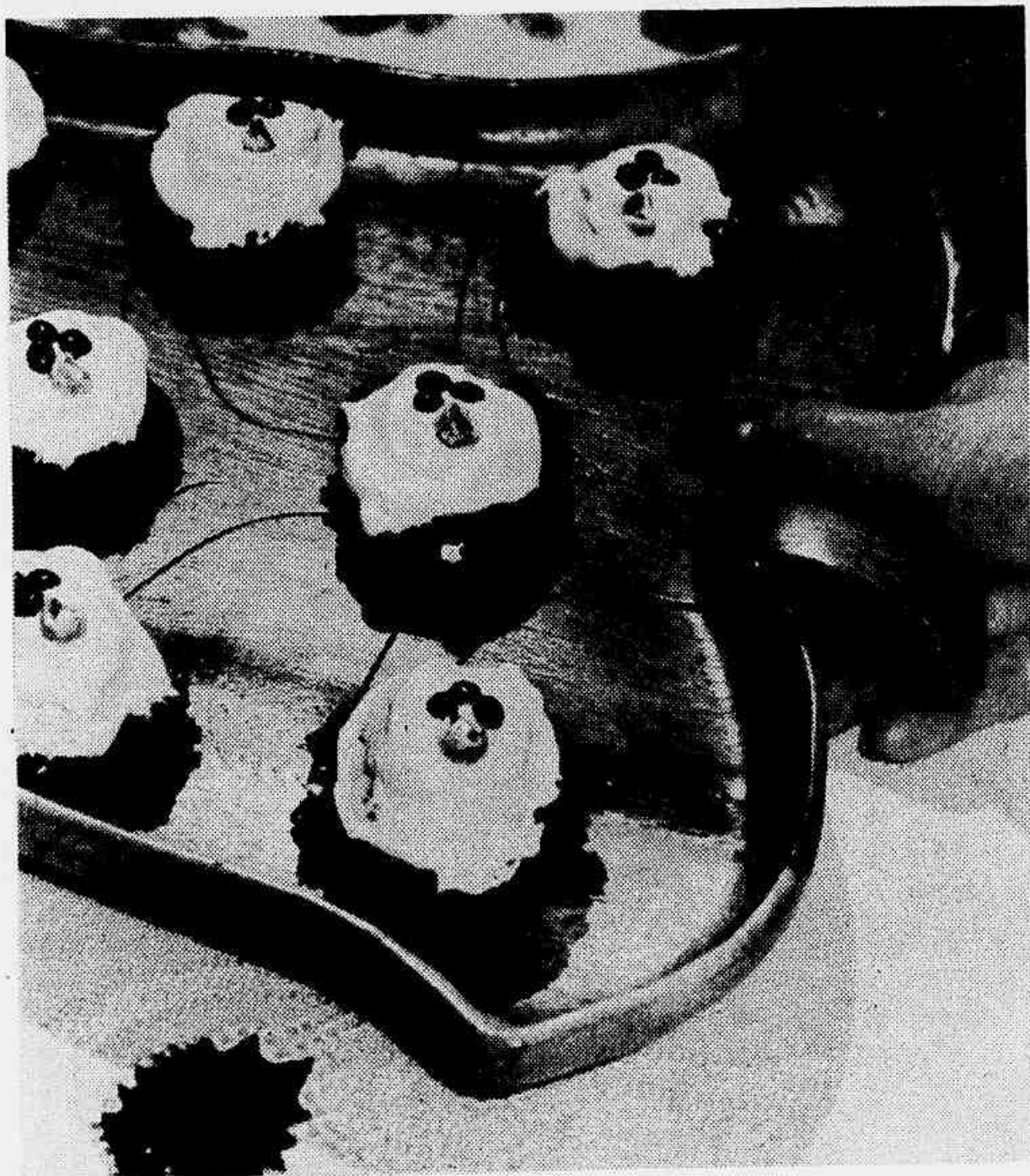
3 aventais plásticos para a cozinha.

2 aventais brancos engomados.

★ Essa roupa de casa é suficiente para quem vai morar num apartamento pequeno de cidade grande. As toalhas e os lençóis poderão ser em linho ou em algodão, com bordados mais custosos ou simples. Tudo depende, como dissemos acima, das condições financeiras da noiva. A lista basta. Além do mais, mesmo dispondo de possibilidade para um enxoval maior, a futura família vai morar em apartamento de 2 ou 3 cômodos, é bom não ter roupa de casa em demasia que ocuparia espaço nos armários, útil para outras coisas.



WEEK-END NA COZINHA



★ Nos Estados Unidos há uma campanha que visa ensinar o povo a «comer melhor» sob o «slogan» de «Best Foods». Apresenta uma série de receitas com ingredientes realmente valiosos por suas propriedades vitamínicas ou outras. Como por exemplo estes biscoitos de AVEIA, que podemos também experimentar e que são aconselhados para o lanche dos meninos.

1 — Bata meia xícara de manteiga ou margarina com 1/2 xícara de açúcar mascavo. Junte 1/2 xícara de glicose (xarope de milho) e um ovo. Misture bem.

2 — Peneire juntos: 1 xícara de farinha de trigo, com 1/2 xícara de cacau em pó (não muito amargo), uma colherinha de bicarbonato e uma outra de sal. Misture 1 xícara e 1/4 de aveia laminada e 1/2 xícara de nozes picadas (as nozes podem ser eliminadas se quiser). Junte esses ingredientes secos à massa, alternadamente com 1/2 xícara de leite.

3 — Unte ligeiramente uma assadeira e ponha a massa em montinhos, às colheradas. Asse em forno moderado, de 15 a 18 minutos.

4 — Bata uma clara de ovo com uma xícara de açúcar, uma pitadinha de sal e uma colherinha de essência de baunilha, em ponto de suspiro. Cubra os biscoitos com esse suspiro, depois de assados. Enfeite com pastilhas de chocolate. Leve ao forno ligeiramente, só para secar o suspiro.

SANTOS

São Vicente - Ponta da Praia

Cidades turísticas por excelência, as praias santistas são um mundo de encantamento e beleza, ligadas a São Paulo pela moderníssima e pitoresca Via Anchieta - orgulho da engenharia nacional. A facilidade de comunicação entre S. Paulo-Santos-S. Vicente e Ponta da Praia, constitui um verdadeiro recorde mundial, pois só o EBVL mantém com seus confortáveis ônibus, viagens de 3 em 3 minutos.



Modernas Agências que oferecem o máximo conforto

AGÊNCIAS DE EMBARQUES E INFORMAÇÕES:

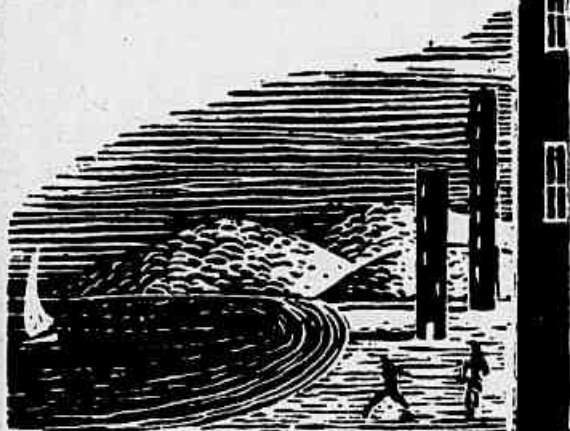
SÃO PAULO

Rua Tabatinguera, 37 (esquina Praça João Mendes) Fone 33-3326 e demais Agências.

SANTOS

Praça Mauá, 11 - Fone 2-2299 (cidade)

e nas praias J. Menino - Gonzaga São Vicente e Ponta da Praia



EXPRESSO
BRASILEIRO

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, N° 7-A, 12° ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

BÉL-HORMON A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n° 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" N°.....

NOME.....
RUA..... N°.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 3 E 9 DE DEZEMBRO DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Influindo poderosamente sobre a terceira casa do seu horóscopo, o planeta Marte lhe dará o máximo de facilidade no regime da cooperação. Peça o que quiser. Solicite o que entender, dentro dos limites do possível e do justo. Sua voz será ouvida.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — A semana será desfavorável à economia e às finanças. O leitor será levado a fazer despesas forçadas e elevadas, em virtude de casos imprevistos. A situação, porém, será dominada nos quatro primeiros dias da semana.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não se modificará, substancialmente, o clima astral da semana. Guarde-se das viagens e das modificações de base, nos domínios da profissão. O novo período será desfavorável às mudanças e às inovações.
- ★ CAANCER (23/12 — 20/1) — Guarde o máximo de discrição até mesmo entre as pessoas de sua inteira confiança. Seu ambiente será do contra em tudo o que se relacione com os interesses da sua vida profissional, social ou doméstica.
- ★ LEO (21/1 — 20/2) — Continue marchando no terreno, pois as iniciativas, por mais simples, estão ou estarão altamente prejudicadas. Limite-se às atividades profissionais e aos lazeres da vida doméstica, para não errar e provocar desgostos e prejuízos.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Evite os parentes e os mais íntimos, durante a semana. A ambiência da terceira casa do seu horóscopo é a mais nociva. Procure os estranhos, pois sua chance, na nona casa, favorecerá a posição do leitor entre as pessoas estranhas à respectiva entourage.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor terá no novo período sete dias equilibrados e regularmente favoráveis aos negócios domésticos e profissionais. Haverá uma sucessão benéfica de pequenos casos, correndo tudo, de modo simples mas agradável.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Sua posição será a melhor possível para deliberar. Se tem alguma decisão importante a tomar, não espere melhor oportunidade. O setor financeiro, muito bem aspectado, lhe dará a maior chance nos negócios.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor será levado naturalmente às soluções do seu interesse, no curso da semana em pauta. Não force, portanto, os acontecimentos. É preciso agir sem precipitação.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Suas inspirações serão o produto de manifestações inoportunas do subconsciente. Não se sugestione por elas. Raciocine bem antes de agir e não se arrependerá. É bom aconselhar-se sobre o que de importante tiver de fazer.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — semana terá um aspecto agitado, notadamente nos dias 6, 7 e 8. Não se interesse pelas questões políticas nem tome partido nas discussões de natureza doutrinária ou religiosa. No campo dos negócios a situação também não se recomendará.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Poderá viajar, iniciar negócios, tomar deliberações importantes, fazer mudanças e propor ações no foro. Os dias 6, 7, 8 e 9, serão altamente favoráveis aos seus projetos e aos sadios propósitos de que estiver animado.

OS NOMES DA SEMANA

Dezembro, 3	—	Silvério	—	Domília.
" 4	—	Elói	—	Silvana.
" 5	—	Jairo	—	Mercedes.
" 6	—	Tomásio	—	Berta.
" 7	—	Hermógenes	—	Nadélia.
" 8	—	Roque	—	Euris.
" 9	—	Miguel	—	Mayda.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Dezembro, 3	10°	32'	35"	(Signo do Sagitário)
" 4	11°	53'	27"	(" " ")
" 5	12°	34'	20"	(" " ")
" 6	13°	35'	14"	(" " ")
" 7	14°	36'	9"	(" " ")
" 8	15°	57'	6"	(" " ")
" 9	16°	38'	4"	(" " ")

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

N° 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfiates

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME.....

RUA..... N°.....

CIDADE..... ESTADO.....

CRÔNICA

ALGUNS LIVROS



CERVANTES

Thomaz Ribeiro Colaço publica em bela edição vinda de Lisboa, o seu «D. Quixote — Rei de Portugal», obra com quatro prefácios, três capítulos, numerosas notas e muitas mais virtudes, como ele próprio promete na capa do livro. É com grande prazer e deleite que se lê, ou melhor, que se perflustra o seu trabalho. Diz ele a certa altura do volume: «alguns terão sentido neste livro, uma lacuna: — não «explicar» Sancho Pança. Voluntariamente o evitei. Quem leu com alguma atenção o Romance Português de Miguel de Cervantes e a fala onde este se insurge contra o sebastianismo da filha, encontrou ali em poucas palavras, essa explicação: Sancho Pança era o povo português. Entretanto, muito de propósito isso aparece naquela página romanceada, onde até o devaneio me seria lícito. E nada mais quero nesta nota escassa senão dar presença ao problema, marcando a evidência de que não o esqueci», concluindo mais adiante: «Sancho Pança parece-me nitidamente, povo português, visto e pintado por Cervantes. Direi mais o que ele viu e pintou foi um dos tipos característicos desse povo: Sancho Pança era a meu ver um saloio». Obra de gosto clássico, cheia de ironia e repontilhada de observações

sutis, o novo livro de Thomaz Ribeiro Colaço não pode deixar de ser lido como quem estuda e não apenas lê, pelos homens de bom gosto, que amam as finas obras-primas da nossa literatura. Pena é que o pequeno espaço reservado a esta crônica, não permita que se possa estender em mais amplas considerações. D. Martins de Oliveira, acumulando as funções de juiz de Direito nesta capital e escritor de fecunda atividade no livro e na imprensa, dá um exemplo edificante e confortador de operosidade e capacidade intelectual, raro nos nossos dias de preocupações fúteis que oscilam entre o futebol e o jogo de «buraco», agora outras «atividades»... D. Martins publica além de dois volumes de poesias, outros dois livros em prosa: «É uma voz no silêncio» e «Voz da minha terra» em que reúne estudos de variada natureza, de mais subido valor.

O QUE ÊLES DIZEM

JUSTIÇA — «A justiça é a paixão mais terna e a virtude, a religião eterna». (CAMPOAMOR).

EXPRESSÃO — «Usa a linguagem que queiras; nunca poderás dizer senão o que és». (EMERSON).

IMORALIDADE — «Os livros que o mundo chama imorais são aqueles que lhe mostram a sua própria vergonha». (OSCAR WILDE).

MOCIDADE — «E amor enganam-se sempre na escolha». (VILLAVICIOSA AVELLANEDA).

MISANTROPIA — «É uma terrível doença: faz ver as coisas tais como são». (ABBE MONGAULT).

MINORIA — «É ela, quer vença quer morra, que faz a História». (J. BAUCKHARDT).

PERGUNTAS — «Nunca são indiscretas; as respostas é que são às vezes». (OSCAR WILDE).

ROMANCE — «O amor é o mais agradável episódio do romance da vida e o himeneu o apagador do amor». (SOPHIE ARNAUD).

SAÚDE — «A saúde depende mais das precauções que dos médicos». (BOSSUET).

SOCIEDADE — «A boa sociedade é um mosaico de caricaturas polidas». (F. SCHLEGEL).

VIDA — «A vida é uma tragédia para os que sentem e uma comédia para os que pensam». (LA BRUYÈRE).

BIBLIOTECA

«Nuevos rumbos en la literatura brasileña», de J. A. Pinto do Carmo, eis um útil e interessante ensaio visando ao conhecimento de nossa atividade literária fora do país, notadamente entre os países hispano-americanos. Neste interessante ensaio, editado pela Casa de America del Uruguay (Montevideo, 1955), o autor dá notícia do que se tem feito no Brasil no campo da poesia, do romance, do conto, da novela. O livro, que está muito bem apresentado graficamente, abre com um prefácio de Ariel Bouchaton Martini que em curta mas expressiva introdução, diz o que é o novo trabalho do autor de «Ciclos de la Poesía Brasileña», J. A. Pinto do Carmo, estudioso de nossa literatura. Vale a pena conhecer esse trabalho que merece aplausos, pelo seu espírito de divulgação e pela maneira criteriosa e hábil com que foi elaborado, por quem há muitos anos se vem dedicando a estudos comparativos de literatura no Continente.

«O Ciclo da Doutrina de Monroe», de Danton Jobim, que as edições Souza apresentam aos leitores brasileiros, é um estudo sobre as causas e consequências da Doutrina de Monroe. Autor de vários ensaios sobre temas políticos e sociais, Danton Jobim apresenta em seu novo trabalho, uma síntese imparcial e uma análise

lise do desenvolvimento da Doutrina de Monroe, colocando-a em face dos vários momentos históricos que marcam sua existência. Com toda sua larga experiência e visão de problemas internacionais, escreveu este livro que certamente constituirá fonte idônea de consulta para quantos se interessam por assuntos desta natureza, tão escassamente tratados no país.

«Augusto dos Anjos, o poeta e o homem», de De Castro e Silva, dedicado à memória do poeta no quadragésimo aniversário de sua morte, é um livro que é a sua própria vida, narrada por um entusiasta de sua obra, sincero e apaixonado, que publica este livro, fruto do carinho e da admiração, em que o leitor encontrará, através de páginas bem escritas e ilustrações fora do texto, indispensáveis conhecimentos em torno da personalidade impressionante do autor do «Eu e outras poesias».

LIVROS RECEBIDOS:

«Purgatório», de Paulo Dantas — Editora Piratininga — S. P. 1955.

«Branco e preto», de Raul de Azevedo — Pongetti, edit. — Rio 1955.

O DESAPARECIMENTO DE ORTEGA Y GASSET

O filósofo espanhol José Ortega y Gasset faleceu às 10 horas e 25 minutos de 18 de outubro do corrente ano, em Madri, cercado por sua família. Tinha ele 72 anos de idade e sofria de câncer no aparelho digestivo, o que determinara, no dia 28 de setembro último, uma intervenção cirúrgica no piloro, depois da qual os médicos quase não conservavam esperança de salvá-lo. José Ortega y Gasset era julgado principalmente pela sua obra mais conhecida e talvez mais importante, intitulada «A rebelião das massas». Graças a esse livro básico, havia quem o julgasse o mais arguto e penetrante diagnosticador dos males do nosso tempo e havia também quem o considerasse puro e simples defensor do fascismo. A influência de Ortega y Gasset tem sido grande não só na Espanha, onde o chamavam de «papa filosófico», mas na América Latina e na Europa e América do Norte, que conheceram sucessivas edições do seu livro apaixonante. Nasceu em Madri, a 9 de maio de 1883. Formou-se em Literatura e Filosofia aos 21 anos na Universidade de Madri, havendo estudado também nas universidades alemãs de Leipzig, Berlim e Marburg, onde se iniciou no movimento neo-kantiano. Aos 25 anos, era professor de Metafísica na Universidade de Madri. Em 1914 agitou a Espanha num ataque violento ao Rei Afonso XIII. Combateu, depois, incessantemente, a ditadura de Primo de Rivera. Organizou um partido de intelectuais e foi um dos trabalhadores ativos da queda da Monarquia. Eleito deputado às Cortes Constituintes de 1931, colaborou na redação da constituição da República Espanhola. Quando a Guerra Civil irrompeu em 1936, Ortega y Gasset foi para a França, iniciando um longo exílio pela América Latina e por Portugal, que só terminou em 1949, quando ele afinal aceitou os repetidos convites que lhe fez o «caudillo» Franco, para voltar à Espanha. As suas principais obras são: «Meditações do Quixote» (1914), «A desumanização da Arte» (1925), «Espanha invertebrada» (1922) e «A Rebelião das Massas» (1930). Essa a grande perda que o mundo das letras vem de sofrer, abrindo um profundo sulco na galeria dos grandes vultos do pensamento universal do nosso tempo.

POESIA

A herança lírica

O avô conduz o neto de três anos
Por um jardim onde correm crianças,
Sentindo o anoitecer, suas doçuras.
O avô, que é poeta, se detém, de quando em quando,
Como para gravar na memória,
Alegrias tão puras.

Depois, com lentidão, numa rua tranqüila,
Mudos, caminham, carregados
De coisas muito diferentes.
No seu nevoeiro, o avô recorda
A face de um homem a quem condenara,
E tem vontade, agora, de revê-la...

De repente, o neto, maravilhado,
Sacode a mão do avô que é poeta,
E o céu lhe aponta,
Como se houvesse descoberto a vida,
Todos os segredos imortais da vida,
Num grito de alegria: — «A estrela! a estrela!»

OLIVEIRA E SILVA
(Inédito)

ENTREVISTA RELÂMPAGO

(Com J. E. Pizarro Drummond, autor de «Burocracia e Democracia» e «Da decisão disciplinar e sua natureza jurídica além de ensaísta de colaboração assídua na imprensa.)



1ª pergunta: — Dos nossos escritores qual lhe parece o maior?

Resposta: — Machado de Assis.

2ª — Quais os poetas de sua preferência?

R.: — O lírico Luiz de Camões e os modernos Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e outros mais.

3ª — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Poesia, crônica política e biografia.

4ª — Quais dos nossos escritores gostaria fôssem da Academia?

R.: — Gilberto Amado e Adelino Magalhães.

5ª — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — No paraíso. Não é que me considere algum semi-deus, mas pelo desejo de bem viver.

6ª — Como gostaria de morrer?

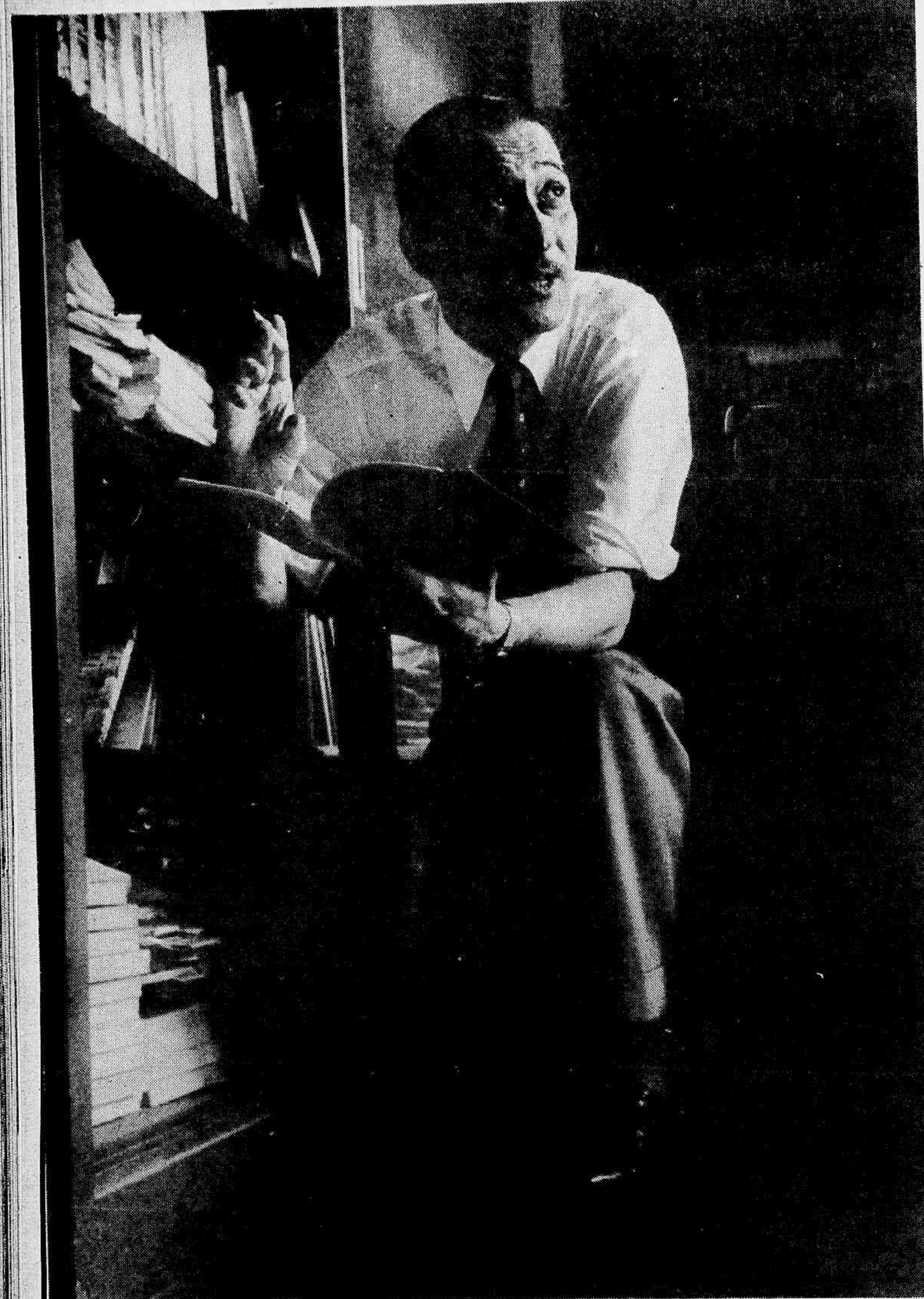
R.: — Sem saber, sem sentir.

7ª — Acredita nos discos-voadores?

R.: — Deus sabe o que eles são e o que fazem.

8ª — Qual a sua maior ambição literária? Tem novo livro a publicar?

R.: — No momento não tenho ambição literária. A publicar, um pequeno livro versando assunto jurídico.



trabalho honesto, enriquecido por observações curiosas, e sobretudo o mais completo possível.

José Galante de Souza, carioca, 42 anos, ex-seminarista em Niterói e Mariana, dedica-se ao magistério particular (latim e português) desde 1936, época em que deixou o seminário. A par do ensino daquelas matérias, ia fazendo suas pesquisas, fascinado pelas dificuldades que ia encontrando, e vencendo-as com seu trabalho paciente e persistente.

— Comecei o meu trabalho (explica-nos J. Galante de Souza) reunindo material para um estudo dos textos, com o estudo analítico do estilo de Machado de Assis, as variantes, as correções, mudanças de títulos, etc. Mas ao fim de oito anos, verifiquei que o material colhido poderia servir também a outros. Sistematizei o vasto material, com todo o cuidado possível, resultando afinal um livro que espero seja útil aos estudiosos da obra de Machado Assis.

Há muita coisa nova nos 1272 verbetes da «Bibliografia», correspondendo cada um a um livro, uma crônica, uma poesia, etc. Sobre como foi organizado o volume fala-nos seu autor:

— Dividi o trabalho em três partes. Primeiramente menciono os pseudônimos usados por Machado, cada um acompanhado de uma exposição, mencionando depois todas as edições em volume, versões, manuscritos, peças musicadas, radiofonizadas, filmadas, trabalhos que lhe são atribuídos, trabalhos perdidos, etc. Na segunda parte menciono, em ordem cronológica, sob a forma de verbetes, todos os títulos dos trabalhos literários de Machado de Assis. Finalmente a terceira parte representa um índice alfabético e remissivo, chave-mestra para o manuseio do volume.

Quisemos saber sobre as «Obras Completas» editadas pela Casa que tem os direitos de edição sobre as obras do grande escritor. Galante de Souza sorri, põe o cigarro no cinzeiro:

— Não são obras completas... A Jackson aproveitou apenas 30% de toda a obra de Machado de Assis. Além disso, conforme divulguei em artigo no «Correio da Manhã» de 6 de março de 1954, o que repito em meu livro, há muito o que desejar nessa edição. Principalmente quanto à revisão do texto, que continua em muitos casos tão impuro quanto o das edições anteriores da mesma editôra. Há falta de palavras, de frases, trocas, intromissão de palavras estranhas ao texto, mudança de tempo de verbos e até (parece incrível) correções à redação do autor...

O professor Galante de Souza é um homem simples, traz um sorriso de confiança nos lá-

GALANTE DE SOUZA: Após a «Bibliografia de Machado de Assis», que levou vários anos preparando, surgirá a «Bibliografia sobre Machado de Assis» em vários grossos volumes.

MONUMENTO A MACHADO

UM LIVRO E SEU AUTOR ★ MIL DUZENTAS E SETENTA E DUAS PEÇAS LITERÁRIAS DE MACHADO DE ASSIS CATALOGADAS PELA PRIMEIRA VEZ EM LIVRO ★ A EDITORA JACKSON, EM SUA «EDIÇÃO COMPLETA», PUBLICA APENAS UM TERÇO DA OBRA DO GRANDE ESCRITOR BRASILEIRO ★ FALAM OS MACHADIANOS SOBRE A «BIBLIOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS», DE GALANTE DE SOUZA

Texto de WALDIR RIBEIRO DO VAL

DENTRE OS MARCOS mais expressivos da bibliografia machadiana, inclui-se agora a extensa «Bibliografia de Machado de Assis» (ed. do Instituto Nacional do Livro, Rio, 1955), do professor J. Galante de Souza. Pelo valor que ela representa para os estudiosos da obra do

grande escritor, bem merece a designação de monumento. É um alentado volume de mais de 800 páginas, trazendo a biografia completa de todos os escritos de Machado de Assis.

O autor do valioso livro gastou oito anos em laboriosas pesquisas, a fim de apresentar um

bios, e através de sua modéstia percebe-se o grande cultura humanística e literária de que é possuidor. A ele a literatura brasileira fica devendo muito, pois seu livro é exatamente o trabalho que faltava para a glorificação de Machado de Assis, nosso maior escritor.

O QUE DIZEM OS "MACHADIANOS"

R. MAGALHÃES JÚNIR (autor de «Machado Assis Desconhecido»)

«O livro de José Galante de Souza representa o mais extraordinário esforço no domínio bibliográfico até hoje feito no Brasil em torno da atividade de um escritor. Machado de Assis não foi apenas de uma assombrosa fertilidade, como ainda assumiu os mais variados disfarces, assinando seus trabalhos com uma infinidade de pseudônimos, de Gil a Manassés, de Malvílio a Lélío, de Job a João das Regras, de J.J. a Lara, de Eleazar a dr. Semana, etc. Tirou, uns, de páginas da bíblia, outros de peças de teatro, outros não o sabemos onde, nem jamais o saberemos... Só mesmo quem se empenhou a fundo em pesquisas semelhantes, como tive de fazer ao escrever o meu «Machado de Assis Desconhecido», pode avaliar o que representa tal esforço, com as coleções dos velhos jornais às vezes desfalcadas, outras vezes em frangalhos. Quem leu o meu livro, viu que nele menciono várias vezes o trabalho de Galante de Souza, a quem conheci na Biblioteca Nacional, na sala de leitura dos periódicos, ele levantando suas fichas, eu lendo páginas ignoradas de Machado. Devo-lhe algumas indicações, que consignei em meu livro. E quero, desde já, dizer que uma das peças que ele deu como perdida em sua opulenta «Bibliografia», a tradução da peça teatral de Barrière e Plouvier, «O Anjo da Meia-Noite», já está descoberta e identificada, graças a esforços conjugados, dele e meus. E' sem dúvida uma nota interessante, esta. Mas seria longo demais dizer-lhe, aqui, como fizemos essa descoberta. Entendo que o livro de Galante de Souza é um roteiro seguro para o melhor conhecimento de Machado de Assis — confirmando, no seu domínio, em vários passos, o que se contém no meu, a que não se refere por ter sido quase simultânea a publicação de ambos. Fiz, por exemplo, em meu livro, a divulgação de várias páginas desconhecidas de Machado, como «Os Polacos Exilados» e o conto «Habilidoso», positivamente autobiográfico, constantes tôdas essas peças dos verbetes de Galante de Souza. O que se impõe desde logo à nossa consideração é a soma imensa de trabalhos de Machado de Assis, desde a primeira poesia, «Ela», na *MAR-MOTA*, em 1855, até 1908, ano de sua morte. São, portanto, 53 anos de trabalho intenso e contínuo, em crônica, poesia, romance, crítica literária, teatro, traduções de folhetins e de peças, contos, ensaios, etc. Basta a simples enumeração dessas peças, entre as quais há um bom número de obras-primas, para fazer com que cresça a nossa admiração pelo genial escritor, milagre de tenacidade e talento, de autodidatismo e inspiração».

★

EUGENIO GOMES (autor de «Influências Inglêsas de Machado de Assis», «Prata de Casa», etc.)

«Sómente os que já tiveram ensejo de fazer algum estudo da obra de Machado de Assis poderão compreender o alcance e a importância do trabalho do prof. Galante de Souza. Talvez mais que qualquer outro estudioso, eu sentia a

falta de uma bibliografia machadiana completa, tal como a do volume editado pelo Instituto Nacional do Livro, quando iniciei ainda em minha província a ingrátissima tarefa de relacionar algumas produções de Machado de Assis com as suas fontes, já que me preocupava também, e não pouco, acompanhar-lhe a curva da evolução estética. Isso tornou-se impraticável e fui forçado a contornar as dificuldades, desprezando vários projetos, o que deixa sempre um resíduo de insatisfação. Agora, não. O material aí está. E não é só isso. Por ter sido captado criteriosamente, com metodologia adequada e honesta, representa um vigoroso estímulo e também uma fonte viva de sugestões à crítica em geral. Em qualquer parte do mundo, onde os trabalhos de pesquisas bibliográficas têm a receptividade que merecem, a obra do prof. J. Galante de Souza seria considerada um trabalho de valor inestimável. Pessoalmente, não sei como agradecer a esse emérito pesquisador o concurso que dêsse jeito ele me trouxe, já que não deixa nunca de trabalhar na xácara do velho Machado»...



É DE VALOR INESTIMÁVEL para a compreensão de Machado o livro que Galante de Souza acaba de publicar. Verdadeiro monumento ao nosso maior escritor. Um trabalho paciente e valioso.

LÚCIA MIGUEL PEREIRA (autora de «Machado de Assis»)

«Embora haja sobre Machado de Assis alguns trabalhos de grande valor — destacando-se os de Augusto Meyer e Barreto Filho, — penso que nenhum sobreleva em importância a «Bibliografia» organizada, com tanto rigor, pelo prof. Galante de Souza, pois, no caso de Machado, a informação é mais útil que a interpretação».

★

PEREGRINO JÚNIOR (autor de «Doença e Constituição de Machado de Assis»)

«Acho a bibliografia do prof. J. Galante de Souza merecedora dos maiores aplausos. E' um trabalho que praticamente esgotou o assunto,

por assim dizer, pois Machado de Assis é assunto inesgotável. Sendo o maior escritor brasileiro, é ainda um dos grandes romancistas universais, descoberto há não muito tempo pelos leitores de língua inglesa, entre os quais há também apaixonados cultores de sua obra. A «Bibliografia de Machado de Assis» é uma das grandes contribuições prestadas à literatura do Brasil, pelo que estão de parabéns o seu autor e todos os «machadianos» brasileiros».

★

JOSÉ MARIA BELLO (autor de «Retrato de Machado de Assis»)

«A Bibliografia de Machado de Assis», do sr. J. Galante de Souza, pareceu-me um trabalho consciencioso. Julgo-o indispensável também para o completo conhecimento do escritor sem par em nossa literatura. Dizem os argentinos que Buenos Aires, com quatro milhões de habitantes, é a primeira cidade de seu país, e Rosário, com quatrocentos mil... a quarta. Não há segunda, nem terceira... Poder-se-ia aplicar a «boutade» a Machado de Assis. Primeiro entre os escritores brasileiros e ficção... depois, procura-se o quarto... Muito se tem escrito sobre ele; muito de certo ainda se escreverá, permanente desafio, que é, às interpretações literárias e psicológicas. O interesse pela sua obra singular aviva-se nos últimos tempos no estrangeiro. Quer dizer: a sua glória começa a firmar-se no âmbito da literatura universal».

★

AUGUSTO MEYER (autor de «Machado de Assis»)

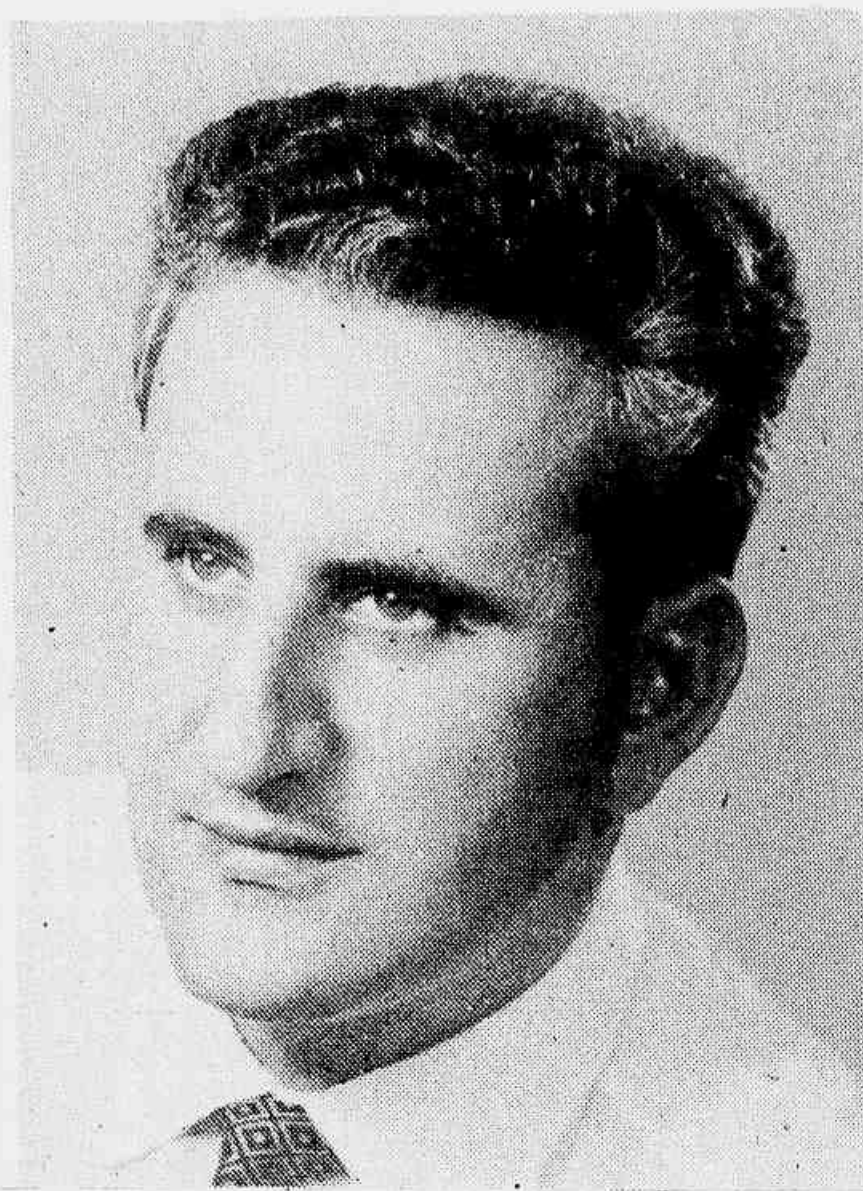
«Servirá principalmente essa bibliografia de base documentária a qualquer tentativa de organização das obras completas de Machado de Assis. E que manancial de informações para a interpretação crítica, para o estudo sistemático da evolução do escritor! Já não veremos os machadianos desarvorados, recomeçando de cada vez a mesma pesquisa e repisando o mesmo caminho. Bastará compulsar este volume, e o roteiro está aberto, seja para o cotejo dos textos, primeiro passo no rumo da verdadeira interpretação literária, que é o estudo estilístico, seja para acompanhar a biografia da obra em conexão com a biografia do autor, já estudada em trabalhos anteriores».

★

ANTÔNIO SIMÕES DOS REIS (autor de «Poetas do Brasil», mestre da bibliografia nacional)

«O inquérito da REVISTA DA SEMANA sobre o livro do prof. Galante de Souza é uma coisa avançada na nossa vida literária. A «Bibliografia de Machado de Assis» é, na literatura bibliográfica do Brasil, o maior marco. Pena que o Instituto Nacional do Livro se descuidasse da parte técnica bibliográfica do livro. Está de parabéns, apesar disto, o dr. Augusto Meyer, que desta vez soube escolher, ao lado do trabalho de Nogueira da Silva, um trabalho digno do título de BIBLIOGRAFIA».

GENTE DE TEATRO



ADOLFO CELI
Trabalhou bem na direção

Depois de «Diálogo das Carmelitas» e «E' preciso viver», os Artistas Unidos abriram parêntesis para uma comédia brejeira — «A Fôlha de Parreira» — e entregaram a direção de Adolfo



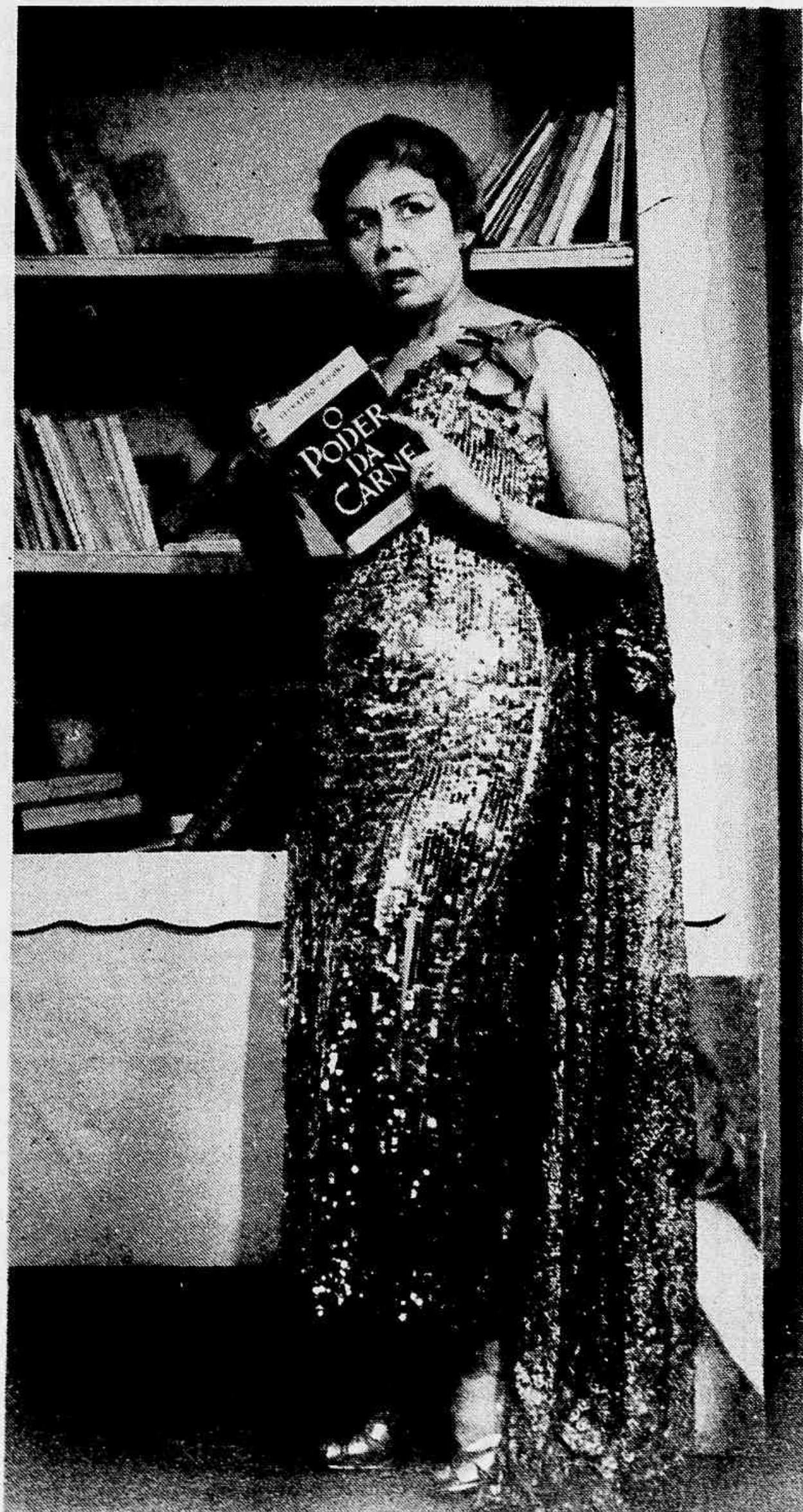
MARIA SAMPAIO
Voltou em perfeita forma

Celi, então recém-saído do TBC. — Enquanto aguardava o ensejo de começar os ensaios de sua companhia própria, que em março estreará no Dulcina, o renomado diretor italiano entre-

● *E' natural que os acontecimentos venham perturbando, em parte, o movimento às casas de espetáculos da cidade. Bem entendido, aos teatros, sempre as maiores vítimas. Porque os cinemas continuam abarrotados, e o futebol, nem se fala. Tôda a gente vai ao Maracanã sem pensar em dificuldades ao voltar para casa, e ao cinema, é logo ali na esquina... Já com o teatro, as coisas são outras, os preparativos antecedem-se de dias, quando não devia ser assim. E os espetáculos que se oferecem ao público, com novembro pela metade, são bem razoáveis, faltando, apenas, os musicados. Esses são substituídos pelos "shows" das "boites".*

A temporada de Dercy Gonçalves está sendo feita apenas com uma peça, «Miloca recebe aos sábados». Em parte, o espetáculo é diferente em cada representação, porque Dercy incumbe-se de improvisar com verve. Com inteligência.

Esta é Mione Amorim, na «Franzi» de «Sonho de Valsa», que a Companhia de Operetas Pedro Celestino encenou no Recreio. Depois, veio «Viúva Alegre». Mione serviu para mostrar que ainda há quem cante opereta no Brasil, sabiam?





GLÓRIA COMETH
Estreante em belo estilo



IRACEMA DE ALENCAR
Magnífica em papel diferente



LAURA SUAREZ
Tamanho de papel não é documento

gou-se de alma e coração à peça de Jean Bernard Luc e deu à cidade um espetáculo que vale pela interpretação, acima de tudo, em grande parte originada do trabalho de Celi.

Sem essa contribuição, o que teríamos no Copacabana não seria mais que um espetáculo com sal e pimenta, sem maior mérito. Tanto é verdade que bons artistas ajudados por um en-

saiador de responsabilidade, pode fazer o milagre de transformar uma peça vulgar em um encantamento para as platéias menos condescendentes.

Acreditem ou não, estes são mãe e filho: Déa Selva (na companhia Dercy Gonçalves) e Ca-zarré Filho, que apareceu com Roulien em «Ninguém dorme em Florença». Ambos fazem rádio, na Nacional. Ambos simpáticos e bons artistas.



Entre as peças mais que maliciosas, da temporada, sobressai «Espôsa em circulação», com a qual Aimée (a que melhor sabe despir-se... em cena) mata as saudades do seu público. O galã, desta vez, é Cilo Costa, o felizardo.



Cinco dias antes de deixar à pasta

FALA AMORIM DO VALLE:



PELA PRIMEIRA VEZ, O ENTÃO
MINISTRO DA MARINHA DEI-
XAVA ENTREVISTAR-SE NO
SEU GABINETE E EM SUA
RESIDÊNCIA, MAS DEPOIS DE
MUITA RELUTÂNCIA ★ «APE-
SAR DA SITUAÇÃO DELICADA
QUE ATRAVESSAMOS, E DE
TODOS OS MALES QUE NOS
CERCAM, TENHO ESPERAN-
ÇA DE QUE O BRASIL VE-
NHA A VENCER A GRAN-
DE CRISE, SAINDO-SE BEM»
★ MAS TUDO ESTAVA
MUITO CONFUSO E DELICA-
DO ★ RECORDANDO A VIA-
GEM A PORTUGAL COM O SR.
CAFÉ FILHO E UMA APRECIA-
ÇÃO SOBRE O GOVERNO DE
SALAZAR E CRAVEIRO LOPES
★ EVOCANDO EPISÓDIOS DE
SUA CARREIRA: PRISÃO (DOIS
ANOS E MEIO) NA CONSPIRA-
ÇÃO PROTÓGENES, NO «MI-
NAS GERAIS» ★ ANSIOSO
POR ENTRAR EM REPOUSO,
DEPOIS DE 31 DE JANEIRO
★ MANHÃ DE DOMINGO AO
LADO DE SUA FAMÍLIA

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
Fotos de ALBERTO FERREIRA

—JÁ NÃO POSSO OLHAR PARA MUITO LONGE... MAIS DOIS ANOS E ESTAREI REFORMADO



O café na manhã de domingo, dia 6, sem preocupações políticas: o Almirante, dona Nair e o filho caçula, Frank, de 14 anos. Estava ausente o mais velho, Armando, com 17 anos, que ora cursa o Colégio Naval. Dona Nair cogitava de dar um pulo a Angra dos Reis para matar saudades.

NÃO foi fácil de arrancar ao ministro Amorim do Valle esta entrevista. De temperamento avesso a qualquer auto-revelação e receioso de ser julgado por terceiros um indivíduo vaidoso ou cabotino, foi preciso insistir, contornar situações e esperar pacientemente três semanas até se conseguir o nosso primeiro encontro. A idéia da reportagem viera depois das eleições, quando o nome do ministro ficou em evidência, citado mesmo entre os elementos do governo que não estariam dispostos a transmiti-los aos candidatos mais votados. Muito se falava do sr. Amorim do Valle mas pouco se conhecia a seu respeito, a não ser a citação antiga de ter figurado entre os componentes da famosa Conspiração Protógenes, há trinta anos passados. Sabíamos que não era fácil dele obter revelações sobre o momento político, mas, justamente por se tratar de um dos nossos homens públicos menos acessíveis, é que a sua figura passou a despertar a curiosidade

do repórter. Afinal, tratava-se de um homem do mar com o seu passado e uma incontestável fôlha de bons serviços prestados à Armada, merecendo por isso um retrato de corpo inteiro, para conhecimento do público e como contribuição, quaisquer que sejam os dias vindouros, para aqueles que deverão escrever sobre os agitados dias presentes. Foi sob a taxativa promessa de não aludir ao panorama que aí está, turbulento e incerto, mas exclusivamente à Marinha e ao homem que no momento assume a responsabilidade dos seus destinos, que afinal obtivemos consentimento para um primeiro encontro. O almirante Amorim do Valle estaria à nossa disposição em seu gabinete. Não era, porém, nesse gabinete que desejávamos fazer todo o serviço. Impunha-se dividi-lo em duas partes: uma em que fôsse apreciado o Ministro no exercício de sua função e a outra que nos permitisse conhecer, ainda que superficialmente, o homem fora dessas responsabilidades.

● Já estava composta e paginada esta matéria quando sobrevieram as ocorrências de 11 de novembro e esta redação julgou conveniente adiar a sua publicação. Agora, ela aí está, oferecida aos leitores, sem qualquer alteração, tal como seria lida nestas páginas ainda que aquelas ocorrências deixassem de ser registradas. Houve, apenas, o adiamento. Todas as declarações que nos forneceu o almirante Amorim do Valle, estão fielmente mantidas. — N. da R.

AMORIM DO VALLE



Fora dos seus deveres, o então Ministro da Marinha não tinha outra distração que não fôsse a leitura dos jornais. Sentava-se diante do aparelho de televisão, em companhia da esposa, e quando o programa ocasionalmente despertava interesse, interrompia a leitura para assisti-lo.

no convívio da família, com a esposa e os filhos.

Passemos por alto os argumentos e a dialética aplicados para, finalmente, na manhã de sábado 5 de novembro, entrar com o fotógrafo na residência do ministro, em Ipanema, rua Nascimento Silva 368. Pretendíamos começar com alguns flagrantes na intimidade: se possível, quando o almirante ainda não trajasse a roupa de sair, e se preparasse para o café. Recebeu-nos a empregada solícita. Estávamos, enfim, na ante-sala de jantar, naquele prédio modesto mas confortável, sem que nada, em torno, fizesse lembrar a casa de um marinheiro. Enquanto esperávamos a presença do anfitrião, buscávamos alguma particularidade curiosa dêsse e do aposento imediato. Inútil. Tudo trivial, não diremos propriamente modesto, mas discreto, os móveis de todas as residências, sem luxo, um aparelho de televisão, um grupo para visitantes, quadros sem significação maior, e os pertences da sala de refeições. Só um objeto despertou a nossa curiosidade: em uma das poltronas, a pasta de couro, volumosa e respeitável, do ministro. Dir-se-ia que para a cadeira fôsse jogada na véspera, quando o almirante tivesse voltado a casa cansado, alta noite, e ali a deixasse, sem maiores preocupações com o seu conteúdo, até sair na manhã seguinte. Foi o que realmente

fêz o sr. Amorim do Valle: quando, meia hora passada, saía em nossa companhia para o Ministério, limitou-se a apanhá-la, sem procurar abri-la, e a levá-la consigo. Por alguns minutos nossos olhos fixaram-se na pasta de couro. Era, afinal, a pasta do Ministro da Marinha. E uma pergunta nos veio ao pensamento: Que guardará essa pasta? Papéis de rotina? Algo de mais importante?

...

Nossas reflexões foram interrompidas com a presença do ministro, ao descer o lance de escadas do pavimento superior, em que estão instalados os aposentos de dormir. Vinha à paisana, vestindo impecável roupa de casemira, o que nos decepcionou. Não era aquela a combinação... Esperávamos ser recebidos antes do café e as xícaras vazias, que a empregada ia retirando da mesa, mostravam que a primeira refeição havia sido feita.

Isso mesmo fizemos vêr ao sr. Amorim do Valle, que já esperava a estranheza e nos disse:

— Refleti melhor. Convenci-me de que não posso atendê-lo nesse pedido... Em que pode interessar lá fora a minha vida particular? Ela nada tem de diferente da dos demais cidadãos. Nunca me expus a essas coisas, perdão, mas aqui estou para o atender no que disser res-

peito às minhas atribuições. E nem mesmo com relação a elas penso que lhe possa dizer muito de novo...

Falava à nossa frente, de pé, pronto para sair:

— Se quiser bater alguma chapa aqui em casa, estou à sua disposição.

Era, afinal, uma derrota para quem, desde semanas, desenvolvia o melhor do seu esforço para conseguir uma entrevista com o ministro-caramujo... E respondemos:

— Perdão, sr. Ministro, mas nesse caso não será feita chapa alguma. Poderemos marcar outro encontro em seu gabinete, e então lá...

O Almirante concordou. Mas o repórter não estava disposto a dar-se por vencido, e lá voltou à sua argumentação, reforçada de improviso com outras razões. O sr. Amorim do Valle não se pertencia exclusivamente, a si mesmo e aos seus. Todos os homens públicos tem o dever de dar a sua contribuição para serem, mais tarde, fielmente examinados. A vida particular de um ministro é um prolongamento da que ele exerce em público. Completam-se mais do que aparentemente se pode crêr.

E ali mesmo, de pé, enfrentando a atitude inflexível do Almirante, acabamos

por convencê-lo. Enfim, ele acedia em que voltássemos na manhã seguinte, domingo, bem cedo. Estaria ao nosso dispor para algumas poses, com seus familiares.

Ao descer para a cidade, no carro oficial que o aguardava, à porta, teve o ministro a gentileza de convidar o repórter e o fotógrafo para lhe fazerem companhia. Iríamos então aproveitar a sua entrada no gabinete para alguns flagrantes. As fotos do sr. Amorim do Valle, dentro do lar, estavam adiadas por vinte e quatro horas.

RUMO A CIDADE

Aquêles minutos no percurso de Ipanema ao Arsenal de Marinha, era preciso aproveitá-los, para inspirar alguma confiança ao nosso entrevistado. Não é fácil, dentro de um auto, em boa velocidade, com tempo contado, cair nas graças de um homem do mar pouco disposto a dizer coisas. Preferimos começar por longe, pelo outro lado do Atlântico. E lembramos ao almirante Amorim do Valle, sua recente viagem a Portugal, em companhia do presidente Café Filho. O tema agradou ao ministro que, sem reboços, recordou aquela excursão. Por coincidência, também o repórter a fizera, podendo assim citar detalhes — as explosões de entusiasmo do povo em

Fala Amorim do Valle: — Já não posso olhar para muito longe...

Lisboa, Pôrto, Guimarães e Coimbra. O carinho, da gente mais humilde às primeiras figuras do país, em rodear de atenções fidalgas a caravana brasileira. Aquela inesquecível entrada do «Barroso» no Tejo, sob as salvas da esquadra portuguesa, com esquadilhas de aviões sobrevoando, a formação das tropas, o primeiro contacto com as autoridades no Terreiro do Paço... O Ministro entusiasmava-se nessas evocações. Lembrava outros pormenores. E sublinhava:

— Penso que nunca houve manifestação igual. Eles souberam receber o Brasil com o coração escancarado e com toda a lealdade.

Depois estendeu suas observações pessoais aos homens do governo português. Lembrou Salazar, homem simples e modesto, mas eficiente. («Nunca vi uma pessoa tão despida de vaidades... Se alguma ele tem, sabe escondê-la tão bem que ninguém a pressente...»). Citou a recuperação das finanças, a confiança do povo em seus governantes, a ordem, aquela ordem magnífica que impera em todo Portugal. Recordou que em outros tempos o país vivia perturbado pelas freqüentes revoluções, sem vida equilibrada, à mercê dos imprevistos, e agora, tudo era trabalho, paz, decência, decência em todos os sentidos da palavra.

Referindo-se às homenagens que o sr. Café Filho ali recebeu:

— Na minha opinião, ele é o homem mais indicado para nosso embaixador em Portugal.

Aproveitamos para indagar se tivera,

naquela manhã, notícias do estado de saúde do presidente:

— Hoje ainda não. Mas as que recebi ontem à noite eram animadoras. Está tudo bem com ele.

Foi quando a conversa — sempre no percurso à cidade — se desviou para a Marinha:

— Temos trabalhado bastante mas estou satisfeito com os resultados obtidos — acrescentou.

E referiu-se à iniciativa do serviço de transportes, que vai resumido em outro local desta reportagem. Encareceu as vantagens desse trabalho, sua utilidade, e a conveniência de não sofrer alteração seja qual for o futuro Ministro da sua pasta. Já nessa altura o sr. Amorim do Valle falava com entusiasmo, embora mantendo a sua linha irrepreensível que é — depois o notamos — uma característica do homem. Aludiu também às obras da Ilha dos Governadores, para os fuzileiros navais, e à estrada Rio-Petrópolis onde existirá a Imprensa Naval, «uma das mais bem aparelhadas de todo o continente». Referiu-se a outros serviços que a Marinha projeta ou já está iniciando em todos os terrenos daquela estrada. E afinal, chegamos ao Ministério.

UM MINISTRO E A SUA GENTE

A entrada do Almirante Amorim do Valle no edifício do Ministério fez-se sem maior aparato. Uma simples apresentação de armas pelas sentinelas, cumprimentos afáveis aos oficiais que o recebiam e o conduziam ao elevador particular, e pronto, dávamos entrada, em

sua companhia, no seu gabinete, espaçoso, claro, com as sacadas voltadas para o mar. Sem demora comparece o primeiro cafêzinho da manhã. Manhã de sábado, dia de meio-expediente e sem maiores tarefas. O contra-almirante Carvalho, chefe do gabinete, troca algumas palavras sobre assuntos de serviço com o titular, enquanto o capitão de corveta Alfredo Canongia Barbosa, oficial de ligação com a Imprensa, dá ao ministro as primeiras informações dos jornais. Nada de extraordinário, a não ser mais um telegrama do novo judeu-errante Perón, a correr mundo desordenadamente. O Ministro ri e saboreia o cafêzinho. Não ouvimos alusões à política de casa. Tudo é cordial, num ambiente muito claro, inclusive o branco do uniforme dos oficiais. E enquanto é atacado o expediente escasso do fim-de-semana, vão sendo feitos os flagrantes sem qualquer embaraço. Está resolvida a primeira fase da reportagem.

DOMINGO EM IPANEMA

A semana chuvosa abriu um parêntesis naquele maravilhoso domingo do dia 6. A praia era um convite tentador, irresistível, mas ainda antes das oito e meia deveríamos ser recebidos pelo ministro, novamente em sua casa de Nascimento Silva. E desta vez tudo corre ao sabor dos nossos desejos. A mesa está posta para a primeira refeição, mas depois apuramos que dona Nair, esposa do ministro, madrugadora impenitente, já tomou o seu café, por volta das seis horas. Isso não impede que faça companhia ao marido e ao filho caçula. Há um lugar vago na mesa, posta para quatro pessoas: Armando, o filho mais velho, com 18 anos, cursa o Colégio Naval, enquanto Frank, com 12, faz o

ginásio. Dona Nair está saudosa de Armando e admite a hipótese, na semana entrante, de dar um pulo a Angra dos Reis para abraçá-lo. Uma visita por mês, feita pelo filho à residência dos pais, não é o bastante.

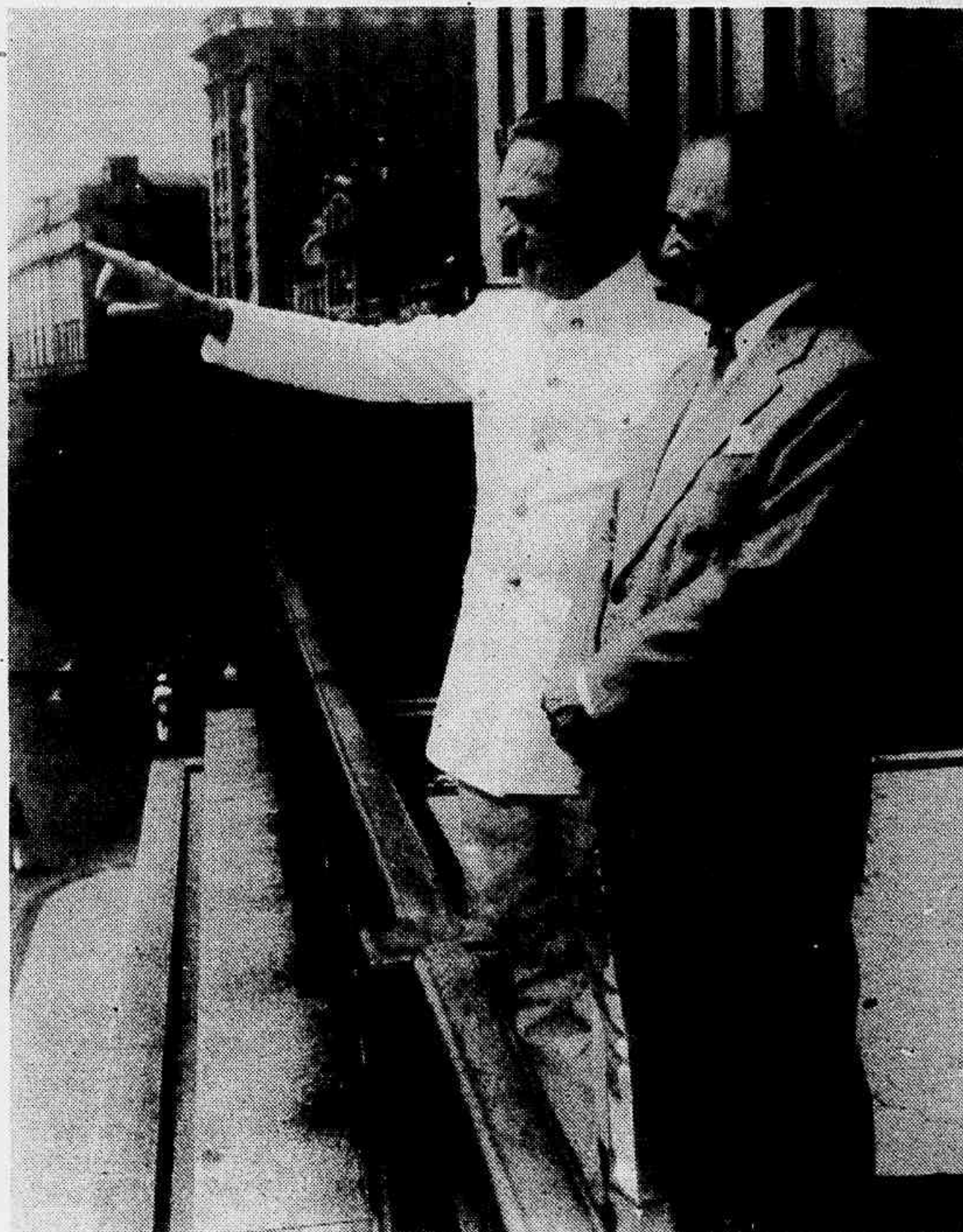
Dessa vez o almirante está realmente acolhedor e doméstico. Ainda que resistindo, e procurando evitar alguma pose mais íntima, ali o temos de chambre e chinelas, a saborear uma apetitosa laranja antes de servir-se do café com leite. Folheia o jornal que a empregada vai comprar todas as manhãs («Diário de Notícias») e volta a lembrar a viagem de abril a Portugal, porque dona Nair é filha de portugueses. Ambos desejam repetir a visita, mas com vagar, porque os compromissos de protocolo não os deixaram fazer as excursões para as quais foram convidados pelos parentes.

E aos poucos conseguimos alguns apontamentos pessoais do ministro: Sabemos, então, que seus afazeres não lhe permitem sequer um passeio de fim-de-semana. Antes, iam com freqüência para um sítio de Jacarépaguá, pertencente à família da esposa, por sinal vizinho àquele do saudoso general Canrobert. Amorim do Valle e Canrobert foram inseparáveis amigos. A morte do segundo abalou bastante ao primeiro. No dia de Finados, o ministro não saiu de casa, abalado com a notícia do falecimento de seu antigo companheiro.

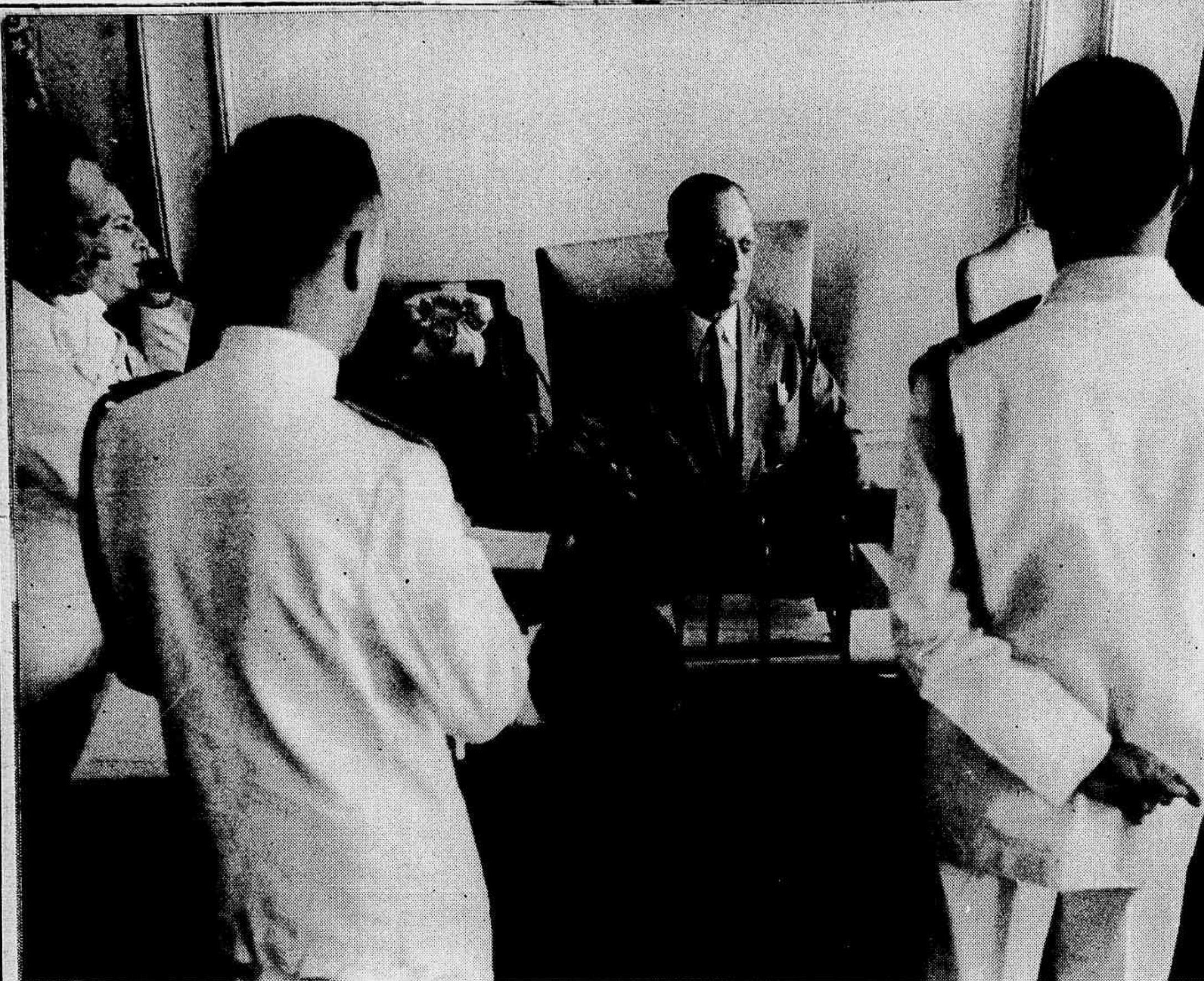
Sai o Ministro, invariavelmente, antes das oito da manhã, para voltar às nove ou dez da noite. E quando chega, está exausto. O corpo pede cama. Não tem uma distração, não vai ao cinema, ao teatro, embora goste de se divertir.



Ao dar entrada em seu gabinete, no Ministério, o Almirante Amorim do Valle ouvia os primeiros informes que lhe fornecia seu oficial de ligação com a Imprensa, capitão de corveta Alfredo Canongia Barbosa. Nesse momento, Canongia dava notícias sobre o estado de saúde do Presidente.



O Ministro e o chefe do seu gabinete, contra-almirante Alberto Jorge Carvalho, conversam, na varanda, e observam o andamento dos trabalhos no dique seco e na ilha das Cobras. O repórter pôde observar que o motivo da palestra era o movimento no Serviço de Transportes da Marinha.



AMORIM DO VALLE

— Bem, muito agradável não era, realmente!

ALGO SOBRE A SITUAÇÃO

Folheando o matutino e passando em revista o noticiário de maior interesse, conseguimos, enfim, algumas palavras do almirante:

— Sim, a situação é delicada. Das mais graves que o país já atravessou. Mas, apesar de todos os males que se apresentam, tenho a esperança de que o Brasil vencerá a grande crise. E há de sair-se bem.

— Podemos divulgar essa declaração?

— Sim, pode.

Depois, com vagar, o ministro estende-se em outras declarações, na intimidade.

— E que sugestão daria v. ex. para resolver a situação?

— Penso que seria conveniente articular-se um entendimento, fôsse qual fôsse, para solucionar os impasses que se apresentam.

E calmo, de olhos fixos nos nossos:

— Acho que alguma coisa deveria ser feita, considerando os interesses maiores da Nação. Compreensivamente.

— Como encara as responsabilidades do futuro governo?

— São enormes. Ele enfrentará terribles dificuldades, já porque a situação financeira é má, extremamente grave, já porque o governo acabará por não poder administrar, face a tantos impasses surgidos. É preciso conjugar esforços, olhar com superioridade e patriotismo, para evitar maiores dissabores.

A conversa passa para outros assuntos e volta ao ponto de partida. Quando nos despedimos:

— Acha que apesar de tantos problemas, tudo está bem, almirante?

Amorim do Valle entreabre um ligei-

E finalmente, é iniciado o expediente do dia. Sábado, 5 de novembro, o expediente será menos árduo. Tudo está em paz. Os oficiais do gabinete aguardam instruções de serviço.

Seus esportes favoritos, o futebol e o box. Faz questão de sublinhar:

— Assisti à famosa luta de Dempsey e Carpentier, e não a esquecerei nunca...

Mas um entretenimento o prende, horas seguidas, à poltrona: a leitura dos jornais.

— Fica tão preso ao jornal — diz dona Nair — que por vezes é preciso tirá-lo das suas mãos...

O ministro concorda. É à noite, depois do jantar que mergulha na leitura

predileta, sentado na sua poltrona favorita, frente ao aparelho de televisão. Quando o programa consegue interessá-lo, faz uma pausa na leitura para olhar o vídeo.

Mãe no Ministério também os jornais passam por suas mãos. Quando entra no auto, pela manhã, rumo ao Ministério, já ali encontra o «Diário de Notícias», embora algumas vezes o «chauffeur» lhe ofereça outro jornal. Lembra um episódio recente: Ao sair de casa, o «chauffeur» ofereceu-lhe um matutino. Era o «Diário Carioca», e, ao abri-lo, deparou, na primeira página com um violento artigo de ataque à sua pes-

soa... Achou graça. E ao entrar no Ministério, disse aos oficiais que o aguardavam:

— Vejam vocês que bom presente recebi logo pela manhã...

Quando lembramos ao ministro os tempos da conspiração Protógenes, dona Nair surpreende-se ao saber que o marido esteve preso dois anos e meio...

— Trinta meses, sim senhora! A bordo do «Minas Gerais»...

— Devia ser terrível!

NOTAS BIOGRÁFICAS

● **Edmundo Jordão Amorim do Valle**, vice-almirante, nasceu no D. Federal a 1 de janeiro de 1893, filho do Engenheiro Civil Luiz Gonzaga Amorim do Valle e d. Zeferina Jordão Amorim do Valle. Fêz o ginásio no Colégio Abílio, até 1909, quando ingressou na Escola Naval como aspirante da Marinha. Promovido a guardamarinha em 1912; a 2º Tenente em 1913; a 1º Tenente em 1917; a Capitão-Tenente em 1923; a Capitão de Corveta, por merecimento, em 1941; a Capitão de Mar e Guerra, por merecimento, em 1945; a Contra-Almirante, por merecimento, em 1950 e a Vice-Almirante, por merecimento, em 8 de janeiro de 1954.

Exerceu as funções de imediato do Navio-Escola «Almirante Saldanha» na sua primeira viagem de instrução, partindo de Barrow-In-Furners com uma turma de Segundos Tenentes e uma de Guardas-Marinhas, percorrendo a costa europeia do Atlântico e do Mediterrâneo, e o cargo de Comandante do Contratorpedeiro «Maranhão», cruzador «Rio Grande do Sul» e do encouraçado «Minas Gerais». Comandante do Cruzador «Rio Grande do Sul» durante a última Grande Guerra, tomou parte em várias escoltas de comboios entre o Rio e Recife, subordinado à Força Naval do

Nordeste e à 4ª Esquadra Americana do Atlântico Sul, sob o comando do Almirante Jonas Inghram.

Ainda durante a 2ª Grande Guerra, exerceu o cargo de Adido Naval em Washington, de 1941 a 1944 e de Delegado do Brasil na Junta Inter-Americana de Defesa em Washington, de 1942 a 1944. Regressando ao Brasil, exerceu as funções de Chefe do Estado Maior da Esquadra, 2º Sub-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas e Comandante do 2º Distrito Naval. Desempenhou as funções de Diretor-Geral de Hidrografia e Navegação quando foi escolhido pelo governo para ocupar a pasta de Ministro dos Negócios da Marinha. Possui as medalhas de Serviços de Guerra com 3 estrelas da 2ª Grande Guerra, da Vitória Inter-Alhada da Grande Guerra, de Oficial Honorário da «Muito Excelente Ordem do Império Britânico», da Ordem Militar da Aviz no Grau de Grande Oficial do Governo da República Portuguesa e muitas outras.

Três vezes foi convidado para exercer as funções de Ministro da Marinha, só acedendo da última. Detalhe curioso: um dos velhos e melhores amigos do Ministro Amorim do Valle é o jornalista Paulo Bittencourt, diretor do «Correio da Manhã».

● O Serviço de Transportes Marítimos da Marinha é de criação recente: data de abril último. Conta com seis navios, dos quais cinco estão operando: «Custódio de Melo» e «Barroso Pereira», que mais assiduamente tem feito o transporte de gêneros alimentícios percorrendo grande parte do litoral; «Ilha Grande», para carregamentos de óleo combustível, tendo ido a Fernando Noronha e Manaus; «Raza», transporte de óleo diesel para a Base Naval de Natal e gasolina da Refinaria de Mataria, para o Rio e Vitória; «Rijo», transporte de gasolina da Refinaria Artur Bernardes em Santos. E há ainda o «Almirante Frontin», em reparos, para reforçar os serviços, provavelmente a partir de janeiro. Eram navios transportes de tropas. Retirados os leitos, foram adaptados à condição de cargueiros, em tempos de paz. Transportam de preferência gêneros alimentícios, que as companhias comerciais de navegação não se interessam em carregar por serem de baixos fretes. Prestam assim bons serviços não só ao povo, mas também às companhias.

O «Custódio de Melo» e o «Barroso Pereira» têm estendido suas viagens a Montevideu e Buenos Aires, levando carregamento de madeira e banana, para trazerem trigo.

Não há finalidades comerciais nesse serviço, que rende ainda benefícios para a economia nacional. As receitas apuradas são aplicadas em melhoramentos dos próprios barcos da Marinha. Também transportam cargas de outras forças armadas, e o fazem graciosamente, cobrando apenas a estiva e a desativa. A receita apurada em frete, mensalmente, é de um milhão de cruzeiros. Diz-nos o contra-almirante Alberto Jorge Carvalho, chefe do serviço da S.T.M.M.:

— Para sua conservação, os navios devem estar sempre em movimento. As despesas da tripulação subsistem, quer seja ou não feito esse serviço. Eis porque podemos e devemos sustentar essa obra que, embora iniciada tão recentemente, já se pode considerar efetivada e segura.

Por sua vez diz o almirante Amorim do Valle:

— Qualquer que seja o futuro Ministro da Marinha, é claro que não terá razões para interromper esse tão proveitoso serviço.

ro sorriso, apenas esboçado. E' homem que não mostra os dentes, embora simpático. Mas a simpatia só vem com o tempo. E diz:

— O fim da semana foi calmo. Mais para diante, não sei.

— Não sabe, almirante?

— E quem pode saber? Tudo está muito confuso. Muito delicado. Bom será que eles compreendam isso e acabem por se entender.

Depois;

— É preciso que a Imprensa venha a colaborar no sentido de tudo se resolver da melhor maneira. Evitando sensacionalismos prejudiciais e não propagando inverdades. Uma Imprensa consciente da sua responsabilidade pode prestar inestimáveis serviços à Nação.

— E quanto à sua pessoa?

De pé, o Ministro mete as mãos nos bolsos do chambre, firma-se e balança o corpo:

— De minha parte, quero descansar em 31 de janeiro. Minha ambição é dar conta da tarefa que me foi confiada e voltar às minhas funções de rotina. Aguardarei alguma comissão, qualquer incumbência — e pronto...

— E mais para diante, Almirante?

Troca o Ministro um olhar afetivo com a esposa, que assiste, risonha, simpática, ao diálogo:

Mais para diante? Já não posso olhar

muito para além. Meu futuro não é grande. Estou com sessenta e dois anos. Mais dois e virá a reforma...

ONDE APARECE O ALMIRANTE PENA BÔTO

Dias antes, quando a esquadra andava fora da barra em exercícios sob o comando do almirante Pena Bôto, o «Diário Carioca» noticiou a aparição inesperada do mesmo, no gabinete do Ministro Amorim do Valle, à paisana e visivelmente nervoso. Tudo fazia crer — acrescentava aquele matutino — tivesse sido Pena Bôto chamado ao gabinete com urgência, pelo Ministro, por motivo de força maior.

Na manhã de sábado, quando nos retirávamos do Ministério, feita a primeira parte desta reportagem, fomos acompanhados pelo capitão Canongia que, gentilmente, nos levava à porta de saída. Foi quando, em uma das dependências internas, cruzamos com o Almirante Pena Bôto, fardado, em companhia da esposa. Trocaram-se os cumprimentos do casal com Canongia; súbito, Pena Bôto lembrou-se do episódio e gritou, bem humorado mas irrequieto, para o oficial de ligação com a Imprensa:

— Se você vir por aí esse repórter do «Diário Carioca», diga-lhe para comprar um par de óculos... E que preste bem atenção em mim... Está vendo? Estou fardado... Estou fardado, não estou?

E passou adiante, apressado, irrequieto, mas sempre bem humorado, rumo ao gabinete do Ministro.



Fundada em 1935

JOIAS E RELÓGIOS
ANEXO: DENTAL ROSARIO

ARTIGOS DENTÁRIOS EM GERAL
PREPARAÇÃO DE METAIS PRECIOSOS
PARA ARTE DENTÁRIA

Serviço de Reembolso Postal

JOALHERIA CARIOCA

SOARES, CIOCI & CIA. LTDA.
RUA DO ROSÁRIO, 147 TELS.: 52-9191 - 52-8893

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

ESPORTE ILUSTRADO

★

TÔDAS AS QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

Cabêlo branco? Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

ÓLEO DE VIOLETAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO



BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»

DEPOIS DA SEMANA (DE 4 DIAS) EM QUITANDINHA

TÉCNICOS, ARTISTAS E PRODUTORES REUNIDOS PARA SABER POR QUE O FILME NACIONAL NÃO VAI PARA A FRENTE ★ MAS AS FESTAS, OS PASSEIOS E AS CONSTANTES VISITAS AO ALVADIA IMPEDIRAM QUE SE CHEGASSE A UMA CONCLUSÃO ★ CA-

VALHEIRO LIMA: A PRÓPRIA LEI DOS 50 POR CENTO FAVORECE O IMPORTADOR ★ BERLIET JÚNIOR: CINEMA BRASILEIRO SÓ QUANDO DEUS FÔR DIRETOR ★ VAN JAJÁ, PARA CONTRARIAR: O CINEMA NACIONAL PROGRIDE PARA OS LADOS

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

TEVE lugar no Quitandinha, a IV Semana do Cinema Brasileiro, que, sob o patrocínio do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica, pretendeu congregiar os elementos mais categorizados da classe, inclusive artistas de renome, a exemplo das três tentativas (inúteis todas elas) anteriormente levadas a efeito em Belo Horizonte, Salvador e Vitória: nada do cogitado se concretizou. A semana foi, em realidade, frustrada.

Nesse conclave, como nos anteriores, ficou estabelecido que somente seriam exibidos filmes inéditos, retrospectivas para aferir-se o progresso (assim era de se desejar) da cinematografia cabocla; conferências por pessoas altamente capacitadas no assunto e debates em torno do cinema indígena, enfim, tudo aquilo que viesse a esclarecer porque o cinema nacional não vai para a frente.

A essa altura, ninguém ignora que os resul-

tados foram por demais escassos. Dos filmes prometidos e apresentados, os melhores foram o ítalo-brasileiro «Magia Verde», na categoria dos recentes de longa metragem e o paulista «O Caçador de Esmeraldas», este realizado há mais de vinte anos e que serviu, inclusive, em confronto com os atuais ali exibidos («Tôda vida em 15 minutos», por exemplo), para mostrar aos congressistas quanto e quanto envolveu o nosso cinema! Das conferências pré-programadas, nenhuma se realizou. Os debates, via de regra monótonos, não contaram com a participação de todos aqueles que, por esta ou por aquela razão, poderiam imprimir-lhes um cunho mais movimentado, resultando daí que, não fôra a interferência maliciosa e oportuna de Van Jajá, numa das reuniões, apenas falariam em todas elas — e com eles concordando plenamente a assembléia — os senhores Cavalheiro Lima e Alfredo Palácio — (ambos da represen-

tação paulista, sendo que o primeiro, secretário-geral da Vera Cruz) — para mostrarem, na sua sabedoria sanbernardiana do campo, o caminho acertado do cinema nacional, isto se as nossas autoridades estivessem dispostas a ajudar a periclitante indústria cinematográfica brasileira: a barreira alfandegária e o crédito bancário, a exemplo do que se faz com a indústria manufatureira do país. No entender de Cavalheiro Lima — e segundo suas declarações posteriores a este repórter — com o crédito e com a barreira alfandegária acontecerá no cinema nacional o que vem ocorrendo com as indústrias manufatureiras, asseguradas garantias mínimas ao capital: os lucros converterão o cinema num bom negócio. E bom negócio — acentua — significa atração de capital, vale dizer, consolidação definitiva do cinema como indústria.

No mais, foi o que se viu: os artistas de cartaz por lá não apareceram e os poucos que fo-



«A Estrada», também rodado em São Paulo pela Mayra Filmes, tem história e direção de Osvaldo Lebre de Sampaio e no «cast», Miro Cerni, Agnes Fontoura, Pagano Sobrinho, Vera Sampaio, Eugênio Kusnet e Milton Moraes. A história passa-se em uma estrada, onde a vida continua sempre. O asfalto toma conta da estrada onde os faroletes dos caminhões iluminam o rosto afogueado dos protagonistas, à noite. Um caminhão vence as distâncias, rodando dias e noites, excessivamente pesado... (Dois flagrantes com Miro Cerni, Agnes Fontoura e Pagano Sobrinho).



«Fugitivos da Vida», rodado em S. Rita de Passa Quatro (S. Paulo) pela Cinematográfica Santa Rita e pelos mesmos produtores do filme «Da terra nasce o ódio», é um filme de intenso sentido social. Quase todo feito em exteriores, foi também rodado em Itu e Santa Eudóxia, com Máximo Sperandio na direção e Osvaldo Mariano diretor de produção. Intérpretes, Reinaldo Garcia, Amaro César, Marta Paladino e Nereide Valquíria. (Uma cena com Hercílio Lorenzetti e Reinaldo Garcia).

ram, esses mesmos cedo fugiram, salvo aqueles menos expressivos. De positivo mesmo, apenas a «Exposição Retrospectiva de Carmem Miranda», realizada por Braga Filho.

FALAM OS ENTENDIDOS

Apesar da falta de unidade de opinião que em parte predominou entre os participantes da IV Semana do Cinema Brasileiro, num ponto, no entanto, concordaram artistas, críticos, produtores e os simples espectadores que compareceram aos debates: a realidade da crise que atravessa o cinema nacional. As mais diversas sugestões foram apresentadas para remediar o mal; diante disso, procurou este repórter ouvir a esse respeito a palavra de alguns dos elementos mais ligados aos problemas do nosso cinema, deles colhendo as opiniões que se seguem. Três foram os entrevistados: um crítico, um argumentista e um dos dirigentes da Vero Cruz, respectivamente: Van Jafa, Berliet Júnior e Cavalheiro Lima.

A causa básica da crise do cinema brasileiro — começou por dizer Cavalheiro Lima — decorre de dois fatos: 1º — o filme nacional é vendido no mercado que está sob um permanente regime de «dumping», uma vez que não há barreira alfandegária para os filmes importados, que entram aos montes e por isso mesmo podem ser negociados com os exibidores a uma taxa inferior à cobrada pelo produtor nacional, que tem de recuperar o custo dos seus filmes no mercado interno. Em consequência, a própria lei dos 50% vem beneficiar o importador. Isso porque — acentua — é muito mais lucrativo para o exibidor passar filme importado, que existe em maior quantidade e qualidade e para cuja obtenção ele desembolsa o máximo de 30%, do que pagar ao produtor nacional metade da renda. Ademais, outra lei boa nominalmente como a do 50%, mas de execução inexecutável é a do 8 x 1, pois se importamos u'a média anual, nos últimos 5 anos, de 600 películas e produzimos, no mesmo período, u'a média anual de 25 fitas também não surte os efeitos colimados pelo le-

gisador. Um simples cálculo aritmético demonstra que com 25 x 600 para um ano que tem 52 semanas e num mercado de quase 3.000 salas, contando com as de 16mm, comerciais, é impossível estabelecer a proporcionalidade, que aliás é geométrica. Concluindo o comentário sobre a primeira causa, temos que a concorrência do filme estrangeiro esmaga a produção nacional: não há barreira alfandegária e assim qualquer renda aqui produzida por filmes que já vêm pagos do seu mercado de origem, é praticamente lucro líquido. Devemos importar, mas tendo o cuidado de impedir que sem barreira não se transforme o comércio importador numa guilhotina.

CRÉDITO & BARREIRA

A segunda causa da crise — prosseguiu — liga-se à primeira, pois que operando num mercado dominado pelo concorrente estrangeiro e sendo as rendas problemáticas, o capital particular, os bancos, não tem nenhum estímulo, pois a função do negócio é produzir renda. Assim, a segunda causa da crise, que constitui justamente o ponto de estrangulamento da economia cinematográfica brasileira é a falta de capital. A conclusão geral é de que se torna necessário que o governo brasileiro equipare a indústria cinematográfica no que diz respeito ao crédito e ao protecionismo alfandegário ao comum da indústria manufatureira. Aliás — posso afirmar — o Ministério da Educação sugeriu por intermédio da Comissão Técnica de Cinema a criação de uma sub-gerência junto à Carteira Industrial do Banco do Brasil, destinada a financiar a produção de filmes cinematográficos. E os cineastas brasileiros na IV Semana do Cinema Nacional, realizada em Quitandinha, ratificando aquela indicação, com pleno apoio dos produtores de todo país — e notadamente de São Paulo — dentre outras recomendações, deliberaram solicitar ao governo que seja criada a barreira alfandegária. Com o crédito e com a barreira acontecerá no cinema nacional o que vem ocorrendo com a indústria manufatureira,

asseguradas garantias mínimas ao capital: os lucros converterão o cinema num bom negócio. E bom negócio — finalizou dizendo — significa atração de capital, vale dizer, consolidação definitiva do cinema como indústria.

O «X» DO PROBLEMA

O crítico e cronista Van Jafa, manifestando-se acerca do cinema brasileiro, assim se expressou:

— Realmente, como não há mistério algum, o cinema nacional tem marcado passo no mesmo lugar. Com isso não quer dizer que não tenha andado, mas em verdade o seu progresso tem sido para os lados. Colombos da solução de como salvar o cinema nacional tem havido muitos. O que ninguém conseguiu até agora foi pôr o ovo em pé, digo, fazer o cinema nacional ir para a frente.

O cinema nacional não tem progredido porque ninguém pode caminhar sem sair do lugar. Creio que a salvação estaria em pôr legendas em português nas fitas brasileiras.

A uma pergunta do repórter, respondeu:

— As legendas servem para distrair o espectador, que preocupado ou viciado em lê-las não policiará muito os defeitos técnicos e artísticos de que são feitos os filmes nacionais. O que resta desses defeitos representa o progresso do cinema nacional. Só há u'a maneira de salvar o cinema nacional: salvando-o.

FALTA UNIDADE PSICOLÓGICA

Berliet Júnior, conhecido autor de argumentos, ouvido pela reportagem, manifestou-se nos seguintes termos:

— O cinema brasileiro está no momento de não permitir entre aqueles que o integram a mínima parcela de pessimismo. O que lhe falta é uma unidade psicológica mais consolidada de classe. Desde que se associem as inteligências dispersas e sem uma linha de ação eficiente, aí, sim, só admitiremos o cinema brasileiro como uma realização quando Deus fôr diretor.



A SOMBRA DO ARCO-IRIS é como um espelho mágico onde a juventude sonhadora do mundo se mira embevecida, admirada de como ali estão refletidos, com fidelidade espantosa, todos os seus anseios, as suas angústias, a fé, a esperança, a renúncia, o amor enfim. Suas páginas estão impregnadas dos mais altos sentimentos da alma humana, constituindo, ao mesmo tempo, um romance e uma antologia, pois nesse livro sem par na literatura mundial estão misturados, espontaneamente, à própria prosa musical de Malba Tahan, os mais belos versos de milhares de poetas de todos os tempos.

A SOMBRA DO ARCO-IRIS é o livro do coração, a mais bela e discreta mensagem da criatura enamorada que busca expansão, reciprocidade e compreensão generosa. É um livro puro, elevado, cheio de beleza criadora e ensinamentos morais através dos episódios arrebatadores que se sucedem no decurso da história maravilhosa.

Você não poderia oferecer à sua amada (ou ao seu amado) lembrança mais delicada nem prova mais eloquente de espiritualidade do que este livro que, em última análise, é a história do seu próprio amor.

Em todas as livrarias, edição ilustrada, 3 volumes, a Cr\$ 50,00 cada um. Não sendo encontrada na sua livraria peça diretamente aos editores, pelo Reembolso Postal.

OBRAS COMPLETAS DE MALBA TAHAN

A Sombra do Arco-iris, 1º volume (romance)	50,00
A Sombra do Arco-iris, 2º volume (romance)	50,00
A Sombra do Arco-iris, 3º volume (romance)	50,00
O Homem que Calculava (romance)	60,00
Sob o Olhar de Deus (romance)	40,00
Seleções (os melhores contos)	40,00
Maktub (estava escrito)	40,00
Céu de Allah	40,00
Minha Vida Querida	40,00
Aventuras do Rei Baribé (romance)	40,00
Mil Histórias sem Fim, 1º vol.	40,00
Mil Histórias sem Fim, 2º volume	40,00
Lendas do Céu e da Terra	40,00
Lendas do Povo de Deus	40,00
Lendas do Deserto	40,00
Paca Tatu... (contos infantis)	20,00

DO PROF. MELLO E SOUZA (MALBA TAHAN)

FOLCLORE DA MATEMÁTICA — Lendas, histórias e curiosidades. Os números na linguagem popular, nos brinquedos infantis, na poesia sertaneja, na vida literária, nas tradições religiosas, nos livros sagrados, nos ritos secretos, etc. Brochado, 100,00 — Encadernado 150,00

MEU ANEL DE SETE PEDRAS (Cintilações Curiosas da Matemática) — Números — Ritmos — Medidas — Lendas — Adivinhas — Profecias, etc. 80,00

AS GRANDES FANTASIAS DA MATEMÁTICA — A Geometria do sobrenatural. O caminho do cão de caça. Anatomia do infinito. A idéia do número. A quadratura do círculo, etc., (livro esgotado). Enc. 120,00

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO

Ilustrações de RENATO SILVA — Textos de SÉRGIO MACEDO

As mais sensacionais aventuras vividas por heróis autênticos cujas proezas a História guardou para conhecimento das novas gerações.

Excelente divulgação de fatos de nossa terra e de outros povos, tudo magnificamente documentado e ilustrado.

«Conforta saber que essa publicação vai obtendo crescente procura nas bancas de jornais e nas livrarias; e aqui a recomendamos aos que ainda não a manusearam. Ela representa um esforço digno do mais decidido amparo, nesta hora em que a polícia se vê na necessidade de apreender revistas obscenas, cujos editores colocam a preocupação do lucro acima do dever de resguardar a formação moral da infância e da adolescência».

— Diário de Notícias — Rio.

Sai mensalmente. Para ler e guardar. Cinco números já publicados. Cada volume 10,00, nas bancas de jornais, nas livrarias e na editora.

Atende-se pelo Reembolso Postal.

CONQUISTA

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

REVISTA DA SEMANA — 46

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 3 de dezembro de 1905

A PRIMEIRA CARMEN

Morreu em sua povoação do Meio-Dia da França, onde ha cerca de vinte annos vivia retirada, a famosa cantora franceza madame Galli Marié, a illustre creadora da Mignon, de Ambroise Thomas, e de Carmen, de Bizet. Foi a primeira Carmen, e cantou até á idade de 45 annos. Morreu com 65. Filha do tenor Marié, madame Galli-Marié estreara-se em Rouen na Favorita, em 1861. No anno seguinte foi para Paris e entrou para a Opera Comica, onde se conservou até 1872. Foi alli que creou a Mignon, em novembro de 1866. Passou, depois, a fazer varias tournées em França e na Belgica, e voltou á Opera Comica em 1875, creando a interessante personagem da Carmen. Foi esta a mais brilhante criação da sua carreira artistica. Em 1877 madame Galli Marié sahio novamente da Opera Comica para fazer varias tournées artisticas. Reappareceu em 1881 e em 1885 e depois abandonou definitivamente a scena. A ultima vez que se fez ouvir em publico foi no Theatre Sarah Bernhardt ha dez annos. Tomou parte espontaneamente em um espetaculo para o monumento a Bizet. Cantou a Carmen ao lado de Jean de Reszke, que fazia o D. José, de Lassale, que fazia o Escamillo, e de madame Melba, que cantava a Micaela. Excellente artista musical, cheia de verve e vigor, madame Galli Marié gostava de ver os artistas com quem ia contra-scenar animados da mesma convicção que ella. Contava que tres dos seus D. José a tinham realmente ferido na scena da navalhada do ultimo acto de Carmen. Madame Galli Marié tinha duas irmãs, mesdames Paola e irmã Marié, que igualmente deixaram bom nome no theatro. Assegura-se que madame Galli Marié exprimiu, antes de morrer, o desejo de ser sepultada em Cannes, proximo ao tumulo do autor do romance da Carmen, Prosper Merimée. Como nota final desta noticia, diremos que a Carmen foi estreada na Opera Comica de Paris, na noite de 3 de março de 1875.

GUEISHA (IMPRESSÃO) — Esse soneto, publicado por certo Olegario Carneiro da Cunha, que outro não é senão o hoje consagrado poeta Olegario Marianno, talvez tenha sido uma de suas primeiras produções publicadas na imprensa carioca. O poeta teria então quinze annos de idade, e dessa extrema juventude ainda se ressen-te um pouco a composição.

Mimosa gueisha scismadora e bela
Como a rosa inclinando-se no rio,
Não conhecia o beijo, igual a ella
Eu julgo o beijo um doce murmurio...

"Sella breve" na fonte da donzella
Como da brisa o tumulto cicio...
Ao marinheiro seduzio a estrella
— Mimosa gueisha do Japão sombrio...

Ella agora conhece e bem comprehende
O fogo que por dentro dalma accende
O beijo quente, o beijo verdadeiro...

Não me esqueci da scena, inda a bendigo...
Repito extasiado a sós comigo:
Como eu quizera ser o marinheiro!...

OLEGARIO CARNEIRO DA CUNHA

O AVENTUREIRO — A Revista da Semana previne aos seus leitores que desde o proximo numero começará a publicação de um bellissimo romance de Daniel Lesueur, intitulado O AVENTUREIRO, romance este que será impresso em papel assatinado e distribuido em folhetos de oitavo marca A, acompanhando cada numero da Revista da Semana. Este novo romance da Revista da Semana virá acompanhado de numerosas gravuras cujos desenhos serão de lavra de Raul Pedernheiras e Arthur Lucas (Bambino) e serão impressos em papel couché. O novo romance da Revista da Semana poderá, portanto, ser encadernado e para isto a mesma Revista, uma vez terminado o romance, offerecerá aos seus leitores uma bellissima capa para esta encadernação.

OS CACHOS DE MARIAZINHA

(Continuação da página 53)

— O senhor há de me compreender, seu delegado. E' pra me defender. A gente do finado coronel Filgueiras anda atrás de meu pêlo pra arrancar, explicou Chico ao delegado, entregando-lhe o rifle.

— Acredito, Chico. Você não é de todo um mau sujeito. Até merece confiança de vez em quando. E o seu cavallo?

Chico foi até à mata, trouxe o animal e explicou, com um sorriso meio forçado:

— O coitado estava comendo uns jaraguás ali mais adiante.

— Você está todo cheio de história hoje, Chico.

— Até que não, seu delegado. Chico montou no cavallo, olhou

para o delegado e disse com a voz baixa, em tom de súplica.

— Seu delegado, o senhor não vai deixar aquêles meganhas me descer a borracha, na cadeia, vai?

— Não tem perigo, rapaz. Vamos seguindo.

Os dois iniciaram a marcha, rumo à cidade.

Os cajueiros já não rendilhavam de sombras o chão.

Atrás da serra, bem distante, o sol se escondia, manchando de sangue o poente.

De quando em quando, Chico olhava para trás e notava que os cabelos do delegado, caindo em ondas ralas pela testa, lembravam os cachos de Mariazinha.

Apontamentos para a história

OS ACONTECIMENTOS DE 14 A 24 DE NOVEMBRO RESUMIDOS PARA OS NOSSOS LEITORES.

DIA 14 — SEGUNDA

— Renúncia de Carlos Luz, após expor longamente, na Câmara, as razões que o levaram a procurar abrigo no «Tamarandaré», bem como os vários acontecimentos que se desenrolaram desde a doença de Café Filho até ao momento.

— No Senado, é lida uma comunicação em que o sr. Nereu Ramos afirma haver assumido a Presidência da República. Entre outros, o deputado udenista Afonso Arinos protesta violentamente contra o que chama uma «flagrante violação à Constituição».

— O Presidente Café Filho, convalescente, transfere-se do Hospital dos Servidores para a Clínica São Vicente.

DIA 15 — TERÇA

— Dia da República, comemorado com várias solenidades. Em entrevista à United Press, «com um revólver 45 à cintura e de Constituição em punho» o general Teixeira Lott reafirma os motivos que o levaram a conservar-se no Ministério da Guerra, contra as determinações do então Presidente Carlos Luz.

— Ainda não foi escolhido, na Câmara dos Deputados, o substituto de Carlos Luz.

DIA 16 — QUARTA

— Carlos Lacerda comunica por escrito à Câmara dos Deputados que pretende retirar-se do país dentro em breve. Desde há três dias se encontra asilado na Embaixada de Cuba. O deputado Loureiro Júnior em discurso, reafirma a legalidade do movimento de 11 de novembro. Alguns tumultos são registrados, entre os quais um incidente, que quase assumia proporções mais sérias, entre os senhores Flores da Cunha e José Fragelli.

— Café Filho continua a melhorar.

— Exonerado o Ministro Aramis de Athayde, da Saúde.

— Noticia-se que, desde o dia 11, está prêso o coronel Adil.

DIA 17 — QUINTA

— Exonerado o ministro Cândido Mota Filho, da Educação.

— Assume a Prefeitura o sr. Eitel de Oliveira Lima.

— Amorim do Valle e Eduardo Gomes rebatem as acusações que lhes foram feitas por Teixeira Lott, de que eram os dois principais responsáveis por uma conspiração que se travava, nos bastidores da nação, no sentido de impedir a posse dos eleitos a 3 de outubro.

— Celebrada missa em ação de graças pelo restabelecimento de Café Filho.

— Nereu Ramos, em entrevista concedida a alguns jornalistas uruguaios, afirma que Café Filho, logo que declarado apto a fazê-lo, poderá reassumir seu cargo de Presidente da República.

— Carlos Lacerda embarca, às 21 horas, para Cuba.

DIA 18 — SEXTA

— Os médicos que assistem Café Filho, Raimundo de Brito, Aarão Benchamiel e Deolindo Couto, apoiados pela Academia Nacional de Medicina, repelem indignados as afirmativas de que a enfermidade do Presidente não passou de uma simulação.

— Exonerado o ministro Munhoz da Rocha, da Agricultura.

— Há rumores de que os telefones estão sob censura.

DIA 19 — SÁBADO

— É nomeado ministro da Saúde o dr. Maurício de Medeiros.

— Dia da Bandeira, a data é comemorada com discursos e várias solenidades.

— Carlos Lacerda parte de Havana com destino a Nova York.

DIA 20 — DOMINGO

— Inúmeras mensagens chegam, de todos os recantos do país, hipotecando solidariedade a Teixeira Lott.

— Há uma reunião de generais, a fim de examinar a situação, e tomar as diretrizes com relação a uma possível reassunção do Presidente Café Filho.

DIA 21 — SEGUNDA

— Café Filho, submetido a exame de uma junta de oito especialistas, é dado como apto a reassumir.

— O general Lott, em visita à Clínica São Vicente, comunica ao Presidente enfermo a opinião, dos chefes militares, de que não deve tomar posse novamente.

— Café Filho retira-se, à tarde, para sua residência, e ali escreve cartas a Nereu Ramos (Presidente em exercício), aos presidentes da Câmara e do Senado e ao Supremo Tribunal Federal, comunicando sua inabalável decisão de voltar ao poder.

— As tropas descem para a cidade, e a residência de Café é guardada por inúmeros tanques e soldados.

— Censura nos jornais e nas emissoras.

DIA 22 — TERÇA

— A Câmara dos Deputados e o Senado consideram impedido o Presidente Café Filho.

— Nereu Ramos confirmado na Presidência.

— Prisão do coronel Menezes Côrtes, pela terceira vez.

— A noite, Nereu Ramos pede ao Congresso a promulgação do estado de sítio, pelo espaço de trinta dias.

DIA 23 — QUARTA

— Começa, na Câmara dos Deputados, a memorável sessão que irá discutir as vantagens, ou não, nesse momento, da promulgação do estado de sítio. A sessão se prolonga por várias horas, varando a madrugada do dia seguinte.

— Samuel Weiner, mediante «habeas-corpus», é posto em liberdade.

DIA 24 — QUINTA

— A Câmara dos Deputados vota pela promulgação, por trinta dias, do estado de sítio em todo o país. 179 deputados votaram a favor, 91 contra.

— As tropas começam a voltar aos quartéis, abandonando os pontos estratégicos em que haviam sido dispostos.

— Em entrevista concedida em Nova York, diz Carlos Lacerda: «Aqui (nos Estados Unidos) permanecerei por seis meses, tempo suficiente para descansar e para pensar em muitas coisas, para aquilatar minhas opiniões e procurar, talvez, novas orientações».

— O «habeas-corpus» impetrado por Café Filho teve sua medida liminar denegada pelo relator, ministro Afrânio Costa.

— O Senado vota pela autonomia do Distrito Federal.



DIA 18 DE OUTUBRO, NA IGREJA DA CRUZ DOS MILITARES: MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS PELO RESTABELECIMENTO DO GAL. CANROBERT.

A SANTA IGREJA ACOLHE A TODOS

**NO BRASIL CATÓLICO, A MISSA É E TEM SIDO O REFÚGIO DOS PECA-
DORES DE TODOS OS MATIZES. É O CAMPO NEUTRO DA FÉ EM DEUS**

NEM tudo está irremediavelmente perdido quando um poder espiritual consegue acolher, sob o seu pálio, com ternura e amor, aos elementos das correntes em luta e os alimenta, e os conforta, e os esclarece com elevação e presteza.

Divergem os homens entre si, extremados por idéias e princípios que se colidem; cada qual pode estar ungido de um firme e bem intencionado propósito de servir à grande causa da Pátria com eficiência, com vontade, mas seguindo trilhas distintas. E quando se poderia esperar que nada nem ninguém os pudesse irmanar, porque situados em trincheiras que se defrontam para novos embates, eis que esse poder espiritual, sem

diferenciá-los, os acolhe em seu regaço e os conforta sob a sua bandeira, a bandeira da Fé, não tomando conhecimento da legião a que pertence cada um.

Vive o Brasil, nesta hora de tão profundo sentido histórico, um capítulo de graves responsabilidades. Não podem senti-lo nem muito menos examinar os estranhos, porque tudo quanto se registra nos anais de uma nação moça, de menos de cinco séculos, traduz os seus anseios de progresso, de sublimação da sua entidade política e pautando o seu futuro para um destino glorioso, dentro da homogeneidade das velhas nações do mundo. Mas, não se atinge a essa sublimação sem cruzar as veredas

do imprevisto, do desacerto e da experiência. Há que errar muitas vezes, como o fizeram aquelas velhas nações, até o encontro da larga estrada que é o dos países emancipados espiritualmente.

Examinado o que se afigura, de perto, um cruciante problema político, mas examinado de um clima alto e com isenção de ânimos — se tal isenção é permitida em dias tão convulsos — concluirá o crítico de boa vontade, que tôdas as facções em luta pugnam por não terem ocorrido piores conseqüências pelo mesmo objetivo: o de nortear os destinos da Pátria para o caminho certo, do bem, da tranquilidade da família e do progresso da nação.

Se cada uma dessas facções tem pontos de vista distintos, não é esta a hora de afirmar qual seja o mais certo e verdadeiro. Ao que desejamos chegar, é que a força suprema e piedosa da Igreja aí está para acolher a todos. E todos, na hora do recolhimento de espírito, dela vem a servir-se.

Aí está, nos flagrantes desta página, um exemplo muito confortador do que se afirma linhas acima: Sempre que é preciso agradecer às forças imponderáveis uma graça recebida é na Santa Igreja que os homens de todos os partidos se encontram. E a Igreja, por sinal, que é a mesma, tanto servindo à corrente dominante, como a que, no momento, se encontra em plano oposto. Não quer a Santa Igreja saber se os que a procuram são governistas ou oposicionistas, se os cristãos que cruzam seus portais dominam ou são dominados: são, todos, cristãos e o mesmo sentimento que a uns impõe aquela comunhão ao altar, aos outros provoca idêntica agremiação.

Assim foi quando o general Canrobert Pereira da Costa foi considerado a salvo da implacável enfermidade que, pouco mais tarde, o arredava dos amigos, da família, dos companheiros e da Pátria. E assim ocorreu quando o general Lott, já depois dos acontecimentos de 11 de novembro, em que sua situação foi — e continua sendo — tão predominante, viu passar mais uma data natalícia. Foi o que vimos repetir-se por motivo do restabelecimento do general Etchegoyen, e ainda o episódio teria outra repetição tendo por causa, também, o restabelecimento do sr. João Café Filho. Mais recente, em dia da semana anterior, também as figuras do nosso cenário político e militar que participaram da brusca viagem do encouraçado «Tamandaré» ao sul do país, se reuniram no mesmo templo, para dar graças a Deus. Dir-se-ia que todos procuram os templos para expressar suas mágoas ou júbilos do momento, nesta hora em que a pátria está como nunca esteve dividida, profundamente, em duas. E como a divisão é na verdade também uma separação dos espíritos em cheque, os templos religiosos são os campos neutros de santa concentração onde se fazem sentir sob o pálio sagrado as expansões mais diversas.

E de um e de outro lado das fronteiras, o que vemos é cada uma delas encontrar no recinto dos tradicionais templos da cidade, o conforto de espírito e esperança da paz d'alma porque todos anseiam. Porque, afinal, todos trabalham, ainda quando, em aparência, contribuem para a agitação da fase conturbada porque atravessa o país — e trabalham para o mesmo fim. Conturbam-se os horizontes, divergem os homens entre si, mas uma força maior, suprema, indivisível, os ampara e socorre: a força da religião, que a todos acolhe com a mesma piedade. E a todos há de dar, por fim, a luz para um caminho certo.



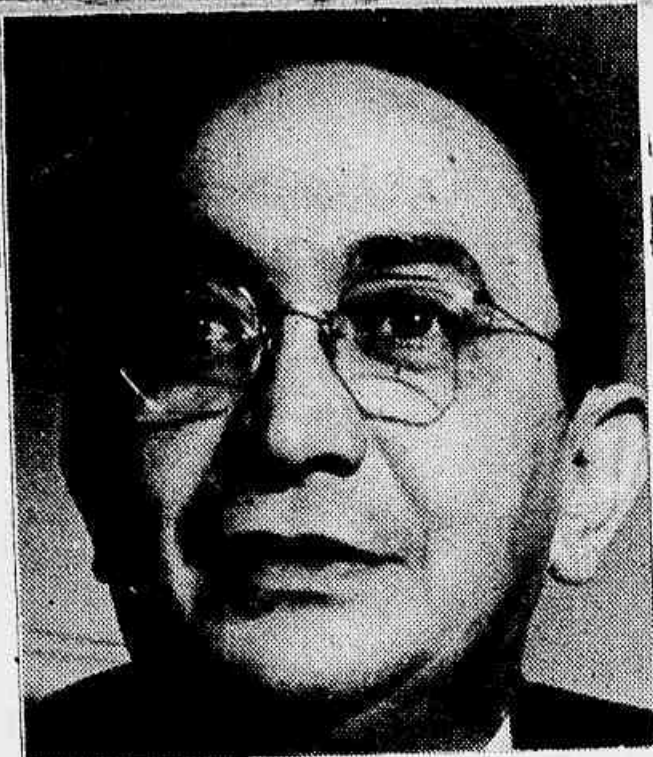
Dia 16 de novembro, na Candelária: Missa em Ação de Graças pelo aniversário do general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra.



Dia 22 de novembro, na Candelária: Missa em Ação de Graças pelo restabelecimento do general Alcides Etchegoyen.



Dia 17 de novembro, na Candelária: Missa em Ação de Graças pelo restabelecimento do senhor João Café Filho.



ÚLTIMO FLASH

ANTES E DEPOIS DA CLÍNICA

— Dia 2 de novembro de 1955, entre 17 e 19 horas, no apartamento do sr. Café Filho, em Copacabana. Ali estão reunidos alguns amigos do Presidente. No dia anterior, s. excia. havia despachado com os ministros militares. De anormal, havia apenas isto: os ministros militares tiveram o seu despacho pela manhã, porque à tarde deveria ocorrer o enterro do general Canrobert.

E não houve nada de mais.

Entre 17 e 19 horas, o sr. Café Filho, em casa, conversa com aqueles velhos amigos. São três. Assuntos gerais, banalidades, apresentando o dono da casa um aspecto de calma, embora visivelmente abatido, sob o aspecto físico. Em dado momento, veio à baila a pergunta inevitável:

— E a situação geral? E' de calma mesmo?

— Não é de calma total — disse o Presidente metido no seu pijama listrado. Mas não há nada de extraordinário em perspectiva.

— E a batalha eleitoral?

— Essa, sim, me preocupa um pouco. Porque poderá retardar a diplomação dos eleitos. Eu e Getúlio, sem batalha judicial, somente fomos diplomados no dia 13 de janeiro para a posse no dia 31. A menos que o Tribunal decida por uma preliminar fulminante, pode acontecer que esse pleito em juízo demore a diplomação.

— E daí?

— Terêi que passar o governo ao Presidente da Câmara, situação de certo modo fora do comum.

E acrescentou:

— Esse caso realmente me preocupa.

Um dos presentes lembrou:

— Aliás o Palácio do Catete está sendo pintado por fora...

E o Presidente, em tom de «blague»:

— Um pouco de limpeza por fora com um saldo de verba, nada mais... Afinal, o meu sucessor tem que ter pelo menos uma boa impressão externa...

Foi quando um dos presentes aventurou:

— E o discurso, ontem, do coronel Mamede?

Com um ar de cansaço, o sr. Café Filho respondeu, tirando uma batofada do cigarro:

— Não creio que isso possa a vir constituir um caso. Neste país está se vivendo de cadáveres! Chega! E' preciso parar com isso! Respeitemos a paz dos mortos!

E a conversa prosseguiu sem rumo, tendo o sr. Café Filho feito especial referência à gravidade da situação econômica financeira.

— Esse é que é o grande problema, a grande causa! Isso vem a ser tudo... — frizou o Presidente.

De súbito, um dos visitantes perguntou abruptamente:

— Como veio a conhecer o general Teixeira Lott? Como se processou a sua escolha para ministro? Por indicação do Juarez? Do Canrobert?

O sr. Café Filho, muito à vontade e muito calmo, explicou:

— Eu era ainda vice-presidente quando, uma noite, alguém em São Paulo, de cujo nome não me lembro, falou a respeito do comandante da Região. E frizou que era um excelente militar.

Como se chama esse oficial? — perguntei.

— E' o general Lott.

— E aquele nome me ficou na memória — continuou o sr. Café Filho. Passaram-se os dias, sucederam-se mil acontecimentos, e veio, afinal, o 24 de agosto.

Uma ligeira pausa, o cigarro aceso e prosseguiu:

— Naquela trágica madrugada tinha eu que escolher, de pronto, um ministro da Guerra. Preocupava-me a indicação de um nome de prestígio técnico-militar, não pertencente a grupos. E o nome do general Lott me veio então à lembrança. Perguntei a alguém presente:

— Que acha do general Lott?

— Ótimo militar.

— Pois então é esse o ministro da Guerra. Chama-o imediatamente.

Aliás, não foi esse o único auxiliar que

o sr. Café Filho escolheu por informações. O mesmo aconteceu, por exemplo, com o sr. Alim Pedro para a Prefeitura do Distrito Federal.

A palestra íntima daquele dia de Finaidos terminou pouco depois. E os dias passaram.

O sr. Café Filho deixou a Clínica de Repouso São Vicente.

São dezenove horas e ele se encontra, novamente, no escritório do seu apartamento, terminando a refeição. Servia-se de uma compota que lhe era oferecida, em uma taça, por dona Jandira Café. E o Presidente, sentado em um divã. Presentes, poucas pessoas. Por coincidência, uma delas fazia parte do grupo do dia 2 e passa a relembrar que o sr. Café Filho, então, mostrava-se cansado.

— Realmente — diz o Presidente — naquele dia estava ansioso que vocês fôsem embora, para me deitar. Por pouco não pedi que o fizessem. Depois que v. saiu, os outros não demoraram e me recolhi imediatamente. Estava de fato cansado. Cerca de vinte e duas horas, não podia mais permanecer deitado. Agravara-se o mau estar que vinha sentindo durante todo o dia. Eram vinte e quatro horas e meia quando resolvi acordar minha mulher.

E num sorriso expressivo:

— O resto vocês já sabem. Fui ter ao Hospital e depois à Clínica. Dezoito dias!

Estava o sr. Café Filho sem paletó e sem gravata. Ao devolver a taça, disse à esposa:

— Dê-me um «slack»...

Dona Jandira apanhou um qualquer. Depois o recolheu:

— Não. Este não. Este está feio...

— Então traga outro — respondeu o Presidente.

E veio outro «slack», novo, de cor clara, que o sr. Café Filho vestiu ali mesmo, dizendo:

— Este está bom: o momento é histórico...

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO

Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 49 — Rio de Janeiro — 3-12-55

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-9647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



N. R.

Esse homem de poucas falas
Que agora vive nas galas
De roupa branca e colete
Sorri pois sabe o que faz:
E «banca» a pomba da paz
No Palácio do Catete.



Conto de JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES

Desenho de JERONYMO RIBEIRO

CHICO esfregou os olhos com os dedos, praguejou e pediu a Santa Luzia que a poeira lhe deixasse a vista em paz.

O caminho ia furando a campina ligeiramente ressequida. Os cajueiros raquíticos espalhavam pelo chão o seu rendilhado de sombras.

Chico não suportava o calor, quanto mais o vento morno, que lhe batia no rosto, como se estivesse nas proximidades de uma fornalha. Às vezes, era com dificuldade que conduzia o animal por entre os galhos secos, deitados no meio do caminho.

— Éta, terra dos infernos! A poeira quer mesmo comer a gente, não acha, compadre? disse Chico a um peão que passava.

— Agüenta o bote, compadre. É assim mesmo... Lá pelas minhas bandas é que está duro de roer. O rio está dando pé em qualquer canto.

Chico continuou a cavalgar, escutando a voz do peão que se distanciava:

— Cá pelo nosso lado, a seca não passa dessa amolação. Ainda bem que não seca as águas nem mata as boiadas.

Quando Chico avistou, ao longe, a ponte de madeira, sacudiu as rédeas para que o cavalo apressasse o passo. Estava satisfeito. Ia-se aproximando do córrego. Um banho rápido refrescava-lhe o corpo e lhe daria ânimo para prosseguir a caminhada. Se não houvesse aquela aguada, não saberia como suportar a poeira, de mistura com o suor, que lhe escorria pelo pescoço e lhe empastava os cabelos. O animal alcançou a ponta do riacho e sorveu sôfregamente alguns goles de água. Chico apeou do animal, tirou a roupa e lançou-se na água. Esfregou o corpo, deu umas braçadas ligeiras e ganhou a margem. Ficou um pouco ao sol para secar o corpo. No silêncio da mata, ouvia-se o ruído dos passos do animal, caminhando para o meio da corrente. Chico sacudiu a poeira da roupa, vestiu-a, montou no cavalo e partiu. Sen-

tia-se outro homem, embora soubesse que daí a instantes novamente se encontraria sujo, ofegante, banhado de suor. Faltavam ainda alguns quilômetros para chegar à fazenda do coronel Venâncio. A última aguada ficara atrás. Mas Chico tinha muita pressa e não podia ficar parando pelo caminho. O coronel era severo. Mandaria matá-lo, se ele demorasse. Chico ficou imaginando o patrão — os olhos faiscantes de raiva, os bigodes bastos e desordenados e as sobranceiras volumosas, a dirigir-lhe palavras grosseiras, empurrando-o, ameaçando-o. Felizmente, tudo não passava de receio, pois sempre fôra um peão obediente, prestativo, homem para tôdas as ocasiões, de tal modo que o patrão nunca o repreendera. O temor da morte o fizera submisso às manias e esquisitices do coronel. Mas, quem não obedecia o coronel, na fazenda? Bastava ter em mente o triste fim do negro Zé Crispim, que fôra amarrado a um poste, num formigueiro, com o corpo besuntado de mel. Chico tremeu de súbito, ao pensar na sorte do capataz. Chicoteou o animal, procurando apressar-se para chegar em tempo à fazenda.

Olhou para o céu, verificou a posição do sol e falou consigo mesmo: devo estar encima da hora. Nesse instante, escutou ao longe um tropel de cascos. Quem viria a todo galope pela estrada? Quando o cavaleiro se aproximou, Chico distinguiu o animal preto, fozoso, com a mancha branca no nariz, em forma de triângulo. Era o cavalo do patrão, invejado em toda a zona. Na sela do animal, bem vestido, com o chapéu de abas largas enterrado na cabeça, o coronel Venâncio.

— Perdão, coronel! Me desculpe o atraso. O senhor me compreende, essa poeira...

O coronel olhou firme para Chico.

— Você ainda é homem de confiança...

— Obrigado, patrão.

— Não precisa agradecer. Vim te encontrar aqui para evitar muito alarde na fazenda.

— Compreendo, coronel. A patroa anda meio doente e...

— Não proseie muito, homem. Você sabe o que deve fazer. Tome a arma e não me vai errar.

O coronel retirou o rifle da sela e entregou-o a Chico. Depois, mostrou ao peão um pacote de notas, dizendo-lhe:

— É pra você, Chico, quando voltar.

— Obrigado, coronel.

— Pra que agradecer, se você ainda não está com as gráúdas no bolso. Faça o servicinho direito e depois nós acertamos.

Chico sorriu de satisfação.

— E, além disso, meu velho, mandei o Coriolano juntar os trens dêle e dar o pira. Estou sem capataz...

Antes que Chico falasse, o coronel espreou o cavalo e seguiu pelo caminho. Chico olhou para o rifle, examinou-o de ponta a ponta e, antes de guardá-lo, olhou para o coronel, distanciando-se em meio a uma densa nuvem de pó.

Depois de andar mais ou menos quinhentos metros, tomou o atalho que o levaria à encruzilhada da Roda. O atalho era mais fresco que a estrada. Os galhos das árvores marginais abraçavam-se no alto. Chico não devia ter medo, porque não era a primeira vez que fazia serviço dessa natureza ao cel. Venâncio. Era só chegar à encruzilhada, esconder-se entre as pedras, colocar o rifle em posição, mirar, puxar o gatilho e pronto. Adeus o delegado de polícia. Até que era um homem muito valente para morrer numa emboscada, de maneira tão estúpida. Chico estremeceu da cabeça aos pés. Desta vez não era um pobre miserável qualquer. Era o delegado de polícia. Começou a suar e observou que não era por causa do cansaço nem do calor. Era um suor diferente, frio, escasso, suor de medo. Chico imaginou o delegado caído ao chão, os olhos arregalados, pedindo vingança.



meçou a fazer pontaria. Se o delegado fôsse a árvore seca, ao longe, imaginou Chico, como seria fácil. Era só puxar o gatilho e pronto. Até uma criança acertaria. Se fôsse a pedra, mais adiante, também não daria trabalho.

Se fôsse o pé de jatobá, bem mais longe, não seria espinhoso a um bom atirador. Caso, porém, fôsse a porteira, no fim da reta, teria de caprichar na mira. Não queria atingir o delegado de muito perto. Afinal de contas, a arma que trazia não era um clavinote. Se errasse o primeiro tiro, o delegado ficaria atordoado, correria para esconder-se — e como gostava Chico de atingir o alvo em movimento.

Chico sentiu com temor a aproximação do momento. Teve medo. Notou, ao longe, que um cavaleiro transpunha a porteira. Esperou que se aproximasse mais. Era o cavalo branco do delegado.

Havia chegado a hora. Chico apertou o rifle contra o ombro e mirou. Sentiu novamente o suor frio no pescoço e na testa. O delegado vinha cavalcando lentamente. Chico parecia vê-lo furioso, acusando-o da morte traiçoeira do coronel Filgueiras. Na verdade, se o delegado soubesse que por trás daquelas pedras se escondia Chico Marandová, teria vindo com uma escolta para proteger-se e prender o assassino. A calma do delegado, porém, começava a irritar-lhe os nervos. O delegado que o coronel Venâncio queria ver morto na estrada, como um cachorro sem dono. Chico tirou o lenço do bolso e enxugou o rosto. As mãos suadas molhavam o rifle. O delegado ainda estava distante, mas Chico sentia a sua aproximação como se cen-

ra casa. Chico ficou olhando como Mariazinha era bonita, os cabelos caindo em cachos pelas espáduas e os pés descalços.

O delegado passava pelo pé de jatobá. Mariazinha era a mais nova das filhas do delegado. A única que saíra bonita. As duas primeiras ficaram solteironas. Já devia estar moça, crescida. Desde que se refugiara na fazenda do coronel Venâncio, não mais a vira. Talvez até já estivesse noiva do filho de um comerciante rico qualquer. Mas não importava. Cedo ou tarde ele havia de revê-la. Chico lembrou-se também de quando Mariazinha lhe contara o lenda da encruzilhada da Roda. Contavam os habitantes da região que, à meia-noite, no dia de São Silvestre, passava pela estrada, naquele lugar, uma roda grande, o arco e os aros vermelhos como ferro em brasa, cuspidando faíscas, fazendo tanto barulho quanto o ranger de uma carreta de boi. Depois de contar a história, Mariazinha disse que o lugar ficara mais assombrado ainda por causa do assassinato do coronel Filgueiras. Chico abaixara a cabeça, ficando em silêncio, sem saber o que dizer. Quando as suspeitas o envolveram no inquérito, não mais procurou por Mariazinha.

O delegado aproximava-se. Chico não erraria, do lugar em que se achava. Tremiam-lhe as mãos, de tal maneira que o cavaleiro entrava e saía da mira do rifle. Chico observava os cabelos do delegado, iguais em tudo aos de Mariazinha. Mas não devia pensar nisso. O coronel Venâncio era o seu costa quente e muito dinheiro o esperava na fazenda. Devia disparar logo a arma. O delegado cairia ao chão e nada mais lhe restaria fazer, senão voltar à fazenda. Seria o novo capataz. Caso fracassasse, o formigueiro daria cabo de sua vida em pouco tempo. Chico estava banhado de suor. Ardiam-lhe os olhos. Tinha de atirar de qualquer modo. Não podia esperar mais. O delegado já estava muito perto. Dançava-lhe na mente um emaranhado de coisas. Ora o poste de suplício, fincado no formigueiro, ora a imagem de Mariazinha, muito clara e sorridente, mostrando a fileira de dentes alvos. O delegado surgia com a arrogância de um monstro, surrando-o com a guaiaca dobrada; depois, via-se entre as grades da prisão, cercado de guardas sujos e malencarados, dispostos a espancá-lo a todo o instante. Chico não pôde mais sustentar a arma em posição, deixando-a cair sobre as pedras. O delegado aproximava-se da encruzilhada. Parou, olhou para os lados e conseguiu divisar o corpo de Chico, que se levantava por detrás das pedras.

— Não atire, seu delegado. Resolvi me entregar. Estava aqui esperando pelo senhor.

— Chega mais perto, homem. Que é que te deu na cabeça? Não esperava por esta...

Chico sentia-se tranqüilo, como que aliviado de um grande peso.

— Você veio entregar-se armado desse jeito Chico? Traga-me essa arma aqui.

(Continua na página 46)

Se fôsse apanhado, algum dia, por falta de sorte, iria para a cadeia, na cidade, morrer aos poucos de tantas surras, nas mãos truculentas dos guardas. Tudo isso, porém, era melhor do que ficar amarrado a um poste, entregue ao apetite das formigas.

Chico chegou ao fim do atalho, apeou, escondeu o cavalo na mata e procurou acomodarse na melhor posição, entre as pedras que guardavam a encruzilhada. Examinou novamente o rifle. Depositou-o no chão, ao mesmo tempo que se sentava para descansar um pouco. Devia ter cuidados, pois pela encruzilhada costumava passar alguma gente, à tarde. Se o vissem, tudo estaria perdido. Havia momentos em que Chico pensava na hipótese de fugir, deixar tudo, atravessar o rio, e buscar outras terras. Começar vida nova. Mas, e o negro Crispim? As formigas penetrando-lhe nas narinas, nos olhos, nos ouvidos.

Súbitamente, ouviu um rumor na estrada. O coração bateu-lhe forte. Levantou-se e cuidadosamente divisou por entre as pedras uma pequena boiada e dois peões. Com toda a certeza era da fazenda do coronel Leôncio, para onde o delegado devia ir, naquela tarde. Uma vaca deu uma chilrada no bezerro que seguia à frente. O bichinho caiu ao chão, quieto, as pernas trêmulas, a pele do ventre arrepiando-se.

— Será que o bicho vai de embrulho, Badio?

— Por enquanto ainda está-se mexendo. Não há de ser agora que ele vai bater as patas. Vamos parar um pouco para ele se refazer.

O boiadeiro olhou para os lados, tirou o chapéu abanou-se, passou a mão pelos cabelos e considerou.

— Pior que isso eu já levei e não morri.

Chico ficou de ouvidos na prosa dos peões temendo que eles o descobrissem ali. Teve vontade de deixar as pedras e esconder-se na mata. Mas logo os boiadeiros partiram, conduzindo a boiada. O bezerro seguiu por último, capengando numa das pernas. O silêncio baixou sobre a encruzilhada. Chico escolheu um bom lugar entre as pedras, levou o rifle ao ombro e co-

tenas de policiais o viessem prender, por causa da morte do coronel Filgueiras. Chico começou a pensar no tempo em que residia na cidade onde se dava bem com todos, inclusive com o homem que estava agora na mira do seu rifle. Lembrou-se de Mariazinha. Não podia admitir que uma criaturazinha tão frágil e bonita pudesse ser filha de um homem que vivia em busca de gente para prender e espancar. Mariazinha era a cara do pai e tinha os cabelos loiros como os do homem que observava, ao longe, montado no cavalo branco. Não conseguia esquecer o dia em que Mariazinha aproximou-se dele, chamou-o pelo nome e deu-lhe uma dália vermelha. Depois a menina deixou-o, correndo pa-



FORTUNA (muito precocemente) **APRESENTA**

Crianças Século XX





— Não, você não entendeu quando telefonei. Era para vir brincar de guerra.



— Minha filhinha coisa nenhuma! Isto é um escritório.



— Felizmente que você ainda não se pinta...



*Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!*

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

